



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
CENTRO DE HUMANIDADES
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

CLAUDIA CRISTINA CARNEIRO FRANCO

**A EDUCAÇÃO DIALÓGICA NO ENSINO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS EM
LÍNGUA PORTUGUESA**

FORTALEZA/CE

2015

CLAUDIA CRISTINA CARNEIRO FRANCO

**A EDUCAÇÃO DIALÓGICA NO ENSINO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS EM
LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora Profa. Dra. Maria Izabel Santos Magalhães.

FORTALEZA/CE

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- F825e Franco, Cláudia Cristina Carneiro.
A educação dialógica no ensino de produção de textos em língua portuguesa / Cláudia Cristina Carneiro Franco. – 2015.
173 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: Linguagens e Letramentos.
Orientação: Profa. Dra. Maria Izabel Santos Magalhães.
1. Letramento. 2. Análise do discurso. 3. Pedagogia crítica I. Título.

CDD 371.309813

CLAUDIA CRISTINA CARNEIRO FRANCO

**A EDUCAÇÃO DIALÓGICA NO ENSINO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS EM
LÍNGUA PORTUGUESA**

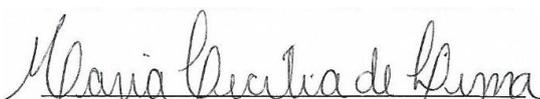
Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal do Ceará (UFC) como parte dos requisitos para a obtenção do grau de mestre, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Izabel Santos Magalhães.

Aprovada em: 09 / 07 / 2015.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Izabel Magalhães (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Profa. Dra. Maria Cecília de Lima
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



Profa. Dra. Áurea Suely Zavam
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante
Universidade Federal do Ceará (UFC)

DEDICATÓRIA

- ✓ À Professora Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, pela maneira generosa com que compartilha o aprendido e o vivido; e pela genialidade com que transpõe as barreiras entre a sombra e a luz;

- ✓ À Professora Dra. Ana Célia Clementino Moura, pelas lições lançadas à aluna/professora em formação; e pela postura exemplar em sala de aula que conquistou minha eterna admiração e respeito;

- ✓ À Professora Dra. Maria Ednilza Oliveira Moreira, por ter despertado em mim a consciência da importância da função social de minha profissão e pelo carinho com que sempre me orientou, enquanto fui bolsista de monitoria da disciplina de Teoria e Prática de Ensino.

AGRADECIMENTOS

- ✓ A Deus, pela força e coragem para continuar, mesmo quando me faltavam forças;
- ✓ Ao meu marido Franco, pelo cuidado com minha amada filha Clara; e a ambos por me apoiarem e me incentivarem a continuar, mesmo quando isso significava minha ausência em suas vidas;
- ✓ Ao meu saudoso pai, pelo desejo de ver uma filha “formada”, o que me fez buscar realizar sua vontade, mesmo depois de sua partida;
- ✓ À minha mãe, mulher guerreira que trabalhou o mais que pôde para nos educar e nos transformar em pessoas de bem;
- ✓ Às minhas irmãs, que cuidaram de meu bem mais precioso para que eu pudesse dedicar mais tempo aos meus estudos;
- ✓ Às amigas-irmãs Edgleuba e Nacélia, pela ajuda inestimável que me prestaram durante as pesquisas teóricas, emprestando material; enviando artigos; debatendo questões; e assessorando nas dificuldades operacionais em informática;
- ✓ Aos (Às) colegas de turma, pelos momentos de descontração tão necessários durante nossa “travessia”;
- ✓ Ao grupo de professores do PROFLETRAS, pela dedicação e paciência com nossa turma;
- ✓ Aos colegas de profissão que, diariamente, lutam contra “moinhos de vento” para ensinar aqueles que não têm consciência da importância do ato de aprender;
- ✓ Aos colegas de trabalho, pelo incentivo e pelas trocas de ideias nos raros momentos de folga, nos intervalos e entre uma aula e outra;
- ✓ À Profa. Dra. Maria Izabel Santos Magalhães, pela oportunidade de aprender ao seu lado; pela disponibilidade em esclarecer minhas dúvidas; e pelo incentivo constante, para que eu vencesse mais essa etapa em minha trajetória acadêmica;
- ✓ Por fim, aos (as) meus alunos e alunas, sem os quais esse trabalho não poderia ter acontecido; pelo carinho, pela dedicação e pela boa vontade em aceitar participar de uma experiência de compartilhamento de saberes.

***A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém
ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.
Arthur Schopenhauer***

RESUMO

O ensino da língua materna vem passando por várias modificações ao longo dos anos. Com a divulgação dos resultados de algumas avaliações institucionais, que apontam para o baixo rendimento dos estudantes, muitos pesquisadores têm se dedicado a estudar maneiras de desenvolver a competência comunicativa dos alunos e alunas matriculados no ensino básico. Atualmente, já percebemos uma preocupação maior das escolas em formar leitores e escritores fluentes, que saibam interagir com todos os tipos de textos e gêneros em circulação social, para tornarem-se sujeitos de sua própria história. As aulas de produção textual, aos poucos, começaram a ser reformuladas graças a novos conhecimentos que surgem nas diversas áreas de estudo da língua. Por isso, nesta dissertação, nosso principal objetivo foi desenvolver o letramento crítico, por meio da aplicação de uma sequência didática, como intervenção pedagógica, em uma turma de 8º ano, do Ensino Fundamental, de uma escola pública do município de Fortaleza. Utilizamos o material da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa, que trabalha com o gênero discursivo artigo de opinião, e analisamos a primeira e a última versão produzida por quinze alunos para observarmos se, a partir Sequência Didática, os(as) alunos e alunas conseguem assumir uma posição atuante socialmente. Para a análise dos textos, utilizamos um procedimento qualitativo, pois nos guiamos pela observação do desempenho e da capacidade dos alunos em se posicionar criticamente diante de um tema, por meio de um texto escrito. Como resultado da análise, constatamos que os alunos já tinham familiaridade com o gênero discursivo estudado. De maneira geral, houve avanço de dez alunos e alunas no que diz respeito às quatro categorias analisadas (estrutura genérica, intertextualidade, interdiscursividade, expectativa da professora x desempenho dos alunos). Para embasar nosso estudo, lançamos mão de pressupostos teóricos de Bakhtin e sua Teoria Social da Linguagem (2011; 2014); de Fairclough sua Teoria Social do Discurso (2001); de Street e a Teoria dos Novos Estudos do Letramento (2012; 2014) e de Schneuwly Dolz (2011).

Palavras-chave: letramento crítico, discurso, sequência didática, gênero, artigo de opinião.

ABSTRACT

The teaching of the mother tongue has been going through several changes over the years. With the dissemination of the results of some institutional assessments, which point to the low-income students, many researchers have been dedicated to studying ways to develop the communicative competence of students enrolled in basic education. Currently, we have a major concern of schools to train fluent readers and writers, who can interact with all types of texts and genres in society, to become subjects of their own history. The classes of textual production, little by little, they began to be reformulated thanks to new knowledge that arises in various areas of language of study. For this reason, in this thesis, our main objective is to develop critical literacy, through the application of a didactic sequence, as pedagogical intervention, to promote critical literacy in the students of a class the 8 the year of Elementary School, in a public school of Fortaleza. We use the pedagogic material of the Olympics Brazilian of the Portuguese Language, which is based on the genre essay and analyze the first and the last version produced by fifteen students to observe if, with the Didactic Sequence (SD), the students can argue for a text position. For the analysis of the texts we used a qualitative procedure, because the sheer through the observation of performance and of the capacity of students to position itself critically before a theme, by means of a written text. As a result of the analysis we can see that the students were already familiar with the discursive genre studied. In general, there was been forward of ten students as regards the four categories analyzed (general structure, intertextuality, interdiscoursevity, expectation of the teacher X performance of the students). We employed from theoretical assumptions of Bakhtin and his Social Theory of Language (2011; 2014); Fairclough and his Social Theory of Discourse (2001); Street and the Theory of the New Literacy Studies (2012; 2014); and Schneuwly and Dolz (2011).

Keywords: critical literacy, discourse, didactic sequence, genre, essay.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Esquema da Sequência Didática	26
Figura 2	Relação dialética entre os significados do discurso	31
Figura 3	Sequência Didática Realizada na turma B do 8º ano	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	A multifuncionalidade da linguagem	30
Quadro 2	Relação dos significados da linguagem e as categorias de Análise	30
Quadro 3	Resumo do conceito dos tipos de significado	31
Quadro 4	Categorias analíticas e questões para análise discursiva	32
Quadro 5	Planejamento da Sequência Didática	42
Quadro 6	Categoria expectativa x desempenho	54
Quadro 7	Resumo da análise discursiva	92

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A PRODUÇÃO DE ARTIGO DE OPINIÃO PARA FAVORECER O LETRAMENTO CRÍTICO	18
2.1	Street e os Novos Estudos do Letramento	18
2.2	Bakhtin e o dialogismo da linguagem	20
2.3	Bronckart e o Interacionismo Sociodiscursivo	22
2.3.1	Bakhtin/Volochinov	23
2.3.2	Vigotsky	24
2.3.3	Saussure	24
2.3.4	Habermas	25
2.4	Schneuwly e Dolz e a sequência didática como instrumento de ensino	26
2.5	Fairclough e a Teoria Social do Discurso	27
2.6	A afetividade e a aprendizagem	33
2.7	Algumas considerações	34
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
3.1	Contexto da pesquisa	35
3.2	Sujeitos	36
3.3	Descrição do perfil dos participantes	37
3.4	Dados	40
3.5	Método	41
3.5.1	Detalhamento das etapas da SD	48
3.6	Procedimentos	52
3.7	Considerações sobre o uso da SD como estratégia facilitadora do Letramento Crítico	53
4	ANÁLISE	54
4.1	Análise Discursiva	55
4.2	Resumo da análise discursiva	92
4.3	Outras considerações	94
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	99
	ANEXO A	102
	ANEXO B	133
	ANEXO C	150

1 INTRODUÇÃO

A língua escrita está presente, de forma muito marcante, em nossa sociedade letrada. Essa presença exige dos alunos um grau, cada vez mais acentuado, de familiaridade com textos de diferentes gêneros discursivos, para que alcancem o máximo de autonomia e consigam exercer plenamente o papel de cidadãos críticos e participativos socialmente.

O ensino de língua materna tem motivado muitos estudiosos a pesquisar novas hipóteses de trabalho que se voltem para o contato sociointeracional e reflexivo dos alunos com a língua materna. Isso porque é de interesse, principalmente das ciências sociais, que as pessoas entendam que o uso eficiente da língua confere-lhes poder e pode colocá-las em posição de destaque na estrutura social vigente.

Assim, como a comunicação humana acontece sempre por meio de textos, em semioses variadas, o gênero discursivo tem, ao longo dos anos, aparecido como elemento central nos estudos linguísticos. As teorias de gênero ganharam relevo ao incluírem no estudo da linguagem o aspecto social e discursivo constitutivos dos gêneros. Desse modo, o ensino da produção de textos de gêneros variados, na escola, traz um novo modelo de ensino, baseado na formação do letramento crítico e na formação discursiva dos alunos e alunas.

Por esse motivo, este estudo volta-se para a análise dos fatores que envolvem a produção de textos e a elaboração de metodologia que favoreça e incentive a promoção da formação crítica dos alunos e alunas, como a Sequência Didática (SD), conforme Schneuwly e Dolz (2013), embasada na prática dialógica entre todos os participantes do discurso. Assim, é possível considerar que a capacidade de ler, compreender, relacionar o que se lê com outras leituras, analisar textos e, a partir dessas vivências com a leitura, ser capaz de produzir novos textos, de acordo com a demanda social, pode possibilitar aos alunos e alunas novas experiências de integração com o mundo letrado.

A escola em que trabalhamos, infelizmente, ainda tem utilizado o letramento autônomo de que fala Street (1984), segundo o qual a escrita é vista como produto e não se relaciona com a realidade social, contrapondo-se ao letramento ideológico, para o qual a escrita é um processo e faz parte de práticas

sociais. Falaremos mais detalhadamente desses dois modelos de letramento mais adiante.

Cabe, então, aos professores - numa tentativa tímida de introdução do modelo ideológico - descobrir como fazer para contornar as resistências comportamentais enraizadas no modelo autônomo e encontrar práticas alternativas de exploração da realidade local. Isso mostra aos alunos que eles têm muitos conhecimentos que podem servir como ponto de partida para novos aprendizados. Em geral, partimos da realidade deles para alcançar novas experiências, sem desvalorizar o que já sabem ao chegar à escola; em outras palavras, colocamos-os como protagonistas de seu aprendizado.

De acordo com Marcuschi (2010, p.16), a escrita constitui um meio para a manifestação dos diversos tipos de letramento, sendo assim, no contexto da vida moderna ela passou a ser de fundamental importância na vida das pessoas.

Ao estudar aspectos do ensino da língua, não convém deixar de considerar, também, a dimensão relacional entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da escrita, pois, na perspectiva dialógica de que trata Bakhtin, o ser humano interage com o outro, posiciona-se diante do mundo e realiza mudanças em sua condição psicossocial por meio de relações discursivo-afetivas. De certo modo, o aprendizado é passível de acontecer com maior facilidade quando os envolvidos nesse processo ultrapassam a fronteira entre o ensinar e o aprender e assumem a interação, em sentido amplo, como base para a construção do conhecimento.

Koch e Elias (2012, p.34) consideram ainda o papel do leitor na interação discursiva. Para elas, a escrita precisa ser entendida além das regras da língua. Há de ser vista a relação existente entre a interação escritor-leitor. Nessa perspectiva dialógica da língua, escritor e leitor devem ser considerados autores/construtores sociais, visto que, ao serem concebidos como sujeitos ativos nesse processo, constroem-se e são construídos dialogicamente no texto.

Nesse contexto interativo-discursivo, acentua-se a ideia de que as relações humanas resultam da interação interindividual e coletiva. Essas relações compõem-se de um conjunto de pensamentos, valores, percepções, sentimentos, ações e reações que no dia a dia podem se transformar em situações de desafio para os envolvidos. Tais relações, embora complexas, são peças fundamentais na

criação da motivação e no estabelecimento do relacionamento entre professor-aluno/aluna e envolvem interesses e intenções de ambos os lados.

Com base na necessidade de redimensionar o ensino da escrita, favorecer a formação crítica do educando e da educanda e desenvolver a motivação para o letramento social e ideológico, faz-se necessário adotar práticas mais efetivas de apropriação de estratégias didático-pedagógicas que tornem os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da escrita sujeitos reflexivos e socialmente atuantes. Nesse contexto, os sujeitos são entendidos na dimensão que os identifica como pertencentes a determinado grupo com o qual partilham afinidades. A identidade desses sujeitos tem a ver com a origem social, o gênero, a classe, as atitudes, as crenças de um falante, e pode ser determinada pelas formas linguísticas, pelos significados que esse sujeito seleciona e pela maneira como quem produz um texto escrito é capaz de utilizar outras semioses para retextualizar o que produziu.

Tomamos aqui a produção escrita como processo de criação e não como produto pronto e acabado. Diante disso, comprometemo-nos a realizar uma proposta de intervenção pedagógica, por meio da aplicação de uma SD e considerar as diversas etapas que “moldam” a construção de um texto escrito, como a revisão, a releitura e, principalmente, a reescrita, que envolve estratégias de reformulação de partes do texto, supressão e acréscimo de trechos do texto (KOCH; ELIAS, 2012).

Dessa forma, objetivamos discutir novas abordagens teóricas, principalmente, os Novos Estudos do Letramento e a Análise de Discurso Crítica (ADC); verificar a influência da interação entre professor de Língua Portuguesa e seus alunos, para a construção da aprendizagem crítica da escrita, em turmas de 8º ano do Ensino Fundamental; compreender a construção dos alunos, no campo afetivo, social, cultural e histórico; e, por fim, aplicar e analisar uma SD, direcionada ao ensino e à aprendizagem de práticas de participação crítica na produção de textos, como estratégia facilitadora do letramento crítico. Para a aplicação e análise da SD, seguiremos a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para a produção de textos escritos, pois, desde a década de 90, este documento acena para a necessidade de um trabalho mais voltado para o caráter social da linguagem.

Nos PCN (1998), a orientação é tomar o texto como unidade básica do ensino e o gênero como objeto desse ensino. Assim, o ensino de língua portuguesa

precisa priorizar os textos de circulação social que contribuam para a reflexão crítica, a fomentação de formas mais elaboradas e abstratas do pensamento e de textos artísticos que possibilitem a fruição por parte de quem os lê.

Por acreditar no papel da escola como espaço, prioritariamente, destinado a promover o contato do aluno com estratégias facilitadoras de procedimentos apropriados de fala e escrita, em contextos públicos formais, os governos federal, estadual e municipal têm investido em formação docente e adotado critérios mais rigorosos na seleção do material didático, por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

O professor, como mediador no trabalho com a linguagem, precisa conhecer as bases teóricas que sustentam os PCN para conseguir fazer a ligação entre o que o aluno já sabe e o que ele precisa aprender para exercer sua cidadania, de forma plena. Além disso, também precisa detectar, nos novos materiais de ensino, as propostas de atividades que procuram desenvolver a linguagem de forma mais produtiva.

Segundo o documento em questão, a escolha dos textos a serem trabalhados em sala de aula deve obedecer ao critério dos agrupamentos de gêneros sugeridos e inspirados em Bronckart (2007) e Schneuwly e Dolz (2013), que pertençam à esfera do narrar, ideal para a criação do leitor/produtor de textos literários; do expor, importante para a construção de profissionais, como o jornalista e o professor, por exemplo; e do argumentar, imprescindível para a formação do leitor/produtor de textos críticos. Outros domínios discursivos presentes nas sugestões do documento em questão são relatar e instruir/prescrever.

De acordo com os PCN (1998), é necessário fazer uso de práticas nas quais as propostas de uso da fala e da escrita sejam principalmente a expressão e a comunicação através de textos. Assim, o planejamento das situações didáticas deve objetivar a compreensão e utilização adequada da linguagem por parte dos alunos.

Nesse trabalho, optamos por trabalhar com o gênero discursivo artigo de opinião, que pertence à esfera do argumentar, por considerar a argumentação essencial para o desenvolvimento da cidadania e da formação da consciência crítica dos alunos e alunas. Outro material utilizado por nós para montar a SD foi o Caderno do Professor da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa (OBLP), que trata do gênero artigo de opinião. Essa ferramenta didática é uma iniciativa do Ministério da

Educação (MEC), da Fundação Itaú Social (FIS), e coordenada pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec). Esse caderno traz sugestões para facilitar o trabalho dos professores sem, no entanto, limitar ou cercear a liberdade dos mestres, que ficam livres para adaptar as orientações de acordo com o perfil de seus alunos e de sua escola. A OBLP faz parte do Programa *Escrevendo o Futuro*, uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

De acordo com a apresentação do Caderno do Professor (2014, p.11), “escrever se aprende pondo-se em prática a escrita, escrevendo-se em todas as situações possíveis”. Tem-se ainda que observar a relevância dos alunos e alunas saberem escrever gêneros textuais variados, para que se adaptem às diferentes esferas de trabalho. Do contrário, dependerão de outros indivíduos e sofrerão com algumas limitações em seu ambiente de trabalho.

A partir da escrita do gênero discursivo artigo de opinião, pretendemos apresentar aos alunos e alunas uma maneira mais crítica de ver o mundo e ser capaz de modificá-lo em seu benefício e da comunidade na qual estão inseridos, uma vez que as relações de poder estão, de maneira muito forte, marcadas em nossa sociedade. Por essa razão, um dos objetivos do Caderno Pontos de Vista (2014) é possibilitar a estudantes e professores a compreensão e o reconhecimento de situações polêmicas do dia a dia. É fundamental o entendimento dos fatos que movem a vida em sociedade para que se adotem meios para que os estudantes possam ter direito ao pleno exercício da cidadania.

O gênero com o qual trabalhamos pode ser publicado em jornais, revistas ou internet; é assinado por um articulista, que pode ser jornalista ou não; tem características específicas que fazem dele um importante instrumento de manifestação de opiniões. A marca de autoria faz com que quem o lê tenha a exata noção do que pensa o articulista sobre determinado assunto. Desse modo, a escola cria situações para o desenvolvimento da prática de argumentar, tão importante para a participação para a participação do sujeito nos debates da comunidade e para a formação de opinião em que esse sujeito está inserido como ser social.

Em nosso estudo, não desenvolvemos a SD tal como proposta no Caderno do Professor. Optamos por uma adaptação da SD na temática de “o lugar onde vivo” para “a relação conflituosa entre pais e filhos”; e na escolha do gênero

“artigo de opinião” em vez da crônica, que originalmente é o gênero trabalhado no 8ºano. Essa proposta, inicialmente, é destinada aos alunos do ensino médio, mas fizemos algumas modificações e a executamos em uma turma de 8ºano do Ensino Fundamental. Além desse material, também utilizamos o livro didático adotado na escola, que é o Singular e Plural, 8ºano, da Editora Moderna.

Portanto, não precisamos conceber um material totalmente novo. Nossa ideia foi justamente o contrário: trabalhar com os materiais acessíveis, disponíveis na escola e que fizessem parte da rotina dos alunos e alunas para desenvolver a produção de texto argumentativo escrito.

Nesse sentido, começamos esse trabalho com a abordagem de questões mais gerais relacionadas à escrita; em seguida, discutimos algumas teorias na área da Linguística Aplicada, que embasaram a criação de uma proposta de intervenção didática e fundamentaram a análise das produções dos artigos de opinião, escritos pelos estudantes de uma turma de 8º ano, que participaram de uma sequência didática adaptada da OBLP; também apresentamos e comentamos os resultados da pesquisa em um quadro-resumo; e, para encerrar, tecemos considerações gerais sobre a contribuição desta pesquisa qualitativa para o desenvolvimento do letramento crítico dos sujeitos envolvidos.

2 A PRODUÇÃO DE ARTIGO DE OPINIÃO PARA FAVORECER O LETRAMENTO CRÍTICO

Revisando os pressupostos teóricos de Bakhtin, sobre a Teoria Social da Linguagem, nas obras *Marxismo e filosofia da Linguagem*, *O discurso no romance*, *Questões de literatura e estética* e *Estética da criação verbal*; de Fairclough, em *Discurso e mudança social*; de Street, em *Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento*, in Magalhães; e de Schneuwly e Dolz, em *Gêneros orais e escritos na escola*; pretendemos apresentar uma proposta de intervenção didática com a aplicação de uma Sequência Didática de escrita de artigo de opinião, que leve as contribuições dos enfoques teóricos supracitados para o ensino.

A seguir, fundamentaremos teoricamente nosso estudo acerca do dialogismo da linguagem, do letramento crítico e do desenvolvimento da capacidade argumentativa, por meio de SD e do estabelecimento de relação afetiva entre a professora de língua portuguesa e os alunos e alunas.

2.1 Street e os Novos Estudos do Letramento

Socialmente, a escrita sempre foi muito valorizada e, como tal, despertou e ainda desperta grande curiosidade e motiva pesquisadores, de épocas e lugares variados, a entendê-la e a buscar maneiras cada vez mais eficientes de desenvolvê-la.

Considerando os usos variados da escrita, na sociedade letrada, são utilizados outros termos relacionados ao letramento, o que Street (2012, p.69) considera problemático, aconselhando cuidado ao usá-los.

Uma variedade de termos sobre letramento surgiu em anos recentes, particularmente entre aqueles que defendem uma concepção social da leitura e da escrita: eventos de letramento, atividades de letramento, padrões de letramento, estratégias de letramento, situações de letramento[...] muitos desses termos estão relacionados entre si e são usados alternadamente. Quero sugerir que tentemos obter maior precisão e, em particular, gostaria de propor que um uso mais cuidadoso do termo práticas de letramento ajude a avançar tanto na teoria quanto na prática.

Street (1984) inclui à temática do letramento a ideia de letramento autônomo e letramento ideológico. O primeiro separa os grupos denominados “letrados” dos “iletrados”, além de atribuir à mentalidade estabelecida, com o conhecimento da escrita, o desenvolvimento social e tecnológico e relaciona a

aquisição da escrita a habilidades cognitivas, dissociando a escrita do contexto, da realidade social. Nessa perspectiva, quanto mais escolarizado alguém é, mais tem a chance de ascender socialmente. Já para o letramento ideológico, a leitura e a escrita são práticas sociais, baseiam-se em relações de poder, mantendo-o ou não, segundo a ideologia. Portanto, não se pode falar em leitura e escrita de forma neutra. Sob alguma perspectiva, há a tomada de um posicionamento crítico.

Street (1984) considera, ainda, que não existe apenas um tipo de letramento, mas considera uma nova visão de letramento em que reconhece a multiplicidade de práticas letradas, em vez de supor que exista um único tipo de letramento. No modelo autônomo, no qual a escrita é vista como independente do contexto e da realidade social, as sociedades são divididas entre letradas e não letradas. Em vez disso, o autor desenvolveu estudos sobre o modelo ideológico de letramento, em que a leitura e a escrita são vistas como práticas sociais e, por isso, situam-se em relações de poder e são orientadas por ideologias.

O primeiro modelo pressupõe que existe apenas um tipo de letramento, mas Street (2012) prefere levar em conta que o termo deve ser usado no plural “letramentos” ou “práticas de letramento”, por julgar que estes envolvem “concepção cultural mais ampla de modos particulares de pensar sobre a leitura e a escrita e de realizá-las em contextos culturais” (p.77).

Em estudo de campo realizado em povoados iranianos, na década de 1970, Street (2012) concluiu que havia três domínios em que as pessoas faziam uso da leitura e da escrita: o religioso, o escolar e o comercial. E ainda, que o letramento

era um conjunto de práticas sociais profundamente associadas à identidade e posição social. É a abordagem do letramento como prática social que fornece um modo de construir sentidos sobre as variações nos usos e nos significados do letramento nesses contextos, e não a confiança nas noções vazias de habilidades, taxas e níveis de letramento que dominam o discurso contemporâneo sobre o letramento. (p. 78-79)

A linguagem vista como prática social e ideológica pode posicionar as pessoas e pô-las em lugar de destaque, uma vez que pode conferir-lhes poder. Assim, o letramento pode assumir mais uma dimensão: a de letramento crítico socialmente construído. Como Magalhães (2012, p.62) observa que:

Fundamental na prática linguística crítica ou ideológica é incluir nos programas de ensino de línguas o estudo da intertextualidade/interdiscursividade. Mais importante do que escrever um

texto gramaticalmente correto é relacionar o que se escreve à reflexão sobre o que se leu. Da mesma forma, na leitura, estabelecer relação com outros textos ou discursos é o que movimenta o motor da reflexão (p. 62).

Para Magalhães (2012, p.7-13), as avaliações institucionais, ano após ano, mostram que não está sendo desenvolvida, nos estudantes, a capacidade de compreensão leitora, nem de produção de textos escritos; e que existe uma relação bastante próxima entre pobreza e baixo rendimento educacional.

Nesse sentido, o contexto sócio histórico e cultural, no qual o estudante está situado, faz parte de sua realidade e deve ser explorado como forma de compartilhamento de seus conhecimentos prévios e dos conhecimentos com os quais terá contato na escola, estabelecendo, assim, uma relação dialógica entre todos os elementos do discurso.

Para tal, discorreremos acerca do dialogismo explicitado com maior clareza nas seções seguintes, a partir das abordagens sociodiscursivas de Bakhtin e sua visão de dialogismo da linguagem; da perspectiva interacionista de Bronckart e sua análise crítica do discurso; e de Schneuwly e Dolz e a Sequência Didática como instrumento de ensino; e da abordagem sociosemiótica de Fairclough e sua análise crítica do discurso.

2.2 Bakhtin e o dialogismo da linguagem

A linguagem em Bakhtin é entendida como fenômeno social e ideológico e é por meio da enunciação que acontece a interação verbal. Por isso, “no processo da relação social, todo signo é ideológico e, portanto, também o signo linguístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinado” (BAKHTIN, 2009, p. 45).

Tendo em vista a multiplicidade e complexidade da teoria bakhtiniana, discutiremos dois eixos que norteiam e fundamentam a concepção de linguagem: o dialogismo e o plurilinguismo, este entendido como a fala do outro no discurso de outro, o que pressupõe vozes diferentes interagindo e correlacionando-se intrinsecamente aos enunciados.

Sobre o dialogismo, Bakhtin (2011, p. 301) observa que “os enunciados dialogam entre si” e podem ser vistos como elos “na cadeia da comunicação discursiva”. As visões de mundo, as crenças, os desejos e as posições sempre vão

remeter a quem os produziu e, ao mesmo tempo, a quem se dirigem, em um constante movimento dialógico. Para Bakhtin (2011, p.298),

O enunciado é pleno de *totalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento.

O autor interessa-se, de fato, não pelo sistema da língua, estático, imutável, mas pela linguagem em uso e em interação social. Para ele, a enunciação é o momento exato do uso da linguagem, processo no qual estão envolvidos os participantes, mas também há a presença do tempo e do espaço sócio historicamente constituído. Como crítica à Linguística, julga faltar nela uma abordagem da enunciação, que dê conta do que, no seu modo de ver, é o discurso, isto é, a “linguagem em sua totalidade concreta e viva” (Bakhtin, 2011, p.181).

Por considerar que a enunciação acontece mediante os gêneros do discurso, Bakhtin (2011, p.262) define-os como “*tipos relativamente estáveis*” de enunciados e pressupõe que existem inúmeras possibilidades de realização do gênero, conforme a situação e a necessidade de uso, nos variados contextos sociais.

De acordo com a heterogeneidade dos gêneros, Bakhtin (2011, p.263-264) assume que podem ser primários (simples) ou secundários (complexos), sendo que estes incorporam os primeiros em sua realização.

Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formam em condições de comunicação discursiva imediata (espontânea). [...] A diferença entre os gêneros primário e secundário (ideológicos) é extremamente grande e essencial, e é por isso mesmo que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades.

Conforme essa consideração, a forma como as pessoas recorrem aos gêneros no dia a dia é que será determinante para a escolha da estrutura do gênero

a ser utilizado no discurso. Os sujeitos assumem diferentes posições no ato enunciativo, dependendo das solicitações dos processos interlocutivos.

2.3 Bronckart e o Interacionismo Sociodiscursivo

O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) é uma concepção teórica e metodológica que se baseia, principalmente, na teoria do signo, de Saussure; no Sociointeracionismo, de Vygotsky; na teoria dos gêneros, de Bakhtin; e na a teoria do agir comunicativo de Habermas. É uma extensão do Interacionismo Social¹. Surgiu na década de 1980, quando um grupo da Universidade de Genebra reuniu-se para estudar como os textos/discursos são produzidos e quais capacidades da linguagem são desenvolvidas durante o ensino/aprendizagem dos gêneros.

Para Bronckart (2006), o propósito do Interacionismo Sociodiscursivo não é estabelecer um novo modelo de análise do discurso, mas analisar as práticas de linguagem na constituição e no desenvolvimento das capacidades epistêmicas (ordem dos saberes) e praxeológicas (ordem do agir) dos seres humanos. Assim, o foco dessa vertente de cunho social são as práticas de linguagem (também chamadas de práticas languageiras, em algumas traduções), na medida em que estas constituem o modo como o ser humano adquire conhecimento e, ao mesmo tempo, o modo como ele amplia o cabedal linguístico, já que é linguisticamente que ele age socialmente.

É bem verdade que a análise do discurso é corriqueira nessa corrente interacionista, contudo ela não tem fundamento em si mesma, mas nas práticas sociais. Isso porque a linguagem, para o ISD, é concebida como um fenômeno social e histórico associado às atividades sociais. Isso significa que a linguagem é capaz de representar uma maneira particular de agir em sociedade, e por isso a análise do discurso seria um mecanismo capaz de desnudar essa representação.

¹O Interacionismo Social é uma corrente de pensamento das ciências humano-sociais constituída no século XX, notadamente através das obras de Bühler (1927), Claparède (1905), Dewey (1910), Durkheim (1922), Mead (1934), Wallon, e Vygotski. Sustenta que o pensamento consciente humano deve ser estudado paralelamente à ao mundo dos fatos sociais, sendo que os processos de socialização e os de individuação são na verdade duas vertentes indissociáveis do mesmo desenvolvimento humano.

Para o ISD, a linguagem é o principal fator de desenvolvimento humano. Por isso, o discurso só poderá materializar-se e passar a ter sentido numa prática social comunicativa; prática essa que deve ser entendida como a inserção em situações reais de uso da linguagem.

De acordo com Bronckart (2006), o agir comunicativo é uma ação social sempre situada em contextos de produção específicos e baseada no conhecimento que temos dos usos da linguagem nesses contextos. Por isso, os estudiosos sugerem o ensino por meio de gêneros textuais, uma vez que os gêneros são grupos de enunciados relativamente estáveis (BAKHTIN, 2003), utilizados em contextos comunicativos diferentes que reinterpretem o agir comunicativo.

Na perspectiva da Filosofia da Linguagem, os gêneros textuais são materializações das ações de linguagem, classificados de acordo com a presença de seus elementos estáveis, como o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional (BAKHTIN, 2003).

2.3.1 Bakhtin/Volochinov

Bakhtin foi uma das principais influências de Bronckart, embora ele prefira referir-se a Volochinov quando se refere a determinados conceitos. Nesse aspecto, interessa a Bronckart inicialmente a relação bakhtniana entre a interação verbal e as outras atividades humanas, em particular as que envolvem a linguagem. Dessa maneira, a língua não consiste em um repositório estático de estruturas gramaticais e de vocábulos; ela é revelada por meio de enunciações concretas, por meio da interação verbal (BAKHTIN, 2003, p. 282-283).

Outro aspecto interessante de Bakhtin, talvez uma das mais importantes para os rumos que o ISD tem tomado, diz respeito à noção de linguagem situada através dos gêneros textuais, o que pode ser observado quando Bakhtin afirma que “qualquer enunciado considerado isolado é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, 279).

Nesse sentido, para Bakhtin, acima do enunciado, forma particular e única de expressão, encontra-se o gênero discursivo², que consiste em tipos de enunciados formados sócio historicamente e que são utilizados em determinadas situações de uso. Bronckart apropria-se desse conceito, agregando-lhe o estatuto de reguladores linguístico-discursivos dos textos.

2.3.2 Vigotsky

O ISD resgatou, principalmente, de Vigotsky a concepção de que o pensamento humano constitui-se a partir da conexão entre elementos semióticos e sociais. Isso implica dizer que o ser humano não apreende a mediação por meio de signos a não ser pelo uso social que se faz da linguagem.

As funções mentais superiores, de acordo com Vigotsky (2000), têm natureza social (em contraposição ao pensamento corrente de que tais funções teriam natureza biológica). Essas funções são transformadas em processos mentais, mantendo, contudo, seu caráter social. Isso porque, para Vigotsky, essa internalização do social não é oposta a ele, mas uma forma superior de sociabilidade.

Dessa forma, Bronckart utilizou-se da teoria desenvolvimentista de Vigotsky, mas faltava-lhe um elo entre o social e o individual. Interessava saber de que maneira, ou que mecanismo psicológico maleável e, ao mesmo tempo, convencionalizado seria mediatizador nessa relação entre as redes de pré-construtos sociais e as funções mentais superiores.

2.3.3 Saussure

Bronckart se apropria do estruturalismo saussureano a fim de complementar a teoria desenvolvimentista de Vigostky, no sentido de relacionar o caráter sociohistórico com o individual da língua. Assim, a concepção de língua como portadora de um elemento coletivo, instituído socialmente, convencionalizado e algo que foge ao domínio do falante é retomada pelo ISD.

²Bronckart não utiliza o termo gêneros do discurso, preferindo gêneros de texto. De certa maneira, se nos referirmos a enunciados como textos, enquanto agir particular, faz sentido o termo bronckartiano, numa perspectiva descendente de análise.

Assim, Bronckart (2006, p. 7) volta à questão do signo linguístico como entidade processual, “que acolhe imagens mentais temporárias e estáveis, porque são dependentes do uso.” Além disso, a concepção do sistema da língua como entidade aberta, em constante interação com os sistemas sociais, psicológicos e discursivos coadunam com a concepção desenvolvimentista de Vigostky no tocante à mediação pelo signo.

2.3.4 Habermas

Para o ISD, as atividades languageiras são o lugar e o meio das interações sociais constitutivas do conhecimento humano. Assim, as interações verbais regulam e mediam a participação nas atividades de linguagem. Essa é, em resumo, a teoria do agir comunicativo de Habermas. Note-se que a maneira pela qual os seres humanos atuam na sociedade, retomando-se os conceitos de Bakhtin, é através dos enunciados concretos. Trata-se, portanto, de um agir individual,

uma ação de linguagem consiste em produzir, compreender, interpretar e/ou memorizar um conjunto organizado de enunciados orais e escritos (um texto no sentido geral que damos a esse termo como unidade linguística). (Dolz, Pasquier e Bronckart *apud* Schneulwy e Dolz, 2013, p.63).

Para Habermas, as ações comunicativas são interações cujo acordo é medido pelas condições de validade, que estão relacionadas à representação de três mundos, que são o cenário em que a intersubjetividade atua:

- a) o *mundo objetivo*, representação das coisas, da realidade, sobre o qual é preciso ter certo conhecimento;
- b) o *mundo subjetivo*, *constituído por* regras, convenções e sistemas de valores construídos por um grupo, convenções e valores; e
- c) o *mundo social*, o qual constitui a maneira particular de organizar o agir.

Esses três mundos, para Bronckart, permitem que o discurso se materialize e adquira sentido nas situações reais de uso da linguagem, já que todo discurso visa a produzir um efeito de coerência no destinatário.

Os gêneros são criados, justamente, como meio de atender a essas demandas que surgem das situações reais de prática da linguagem.

2.4 Schneuwly e Dolz e a sequência didática como instrumento de ensino

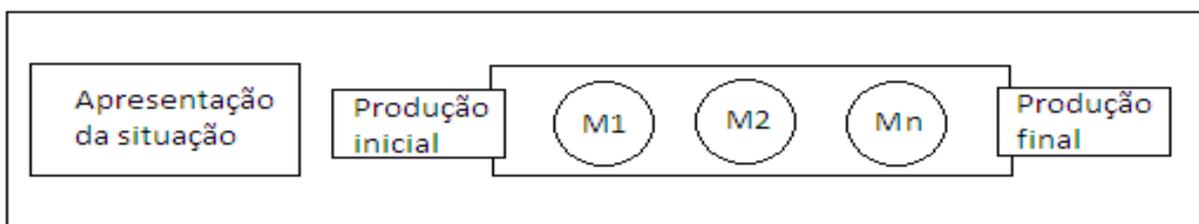
Para Schneuwly e Dolz (2013, p.24), é de grande valia ensinar a compreender e produzir os mais variados gêneros, visto que são “instrumentos” para alcançar o entendimento de que a sociedade letrada exige participações sociais diferentes, ora na fala, ora na leitura, ora na escuta, ora na escrita de textos. Como instrumento semiótico e complexo, os gêneros são mediadores das interações discursivas entre sujeitos. Porém, o professor precisa ter o cuidado de não ensinar, como tradicionalmente se faz, isto é, ficar na superfície do gênero apenas classificando seus elementos estruturais e esquecer que o mais importante é focar no ensino da compreensão da função social de cada ocorrência discursiva.

Os autores em questão criaram uma proposta de trabalho com gêneros orais e escritos chamada sequência didática, que é um “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática” (p. 82). E ainda acrescentam a seguinte afirmação:

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente. (Schneuwly e Dolz, 2013, p. 83).

A figura seguinte mostra o esquema de sequência didática apresentado por Schneuwly e Dolz (2013):

Figura 1: Esquema da Sequência Didática:



Fonte: SCHNEUWLY e DOLZ (2013, p.83)

A situação inicial é o momento em que o professor explica o funcionamento das atividades e motiva os alunos e alunas para a participação nos módulos; a produção inicial é o instrumento produzido pelos alunos e alunas (oral ou escrito) e utilizado pelo professor para investigar qual o grau de conhecimento dos alunos e alunas sobre o gênero a ser trabalhado em sala e para nortear as ações

futuras que serão adotadas nos módulos para que os alunos e alunas apropriem-se da estrutura e função social do gênero em estudo; os módulos são as etapas planejadas pelo professor, da maneira como julgar conveniente, para atingir seu(s) objetivo(s); a produção final é o instrumento que servirá como “termômetro” para “medir” se o(s) objetivo(s) foi/foram alcançado(s) total, parcialmente ou se não foi/foram alcançado(s).

2.5 Fairclough e a Teoria Social do Discurso

Assim como Bakhtin concebe a linguagem como fenômeno social e ideológico, Fairclough (2001) também ressalta uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, como se pode verificar na seção seguinte.

A dimensão do discurso em Fairclough (2001, p.91) é social e está ligada à noção de linguagem falada e escrita. Segundo essa dimensão, “primeiro implica ser o discurso um modo de ação; segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social”. Ainda em relação ao discurso também enfatiza a ideia de que:

o discurso é socialmente constitutivo. [...] O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

De acordo com Ottoni e Lima (2014, p. 65), esta relação dialética significa dizer que “o discurso molda a sociedade e também é moldado por ela por meio de relações de classe, gênero, raça ou por contextos e instituições, como, por exemplo, a escola”. Esta se configura, portanto, como um espaço relativizante, que tanto pode dar importância a alguns grupos e sujeitos, como esconder e marginalizar outros. O papel do texto escrito é fundamental, uma vez que o texto é “uma parte dos processos sociais de produção, interpretação e consumo”. Outra observação relevante feita por Ottoni e Lima (2014, p.70) é a seguinte:

A escola reproduz a cultura dominante [...] e contribui para reproduzi-las. Isso se deve ao fato de esse contexto possuir cultura particular, o da classe hegemônica, cultura que se manifesta na seleção das disciplinas ensinadas, na escolha dos conteúdos e dos gêneros discursivos a serem trabalhados, que são produtos de relações de força entre grupos sociais, por isso não neutra.

Assim, uma abordagem teórica que serve aos nossos propósitos é a Análise de Discurso Crítica (ADC). Ela tem uma função de grande valia para a sociedade, pois propõe que as ideologias e lutas hegemônicas sejam descortinadas e desmitificadas para que os atores sociais possam agir, interagir e transpor as barreiras impostas pelos grupos que detêm o poder.

As contribuições do discurso vão desde a construção de “identidades sociais e das relações sociais entre as pessoas” até a construção de “sistemas de conhecimento e crença” Fairclough (2001, p. 92). Essas contribuições relacionam-se com três funções da linguagem:

A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso, a função relacional a como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas, a função ideacional aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações.

É possível compreender que o discurso ultrapassa os limites do texto escrito. Ele entremeia variados modelos semióticos que circundam uma intenção comunicativa. Por esse motivo, Fairclough (1989, p. 15) atenta para o fato de que a “língua se conecta com o social, sendo o domínio primário da ideologia e sendo tanto o interesse principal como o lugar em que têm lugar as lutas de poder.” Com essa afirmação, alertamos para a impossibilidade de distanciar o discurso das relações sociais que orientam o convívio social.

Sendo assim, o mesmo autor considera ainda que os textos podem ser responsáveis por operar mudanças que interferem em nosso relacionamento com tudo o que nos rodeia. As manifestações discursivas não podem ser separadas das relações sociais, pois estas influenciam aquelas e são influenciadas por elas. Há um constante imbricamento do discurso nas relações sociais, o que acaba por influenciar a construção da identidade dos atores sociais.

Os textos tanto são produzidos e consumidos em contextos sociais variados. Seguindo visão de Foucault (*apud* FAIRCLOUGH, 1992, p.109) os discursos são concebidos como formas diferentes de posições dos domínios de práticas e conhecimentos. Dessa forma, constrói sua teoria social, voltando-se para a pluralidade de interpretações e efeitos de sentido que os textos podem assumir:

os processos de produção e interpretação são socialmente restringidos num sentido duplo. Primeiro, pelos recursos disponíveis dos membros, que são estruturas sociais efetivamente interiorizadas, normas e convenções, como também, ordens de discurso e convenções para a produção, a distribuição e o consumo dos textos do tipo já referido e que foram constituídos mediante a prática e a luta social passada. Segundo, pela natureza específica da prática social da qual fazem parte, que determina os elementos dos recursos dos membros a que se recorre e como a eles se recorre.

Fairclough (2001) também acrescenta a ocorrência de dimensões sociocognitivas de produção e interpretação textual, que tem seu centro no conhecimento que os participantes têm do discurso. Esse discurso está sempre permeado de um conteúdo ideológico do próprio grupo que o produz.

Isso nos conduz a observar, com olhar mais crítico, nossas ações diárias para que possamos fazer uso do poder que a linguagem/discurso podenos proporcionar e, ainda, entender que as “práticas discursivas são investidas ideologicamente à medida que incorporam significações que contribuem para manter ou reestruturaras relações de poder”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121).

Em consonância com Fairclough (2001, p.128) não devemos deixar de constatar o seguinte:

À medida que os produtores e os intérpretes combinam convenções discursivas, códigos e elementos de maneira nova em eventos discursivos inovadores estão, sem dúvida, produzindo cumulativamente mudanças estruturais nas ordens de discurso: estão desarticulando ordens de discurso existentes e rearticulando novas ordens de discurso, novas hegemonias discursivas.

A análise aqui realizada baseia-se nas categorias linguístico-discursivas de análise textual, adotadas por Fairclough (2003a) *apud* Ramalho & Resende (2011, p. 111 a 116). Segundo as autoras, a ADC, toma como base a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que propõe um “rico arcabouço de categorias linguístico-discursivas de análise textual” (p. 111).

Em ensaio para o International Systemic Functional Congress (ISFC), Resende (2006, p.1070) explica a validade das análises discursivas levarem em conta as ideias vindas da LSF. Para Resende, tem o seguinte objetivo:

além de estabelecer princípios gerais relacionados ao uso da linguagem, investigar a interface entre as funções sociais e o sistema interno das línguas. A compreensão das implicações de funções sociais na gramática é central à discussão que relaciona linguagem e sociedade. A relação entre as funções da linguagem e a organização dos sistemas linguísticos é, para Halliday (1973), um traço geral da linguagem humana, pois tais sistemas são abertos à vida social. Daí a necessidade de se estudarem os sistemas internos das línguas naturais sob o foco das funções sociais.

As macrofunções da linguagem observadas por Halliday (1994) podem estar presentes nos textos, ao mesmo tempo. O quadro abaixo ilustra essas macrofunções e relaciona-as ao desdobramento feito por Fairclough (2001):

Quadro 1: A multifuncionalidade da linguagem

HALLIDAY (1994)	FAIRCLOUGH (2001)
✓ Função ideacional	✓ Função ideacional
✓ Função interpessoal	✓ Função relacional
	✓ Função identitária
✓ Função textual	✓ Função textual

Fonte: adaptado de FAIRCLOUGH (2001).

A linguagem é interpretada, no quadro acima, como multifuncional e, portanto, complexa. Essa complexidade resulta do fato de qualquer enunciado poder ser analisado sob a ótica de uma ou de todas as funções, simultaneamente ou não.

Avançando em sua pesquisa, FAIRCLOUGH (2001) reelabora o quadro das multifuncionalidade da linguagem e apresenta novos elementos para servirem de base para a análise textual/discursiva em ADC. Assim, lança uma proposta de articulação entre as três macrofunções de Halliday e as noções de “gênero, discurso e estilo, sugerindo no lugar das funções da linguagem, três principais tipos de significado: o acional, o representacional e o identificacional”. Essa nova abordagem dos significados da linguagem partem da modificação feita, anteriormente por Fairclough (2001), às funções de Halliday, conforme o quadro acima mostrou.

As modificações operadas por Fairclough (2001) resultaram em um novo modelo para conectar os significados da linguagem às categorias de análise, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 2: Relação dos significados da linguagem e as categorias de análise

SIGNIFICADOS DA LINGUAGEM	CATEGORIAS DE ANÁLISE
✓ Acional	✓ Estrutura genérica
	✓ Intertextualidade
✓ Representacional	✓ Interdiscursividade
	✓ Representações
✓ Identificacional	✓ Modalidade
	✓ Avaliação

Fonte: adaptado de Fairclough (2003) *apud* Ramalho & Resende (2011).

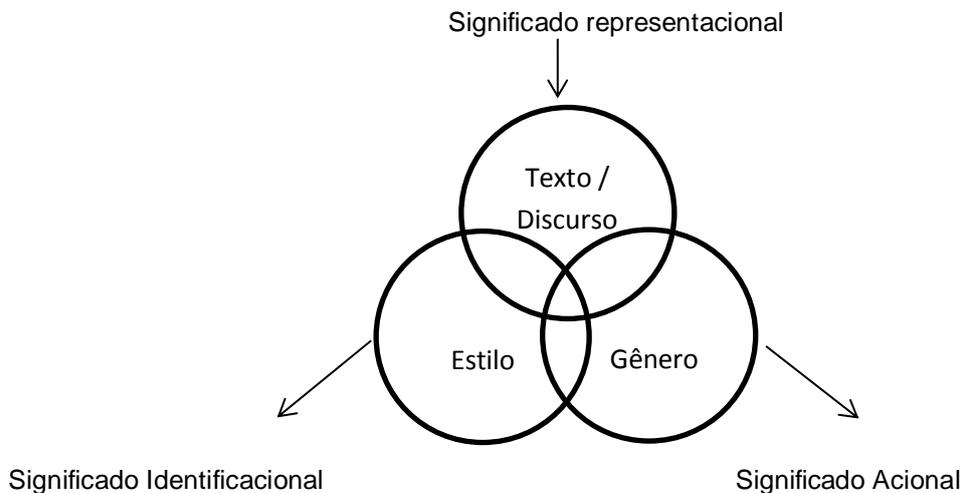
A manutenção dos três significados reforça a faceta multifuncional da linguagem advinda da LSF. Conforme o autor,

o discurso figura de três principais maneiras como parte de práticas sociais, na relação entre textos e eventos: como modos de agir, como modos de representar e como modos de ser. A cada um desses modos de interação entre discurso e prática social corresponde um tipo de significado.

Fairclough (2001).

A figura abaixo ilustra a relação dialógica entre os significados do discurso e liga-os aos três elementos de ordem do discurso (gêneros, discursos e estilos).

Figura 2: Relação dialética entre os significados do discurso



Fonte: Ramalho e Resende (2011, p. 49).

O quadro abaixo procura resumir o conceito de cada significado para visualizarmos melhor:

Quadro 3: Resumo do conceito dos tipos de significado

TIPOS DE SIGNIFICADO	CONCEITO
✓ Significado Acional	✓ Ligado ao conceito de gêneros como “o aspecto especificamente discursivo de modos de agir e interagir no curso de eventos sociais”. FAIRCLOUGH, (2003, p. 65) <i>apud</i> OTTONI e LIMA, (2014, p. 33).
✓ Significado Identificacional	✓ Relacionado ao conceito de “estilo” e diz respeito aos “modos de ser ou identidades em seus aspectos linguísticos e semióticos”. FAIRCLOUGH, (2003, p. 65) <i>apud</i> OTTONI e LIMA, (2014, p. 41).
✓ Significado Representacional	✓ “ênfatisa a representação de aspectos do mundo – físico, mental, social – em textos”. RESENDE (2006, p. 1073).

Fonte: adaptado de Fairclough, (2003)

Em suas pesquisas, Fairclough, (2003) *apud* Resende (2006, p. 1073) sugere que se faça a ligação entre ação e gêneros, identificação e estilos, representação e discursos, pois “gêneros, estilos e discursos são modos relativamente estáveis de agir, de identificar e de representar”.

Considerando as categorias de análise discursivas citadas por Fairclough, (2003) *apud* Ramalho e Resende (2011, p. 114 a 116), as autoras esclarecem que “*essas categorias auxiliam o mapeamento de relações dialéticas entre o social e o discursivo, permitindo a investigação de efeitos constitutivos de textos em práticas sociais, e vice-versa*” Ramalho & Resende (2011, p. 111).

Ramalho e Resende (2011, p. 112 e 113) consideram importante definir o que são essas “Categorias Analíticas”. Para elas,

são, portanto, formas e significados textuais associados a maneiras particulares de representar, de (inter)agir e de identificar(-se) em práticas sociais situadas. Por meio delas, podemos analisar textos buscando mapear conexões entre o discursivo e o não discursivo, tendo em vista seus efeitos sociais.

Além disso, as autoras ainda defendem ue as categorias são escolhidas como consequência do próprio texto e das questões/preocupações de pesquisa. Abaixo, temos um quadro com algumas categorias adotadas por Fairclough (2003a) *apud* Ramalho& Resende (2011, p. 114 a 116), nas quais apresenta questões para guiar a análise de determinado estudo de texto. A escolha de uma ou de outra categoria vai depender do objetivo de quem vai fazer a análise.

Abaixo, temos o quadro com algumas das categorias às quais nos referimos anteriormente, que nos guiam na tarefa de analisar os textos produzidos por nossos alunos (as).

Quadro 4: Categorias analíticas e questões para análise discursiva

CATEGORIAS ANALÍTICAS	QUESTÕES SOBRE O TEXTO EM ANÁLISE
✓ Estrutura genérica	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Como o texto se organiza estruturalmente? ✓ Que traços caracterizam o gênero? ✓ Que outros gêneros o texto articula?
✓ Intertextualidade	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Que vozes o texto traz de outros textos? ✓ Como percebemos a presença dessas outras vozes? ✓ Qual a relevância dessas vozes para a construção do texto?
✓ Interdiscursividade	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Que discursos são articulados no texto? ✓ Como esses discursos são articulados? ✓ Há uma mistura de discursos sendo articulados no texto?

Fonte: adaptado de Fairclough (2003)

Diante do exposto, a vertente teórica aqui apresentada parece-nos bastante apropriada para nosso estudo, uma vez que investiga as relações estabelecidas entre os elementos do discurso e as práticas sociais das quais participam para efetivar uma posição crítica diante da vida social. As interações entre a tríade do discurso - texto, prática discursiva e prática social - poderão ampliar o horizonte e a visão crítica dos estudantes, desenvolvendo neles a consciência da necessidade de apropriação efetiva do lugar social para serem em vez de apenas estarem no mundo.

2.6 A afetividade e a aprendizagem

Nesta pesquisa, também achamos necessário discutir outra abordagem que serviu como meio para a construção de um modelo mais produtivo de ensino, nas aulas de produção de texto. Atualmente, muitos trabalhos científicos, principalmente na área de Educação, falam da importância de inserir a afetividade no currículo escolar. Mas, não vemos, na prática, a relação afetiva sendo desenvolvida entre mestres e estudantes, salvo raras exceções. Diariamente, o docente precisa empregar “técnicas de sedução” das mais variadas para conseguir a atenção e a participação de seus alunos nas tarefas pedagógicas.

De acordo com Wallon (2007), existe uma relação muito próxima entre afetividade e inteligência. O despertar da consciência não é tão natural como se pensa. Os profissionais precisam destituir-se da posição daquele que ensina para adentrar no espaço daqueles que aprendem e ensinam, simultaneamente. Para isso, a humildade e a solidariedade dos mestres são fundamentais na busca pelo desenvolvimento do outro e devem permear todo o processo de ensino e aprendizagem.

O docente deve levar em conta que, na fase em que Wallon classifica como *estágio da puberdade e adolescência*, o indivíduo volta-se para si, tentando explorar a própria constituição identitária. É uma fase extremamente contraditória e complexa, pois nem se é mais criança, nem adulto ainda. Nesse momento, o diálogo deve ser mais utilizado, mantendo-se o equilíbrio entre os aspectos cognitivos e afetivos. A afetividade apresenta-se, no dia a dia, como [...] “uma dimensão inseparável, indissociável da inteligência, promotora de desenvolvimento”. (ALMEIDA, 1993, p.41).

O professor que compartilha da afetividade com seus alunos e alunas pode conseguir resultados bem mais significativos que aquele que se mantém no pedestal de dono do saber. Por isso, Leite e Tassoni (2002, p.19) observam que

a qualidade da mediação, em muitos casos, determina toda a história futura da relação entre o aluno e um determinado conteúdo [...] uma mediação afetiva, com resultados profundamente afetivos determina processos de constituições individuais duradouros e importantes para o indivíduo.

Cabe lembrar que a afetividade vai além dos gestos físicos. Ela se manifesta no cuidado, no respeito às especificidades do outro, na preparação de material didático-pedagógico adequado, na compreensão da realidade social, moral, histórica, cultural, econômica e psicológica de cada indivíduo que compõe o espaço educacional.

Cabe lembrar que, ser afetivo e demonstrar afetividade, não significa ser permissivo e deixar os estudantes agirem como quiserem; pelo contrário, é tomar para si a tarefa de disciplinar e educar, a partir do diálogo e do respeito; é não subestimar a capacidade dos estudantes e mostrar-lhes as diversas possibilidades de “empoderamento” pela construção dos saberes solicitados pela sociedade em que (con)vivemos.

É fundamental que o docente tenha clareza para lidar com sua própria afetividade e a de seus alunos. Conhecer os estudantes e deixar-se ser conhecido por eles é um gesto de profundo respeito e uma demonstração do quanto participar do universo do outro pode vir a modificar, positivamente, a relação de ensino e aprendizagem.

2.7 Algumas considerações

De acordo com os enfoques teóricos e metodológicos que guiaram nossa pesquisa, pretendemos aliar a teoria apresentada aqui à nossa prática docente para construir novas estratégias que favoreçam a formação do letramento crítico em nossos alunos e alunas.

Querendo ou não, cabe a nós, professores, diminuir a distância entre as forças que detêm e mantêm o poder e os grupos menos favorecidos socialmente. E cabe à escola, fornecer instrumentos para que a comunidade escolar (alunos, pais, funcionários, professores e gestores) possa, por meio do conhecimento, do saber e

do estar no mundo exercer o protagonismo de que tantos falam e poucos põem em prática.

É no ambiente escolar que ideologias podem ser desnudadas e novas práticas discursivas podem ser legitimadas para que todos tenham iguais condições de ascender socialmente e assumir um lugar diferente do que temos visto ao longo da história. Assumir uma posição diante do mundo é situar-se socialmente e não deixar que outros digam qual é o lugar que devemos ocupar.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir, trataremos de contextualizar a pesquisa e a Sequência Didática realizada como proposta de intervenção pedagógica para favorecer o letramento crítico dos alunos e alunas de uma turma de 8º ano, do Ensino Fundamental.

3.1 Contexto da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em uma escola pública, da rede municipal de Fortaleza. Apesar de ser considerada escola modelo, essa instituição apresentava um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2.6, considerado baixo para as metas estabelecidas pelo Governo Federal (IDEB de 6.0).

Os alunos e alunas participantes desta pesquisa encontram-se numa faixa etária entre 13 e 17 anos. Eles residem próximo à escola e esta fica situada numa comunidade carente, marcada por diversos problemas sociais, como o alto índice de criminalidade, o desemprego e a baixa renda familiar (de acordo com censo escolar).

Essa comunidade emergiu a partir da construção de uma estrada de ferro, que interliga os bairros às localidades circunvizinhas. Por essa razão, não apresenta infraestrutura adequada para suprir as necessidades da comunidade. Há partes do bairro, por exemplo, em que o transporte público e a coleta de lixo não conseguem alcançar.

A “fragilidade” encontrada no contexto social pode explicar alguns problemas vivenciados pelos estudantes, como a falta de interesse pela educação formal, a indisciplina e a baixa autoestima, marcantes em alguns deles.

Em nossa pesquisa, o objetivo inicial foi observar e analisar a influência da interação entre a professora de Língua Portuguesa (nesse caso a própria pesquisadora) e seus alunos e alunas, na construção da aprendizagem crítica da escrita como prática social; e sugerir, como proposta de intervenção pedagógica,

atividades de uma SD para possibilitar o desenvolvimento de uma linguagem dialógica, em turmas de 8º ano do Ensino Fundamental.

Nesse contexto, as relações de teor afetivo e a interação entre professora e estudantes, permitiram que estes fossem capazes de produzir textos escritos argumentativos. Por meio desses textos, explicitaram, de forma crítica, sua visão de mundo e sua potencial capacidade de analisar e modificar em benefício próprio e de seu grupo o meio social em que vivem (FAIRCLOUGH, 2001). Fairclough ressalta a importância da relação dialética entre discurso e estrutura social, pois o discurso pode ser visto como uma forma de prática política e ideológica. E explica que,

como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. Como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

Como interessa que os alunos e as alunas consigam atuar, de maneira posicionada, em sua comunidade e não se deixem ser subjugados pelas ideologias das minorias que detêm o poder, cabe-nos a tarefa de conscientizá-los e instrumentalizá-los, a partir da leitura e escrita de textos argumentativos, para que possam confrontar e suplantar essas ideologias que nos oprimem, de forma velada.

3.2 Sujeitos

Os sujeitos envolvidos nesta pesquisa foram 30 alunos, da turma B, do turno da manhã, do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Fortaleza. Do total de participantes, apenas 15 estiveram presentes em todas as etapas da SD. Por isso, foram analisados somente os dois textos (um em versão inicial e outro em versão final) produzidos pelos alunos e alunas que participaram de todas as atividades da SD, ou seja, 30 textos.

Os estudantes do 8º ano B desenvolveram atividades planejadas dentro de uma SD, por meio da qual produziram versões de textos escritos, numa perspectiva dialógica e a partir do desenvolvimento de uma relação interativa entre professor-alunos/alunas. Essa relação foi construída com base na afetividade e no respeito mútuo, com vistas ao desenvolvimento da capacidade crítica e da formação individual e coletiva. Enquanto pertencentes a um grupo social, esses alunos e alunas devem assumir a posição de serem sujeitos de sua própria história.

3.3 Descrição do perfil dos participantes

A partir desta seção, farei uso da primeira pessoa do singular, para comentar sobre os estudantes descritos. Embora não seja comum, em textos acadêmicos, faz-se necessário para fazer emergir a aproximação real entre a professora/pesquisadora e seus alunos e alunas.

Para preservar a integridade dos alunos, abaixo listei seu perfil utilizando nomes fictícios. A descrição dos estudantes foi realizada com base nas impressões da professora-pesquisadora, que, nesse caso, é também a professora-regente da turma em que a pesquisa foi feita. Alguns detalhes foram obtidos através de conversas informais entre mim e cada estudante.

Esse procedimento foi adotado desde o início do ano letivo como forma de conhecer melhor a realidade do grupo e, a partir disso, formular estratégias de ensino mais condizentes com o perfil desses estudantes. Como forma de esclarecimento, vale lembrar que essa aproximação entre professora e estudantes é recorrente em minha prática docente e tem ampliado, consideravelmente, as possibilidades de envolvimento e motivação do maior número de alunos e alunas durante as aulas.

1. ALUNO: José, 16 anos.

O aluno participa pouco das aulas e, durante conversas informais, diz só frequentar a escola por não ter nada para fazer em casa. Atrapalha a aula o tempo todo, com conversas paralelas e brincadeiras, impedindo que os outros colegas prestem atenção na atividade planejada. É bastante inquieto e não consegue se concentrar nas atividades da rotina das aulas.

2. ALUNO: Márcio, 17 anos.

Não costuma responder as tarefas propostas, pois diz que trabalha e não tem tempo de fazê-las. Chega sempre atrasado e justifica que acorda tarde porque trabalha em uma lanchonete até 2h da manhã. Tem dificuldade de aprendizagem e seu processo de letramento não condiz com a série na qual está matriculado.

3. ALUNA: Lia, 15 anos.

É uma aluna que se mostra interessada em obter mais conhecimento, mas se dispersa facilmente e isso acaba atrapalhando o seu rendimento individual. Manifesta interesse em participar do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), pois quer ser pediatra. Mesmo sem uma boa condição financeira, traz esse sonho porque

sua irmã de 3 anos tem crises de asma e sempre precisa ir para a emergência dos hospitais públicos. Por isso, estuda um pouco mais que os outros alunos, na pretensão de mudar não só a sua vida, mas a de outras pessoas próximas a ela.

4. ALUNA: Mara, 14 anos.

A aluna participa sempre das aulas, fazendo perguntas e costuma ajudar as colegas que sentem dificuldade. Mesmo com seu empenho, ainda apresenta certo grau de dificuldade de aprendizagem. Sempre usa tranças diferentes nos cabelos longos e passa parte da aula retocando a maquiagem, o que causa uma agitação entre as meninas que querem aprender os modelos de trança e pedem a maquiagem emprestada. Isso acaba atrapalhando o rendimento dela e das colegas. Mesmo assim, Mara consegue acompanhar os conteúdos e ficar com suas notas na média.

5. ALUNO: Caio, 15 anos.

O aluno falta raramente e participa muito das aulas; demonstra ter maior domínio das matérias e é estigmatizado por isso, pois sua conduta está fora do padrão estabelecido na turma. Às vezes fica sem participar das aulas, por ter vergonha dos colegas, mas, com um pouco de incentivo, volta ao seu comportamento participativo. É interessado e curioso, inclusive sempre traz dúvidas de casa e pede ajuda para esclarecê-las. Apesar de seu interesse e participação, seu desempenho ainda não é plenamente satisfatório, pois tem dificuldades na escrita e na compreensão de texto. As tarefas de classe e casa são quase sempre respondidas e participa dos momentos de correção.

6. ALUNA: Ana, 17 anos.

Ana é extremamente estudiosa, mas não consegue bons resultados nas atividades avaliativas. É muito tímida e ansiosa e, talvez, por isso não consiga demonstrar seu potencial e se sobressair nas avaliações formais. Senta sempre na primeira cadeira da fila e está o tempo todo atenta às explicações. Sempre faz as tarefas e, muitas vezes, usa seu horário de intervalo para ficar em sala estudando.

7. ALUNO: Rafael, 15 anos.

O aluno não demonstra muito interesse nas aulas e passa a maior parte do tempo conversando com as meninas que sentam perto dele. Sempre traz revistas *Capricho* para responder os testes que vêm nelas. De vez em quando, deixa de

fazer as tarefas de classe porque conversa demais e também não costuma fazer as tarefas de casa.

8. ALUNO: Mateus, 14 anos.

Mateus é um aluno dedicado, embora falte muito porque trabalha à tarde e, quando chega em casa, diz preferir ficar no celular acessando as redes sociais do que fazendo as tarefas e estudando. Mesmo assim, é um dos alunos mais maduros da turma, pois sabe se expressar com clareza, educação e respeita todos os colegas e professores.

9. ALUNO: Marcelo, 16 anos.

Marcelo é um aluno calmo, que não participa muito das aulas e demonstra pouco interesse nas atividades pedagógicas. Costuma viajar para disputar campeonatos de judô, por isso falta muito. Não costuma realizar as atividades escolares e diz odiar ler e escrever, mas se expressa bem quando conversamos informalmente.

10. ALUNA: Sônia, 15 anos.

A aluna é muito participativa e gosta muito de conversar comigo, durante a aula. Costuma fazer todas as tarefas e quase nunca falta. Cursa o oitavo ano no período da manhã e à tarde volta pra escola para participar de um projeto do município de Fortaleza chamado Mais Educação. Mesmo participando das aulas do Projeto Mais Educação, chamadas de Letramento, Sônia não costuma tirar boas notas nas avaliações escritas, mas se expressa bem, oralmente.

11. ALUNA: Fernanda, 15 anos.

Fernanda dedica-se muito aos estudos, mas não consegue os resultados compatíveis com seu esforço, principalmente, no tocante à escrita de textos e apresentações orais. É uma menina tímida, que não deixa de entregar uma única tarefa. Como prêmio, no final do ano, foi presenteada por mim com o livro “A culpa das estrelas”. Fernanda viu o filme e, como gostou muito, resolvi presenteá-la, como incentivo para que possa desenvolver mais ainda seu gosto pela leitura. Geralmente uso essa estratégia para valorizar o esforço de quem faz todas as atividades e de quem menos falta às aulas.

12. ALUNA: Rita, 14 anos.

A aluna não costuma ser muito atenta, mas, quando chamada atenção, reage de forma grosseira, tentando provar que estava prestando atenção à aula. Como tática, de vez em quando, chamo seu nome para motivar sua reação. Não faz as atividades de casa, só as que são propostas em sala e, mesmo assim, só as faz se eu ficar cobrando. Vive dizendo que me ama, mas odeia “Português”.

13. ALUNA: Elen, 16 anos.

Elen falta exageradamente. Só consegui que estivesse presente durante a aplicação da SD porque pedi com muita insistência e disse que tiraria nota baixa no meu curso se não conseguisse a presença do maior número de alunos possível. Está sempre com muito sono, pois diz ficar no Facebook até a madrugada. Está quase sempre envolvida em conversas durante a aula. Raramente faz as tarefas e participa de poucas atividades, quando está presente.

14. ALUNO: Carlos, 15 anos.

O aluno é muito inquieto e acaba movimentando a turma. Geralmente não faz as tarefas escritas, mas, se a proposta é atividade oral, insiste em participar. Consegue atrapalhar e ajudar, ao mesmo tempo: atrapalha quando incentiva as brincadeiras e ajuda quando se propõe a falar, quando os outros colegas têm vergonha. Como mesclo as atividades entre leitura e escrita e orais e auditivas, seu desempenho, na disciplina é bom.

15. ALUNA: Laís, 14 anos.

Laís é uma aluna agitada. Raramente falta às aulas, mas brinca o tempo todo. Não consegue se concentrar e diz só ir pra aula porque não tem o que fazer em casa. Já tentei várias estratégias para “chamá-la” a assumir seu papel de estudante, mas nada funcionou. Mesmo assim, consegue ficar na média estabelecida pelo município de Fortaleza (nota 6,0).

3.4 Dados

Os dados que compõem a pesquisa aqui proposta constam de duas produções textuais escritas, do gênero artigo de opinião, de autoria de cada um dos 15 alunos e alunas do 8º ano B, que estiveram presentes em todas as etapas da SD realizada em sala de aula. Por essa razão, adotamos como critério de seleção dos

textos a serem analisados a frequência dos estudantes. Assim, o *corpus* desta pesquisa é composto por 15 textos da primeira produção escrita e 15 textos da produção final. Para organizar o *corpus*, ao final da pesquisa, as versões foram digitalizadas e impressas para uma melhor visualização. Além das produções escritas, como citado na seção anterior, também foram colhidas informações sobre os estudantes a partir de conversas informais com a professora regente de sala. Durante essas conversas, foi possível conhecer mais sobre a realidade de cada aluno e aluna e compreender os desafios enfrentados por eles na vida escolar, familiar e comunitária.

3.5 Método

Para o desenvolvimento da SD, foram realizadas atividades de pesquisa do gênero artigo de opinião em jornais, revistas, livro didático, coletânea de textos da OBLP e *sites* da internet; também aconteceram debates em sala de aula, acerca de temas atuais e relevantes; atividades escritas, que abordaram os conceitos de fato, opinião, argumento e contra-argumento; e produções de versões do gênero discursivo artigo de opinião para a construção final de um “painel de opiniões”.

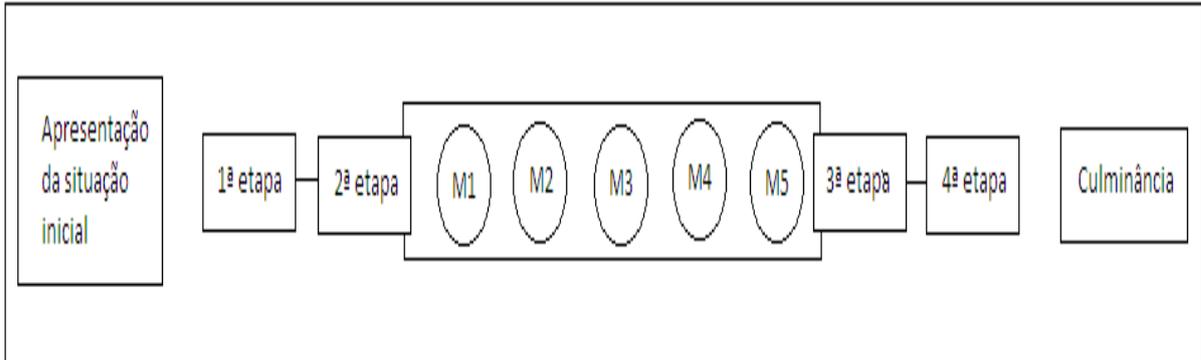
Neste trabalho, usei como base a sugestão de SD da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa (MEC, 2014), que trata do gênero artigo de opinião. Essa proposta é indicada para os alunos do Ensino Médio, mas considerei que poderia ser executada na turma de 8º ano, sem dificuldade, visto que, a faixa etária e o grau de maturidade dos estudantes não apresentam grandes variações.

Adaptei o esquema básico proposto por Schneuwly e Dolz (2013, p. 83), adiando a produção inicial para o terceiro módulo, pois considerei mais pertinente apresentar o gênero, primeiramente, para os alunos e alunas antes de pedir para produzirem o primeiro texto. A produção inicial, diferente do que é sugerido pelos autores acima, foi realizada apenas no terceiro módulo da segunda etapa; isso porque julguei mais produtivo que os alunos e alunas tivessem um contato com o gênero discursivo a ser trabalhado em sala de aula para, posteriormente produzirem a primeira versão do artigo de opinião.

A figura 2, a seguir, consiste em uma adaptação da SD proposta por Schneuwly e Dolz (2013, p.83). A SD constou de quatro etapas, sendo que a

segunda desdobrou-se em cinco módulos, como mostram a figura e a tabela de planejamento da SD vistas a seguir:

Figura 3: Sequência Didática Realizada na turma B do 8º ano



Fonte: adaptada de Schneuwly e Dolz (2013, p.83).

Nessa perspectiva, apresentarei, a seguir, o quadro com o planejamento da Sequência Didática aplicada em sala de aula. Após a apresentação do planejamento da SD, serão explicados os passos que compuseram a efetiva realização das etapas que compuseram a SD em questão.

Quadro 5: Planejamento da Sequência Didática

PLANO GERAL- SEQUÊNCIA DIDÁTICA – 8º Ano			
GÊNERO: ARTIGO DE OPINIÃO			
CONTEÚDO	OBJETIVO(S)	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO
<p>➤ PRIMEIRA ETAPA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação inicial e situação motivadora; (50 minutos). - Leitura e compreensão de artigo de opinião. (50 minutos). 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar o projeto de exposição de artigos de opinião no mural da escola e a encenação de julgamento simulado; - Investigar o nível de compreensão leitora e desempenho nas discussões. 	<ul style="list-style-type: none"> - Explicação das atividades a serem realizadas e do conteúdo, propósito, tema, cronograma e avaliação da sequência didática; - Leitura de texto sobre a lei da palmada; debate sobre o tema; e resolução de atividade de compreensão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção; - Desempenho na discussão, na compreensão

CONTEÚDO	OBJETIVO(S)	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO
<p>➤ SEGUNDA ETAPA</p> <p>➤ Módulo 1:</p> <p>- Argumentação. (100 minutos).</p>	<p>- Discutir o papel da argumentação;</p> <p>- Definir argumentação.</p>	<p>- Escrita da manchete de uma notícia no quadro (“Menino de 9 anos é internado após agressão na escola”) e solicitação para que os alunos levantassem hipóteses sobre o tipo de agressão sofrida pelo menino;</p> <p>- Leitura da notícia e discussão sobre os fatos reportados, a partir de questões propostas;</p> <p>- Elaboração de lista de vantagens do uso da argumentação para resolver conflitos;</p> <p>- Depoimentos sobre situações enfrentadas pelos alunos em que a argumentação poderia ter resolvido ou evitado problemas.</p> <p>- Pedido de escrita da definição de argumentação, de acordo com o que foi discutido, e sistematização do que é argumentar e sua função social.</p>	<p>leitora e formulação das respostas da atividade.</p> <p>- Participação no debate e no levantamento dos pontos positivos do uso da argumentação.</p>

<p>- Produção do primeiro artigo de opinião. (50 minutos)</p>	<p>- Produzir a primeira versão do artigo de opinião.</p>	<p>de morte, aborto, redução da maioria penal, etc; - Discussão e criação, em duplas, de um argumento contra e um a favor de cada tema; - Exposição dos argumentos e análise da validade deles; - Questionamento acerca de questões polêmicas vivenciadas pela comunidade;</p> <p>- Orientação para escrita da produção inicial artigo de opinião.</p>	<p>- Participação; - Desempenho na produção textual.</p>
CONTEÚDO	OBJETIVO(S)	METODOLOGIA	AValiação
<p>➤ Módulo 4</p> <p>- Características do artigo de opinião; (100 minutos).</p>	<p>- Ler artigo de opinião para reconhecer as características desse gênero;</p>	<p>- Levantamento de conhecimentos prévios e hipóteses sobre o tema “corrupção”; - Leitura pelo professor de artigo sobre corrupção, com paradas para verificação se as hipóteses levantadas confirmavam-se ou não ao longo do texto; - Leitura silenciosa e identificação da frase que melhor resumisse cada parágrafo; - Projeção do texto para destaque dos trechos marcados por eles; - Identificação da questão polêmica, do fato recente, da</p>	<p>- Desenvolva nos debates e na resolução das atividades propostas;</p>

		opinião, dos argumentos, da contestação dos argumentos dos oponentes (se houvesse), da adequação ao público, da conclusão; e tudo mais que fizesse parte das características desse gênero; - Resolução de atividade de auxílio à compreensão do texto lido; - Socialização das respostas;	
CONTEÚDO	OBJETIVO	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO
<p>➤ Módulo 5</p> <p>- Esquema argumentativo, marcadores e estrutura do texto argumentativo; (100 minutos).</p>	<p>- Analisar o esquema argumentativo, os marcadores próprios desse gênero e sua estrutura básica;</p>	<p>- Projeção de artigo na lousa para identificação das partes que compõem um texto dissertativo; - Discussão sobre o que deve ser escrito em cada uma das partes; - Solicitação para que esquematizassem no caderno o que fora discutido; - Releitura de dois artigos para anotação das palavras ou expressões responsáveis pelo encadeamento lógico das ideias; - Distribuição de quadro com os principais elementos articuladores que marcam a argumentação;</p>	<p>- Participação nas atividades propostas;</p> <p>-</p>

<p>- Tipos de argumentos. (50 minutos).</p>	<p>- Conhecer os tipos de argumentos e utilizá-los para defender uma tese.</p>	<p>- Leitura e exposição do professor sobre os diferentes tipos de argumentos do quadro; - Solicitação para que escolham um artigo da coletânea e identifiquem o tipo de argumento utilizado pelo articulista e sua eficácia para o propósito comunicativo do texto; - Resumo dos pontos relevantes sobre o artigo de opinião.</p>	<p>Interesse e desempenho nas atividades e discussões.</p>
CONTEÚDO	OBJETIVO	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO
<p>➤ TERCEIRA ETAPA: - Análise e reescrita coletiva de artigo produzido por um aluno. (100 minutos).</p>	<p>- Analisar e reescrever coletivamente um artigo de opinião para empregar os conhecimentos adquiridos após a participação nos módulos.</p>	<p>- Projeção de texto produzido por um aluno de outra turma para análise e reescrita; - Leitura e conversa sobre forma, conteúdo, propósito e adequação da linguagem e todos os outros aspectos vistos ao longo dos módulos; - Reescrita coletiva do texto e comparação da versão individual com a versão escrita, de forma colaborativa.</p>	<p>- Desempenho na compreensão dos principais aspectos do artigo de opinião; - Sugestões na reescrita coletiva do texto.</p>

CONTEÚDO	OBJETIVO	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO
<p>➤ QUARTA ETAPA:</p> <p>- Escrita do artigo de opinião final; (100 minutos).</p> <p>- Filmagem do julgamento simulado. (100 minutos).</p>	<p>- Escrever o texto individualmente;</p> <p>- Apresentar encenação de julgamento simulado em que aparecesse a capacidade de argumentação das equipes.</p>	<p>- Retomada dos pontos mais significativos vistos durante os módulos e escrita do artigo final;</p> <p>- Montagem do painel de opiniões.</p> <p>- Os grupos apresentam a encenação de um crime.</p>	<p>- Adequação à proposta e ao conteúdo estudado;</p> <p>- Envolvimento e desempenho na encenação do julgamento.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

O quadro acima mostrou o planejamento geral das etapas que compuseram a SD. O uso desta estratégia de ensino foi aplicado na tentativa de incentivar o desenvolvimento do letramento crítico dos estudantes.

3.5.1 Detalhamento das etapas

A seguir, mostraremos, minuciosamente, os passos seguidos para a execução da SD. Descreveremos as medidas tomadas, de modo que qualquer professor de língua portuguesa possa entender e incluir essa mesma estratégia de ensino da escrita em suas aulas.

1) Primeira etapa

Na primeira etapa, apresentei o trabalho a ser realizado (SD) e a situação motivadora para os alunos (confecção de painel para exposição de artigos de opinião e encenação de um julgamento simulado por eles). Nesse encontro, o objetivo foi apresentar o projeto de estudo: leitura, produção de textos escritos, reescrita e exposição de artigos de opinião no mural da escola, tendo como culminância a filmagem de um julgamento simulado. Além disso, desejei

proporcionar o contato dos alunos com o gênero artigo de opinião. Para isso, expliquei quais seriam as atividades a serem realizadas, o conteúdo, o propósito, o tema, o cronograma e como seria feita a avaliação durante a SD; depois, realizamos a leitura de um artigo sobre a “Lei da palmada”, cujo título é “A mão que bate nos filhos é nossa ou carrega a memória de nossos pais?” (Anexo B, p.135-136), para sondagem do nível de compreensão leitora. Além disso, analisei o que os alunos já sabiam sobre o gênero trabalhado, a partir de questionamentos feitos após a leitura do artigo citado.

II) Segunda etapa

A segunda etapa foi o momento de estudo, propriamente dito, do gênero a partir do desenvolvimento de cinco módulos:

➤ Módulo 1:

No primeiro módulo, o objetivo foi definir o que é argumentação e discutir seu papel na construção dos textos. Comecei com a escrita da manchete de uma notícia no quadro “Menino de 9 anos é internado após agressão na escola” (Anexo B, p.142) e solicitei que os alunos levantassem hipóteses sobre o tipo de agressão sofrida pelo menino; depois, continuamos com a leitura da notícia e discussão sobre os fatos reportados. A partir de questões propostas, solicitei, então, a elaboração de uma lista de vantagens do uso da argumentação para resolver conflitos e orientei para que falassem sobre situações enfrentadas por eles em que a argumentação poderia ter resolvido ou evitado problemas maiores. Por fim, pedi que escrevessem uma definição de argumentação, de acordo com o que foi discutido, e sistematizamos com as conclusões a que chegamos sobre o que é argumentar e qual a função social de sabermos defender nossas ideias.

➤ Módulo 2:

No segundo módulo, levei artigos diferentes para os alunos e alunas terem contato com eles e tentarem diferenciar opinião de argumentação. Comecei com a divisão da turma em grupos e distribuição de uma coletânea de artigos para que cada grupo escolhesse e lesse um dos artigos para responder a algumas questões propostas por eles e por mim. Em seguida, fizemos a socialização dos assuntos abordados nos artigos lidos e das respostas às perguntas lançadas; a

partir das respostas dadas, escrevi, na lousa, algumas características dos artigos de opinião. O passo seguinte foi a utilização do livro didático para leitura de trechos de textos e resolução de atividade de diferenciação entre opinião e argumentação e identificação dos tipos de argumentos; prosseguimos com a orientação sobre o vocabulário (jurídico) utilizado nos textos seguintes para evitar possíveis dificuldades de compreensão; em seguida, fizemos a leitura de notícia referente à “Lei da palmada” (Anexo B, p.138) e de artigo de opinião com o mesmo assunto para observação dos pontos que diferenciavam um do outro; finalizamos com a escrita de resumo esquemático individual sobre as principais diferenças entre os dois textos lidos.

➤ Módulo 3:

O terceiro módulo tinha por finalidade identificar questões polêmicas típicas em nossa sociedade, reconhecer argumentos válidos e, ainda, produzir a primeira versão do artigo de opinião. Iniciei com o levantamento de temas que confrontavam opiniões, como pena de morte, aborto, redução da maioria penal, etc., para discussão e criação, em duplas, de um argumento contra e um a favor de cada tema; depois, cada dupla expôs seus argumentos enquanto o restante da turma analisava a validade ou não desses argumentos para o tema em questão; encerramos esse momento com os alunos, voluntariamente, falando acerca de assuntos polêmicos, vivenciados pela comunidade; no segundo tempo da aula, orientamos para a escrita do artigo de opinião inicial.

➤ Módulo 4:

Para o quarto módulo, o propósito foi ler um artigo de opinião para reconhecer as características próprias desse gênero. Comecei com um levantamento de conhecimentos prévios e listei, na lousa, as hipóteses das ideias que apareceriam em um artigo intitulado “Corrupção cultural ou organizada?” (Anexo B, p.137); depois, fizemos a leitura de artigo sobre corrupção, com paradas para verificação se as hipóteses levantadas confirmavam-se ou não, ao longo da leitura do texto. Orientei, então, para leitura silenciosa e identificação da frase que melhor resumisse cada parágrafo; projetei o texto para leitura e destaque dos trechos identificados pelos alunos, como tópico de cada parágrafo; ainda com a projeção do texto, fizemos coletivamente a identificação da questão polêmica, do fato recente, da

opinião, dos argumentos, da contestação dos argumentos dos oponentes (quando havia), da adequação ao público, da conclusão e tudo mais que fizesse parte das características desse gênero; encerramos com a resolução de atividade de auxílio à compreensão do texto lido e socialização das respostas.

➤ Módulo 5:

No quinto módulo, a proposta foi analisar o esquema argumentativo, os marcadores próprios do gênero e sua estrutura básica, além de conhecer os tipos de argumentos e utilizá-los para defender uma tese. Inicialmente, projetamos um artigo que tinha como título “Maioridade seletiva” (Anexo B, p.141), para identificação das partes que compõem um texto dissertativo-argumentativo e discutimos sobre o que deve ser escrito em cada uma das partes; após esse momento, solicitei que esquematizassem, no caderno, o que foi discutido; além disso, pedi que relessem dois artigos para anotação das palavras ou expressões responsáveis pelo encadeamento lógico das ideias e produzimos um quadro com os principais elementos articuladores que marcaram a argumentação nos artigos lidos, sua utilidade e exemplos de uso; pedi, ainda, que observassem, no livro didático (Anexo C) alguns tipos de argumentos que poderiam ser usados para solidificar a argumentação; prosseguimos com leitura e minha exposição sobre os diferentes tipos de argumentos do quadro; solicitei, também, que encontrassem, nos artigos da coletânea, os tipos de argumentos utilizados pelos articulistas e sua eficácia para o propósito comunicativo do texto. Terminamos o módulo com um resumo dos pontos relevantes sobre o artigo de opinião.

III) Terceira etapa

O objetivo da terceira etapa foi analisar e reescrever, coletivamente, um artigo de opinião produzido por um aluno de outra turma para empregar os conhecimentos adquiridos após a participação nos módulos. Projetei um artigo de um aluno na lousa e analisamos cada detalhe do texto escrito, de acordo com o que foi trabalhado nos módulos: estrutura, conteúdo, propósito comunicativo, adequação da linguagem e todos os outros aspectos que passaram a conhecer; depois, cada aluno sugeriu o que poderia ser melhorado, justificando a escolha da nova construção linguística ou da adequação das ideias; reescrevemos o artigo, no outro lado da lousa, incluindo as mudanças sugeridas pelos alunos; terminada a reescrita

coletiva do texto, comparamos as duas versões e avaliamos, oralmente, qual das duas estava mais adequada à proposta de construção do artigo de opinião como texto de circulação social e sua força persuasiva para os leitores.

IV) Quarta etapa

A quarta etapa foi a da escrita do texto individualmente. Em seguida, as equipes apresentaram a encenação de um julgamento de um crime. Nesse momento, o objetivo era que cada equipe demonstrasse sua capacidade de argumentação e poder de convencimento; foram citados argumentos escritos, antecipadamente, pelos advogados de defesa e de acusação para utilizarem durante o julgamento simulado. Para isso, retomamos os pontos mais significativos vistos durante os módulos e orientei para a escrita individual do artigo final; os grupos, enfim, apresentaram a encenação do julgamento. Cada grupo apresentou um tema diferente (aborto, corrupção, pena de morte, etc.), de modo que havia advogados acusando e defendendo seus clientes. Na aula seguinte, assistimos as filmagens e comentamos as adequações e inadequações dos argumentos utilizados por quem defendia ou acusava quem estava sendo julgado; depois, devolvi a produção final para que os alunos e alunas avaliassem, revisassem e reescrevessem (se achassem que deveriam) seus textos; após esse momento, todos ajudaram a preparar o painel para a exposição. Depois de pronto, deixamos os artigos de opinião expostos na entrada da escola, para que todos pudessem lê-los.

3.6 Procedimentos

A análise de dados realizada nesta pesquisa baseou-se em um procedimento qualitativo proposto por Bodgan e Biklen (1994), na medida em que se guiou pela observação do desempenho e da capacidade dos alunos em se posicionar criticamente diante de um tema, por meio de um texto escrito.

Segundo Bodgan e Biklen (1994), a investigação qualitativa é um termo genérico, que pode agrupar diversas estratégias de investigação. Como características, apresenta como fonte direta de dados o ambiente investigativo e como principal instrumento o investigador; é descritiva, oferecendo uma completa descrição dos dados investigados e englobando diferentes variáveis; interessa-se mais pelo processo do que pelo produto; analisa os dados de forma indutiva,

possibilitando a descoberta de novos conceitos, em vez de, somente, verificar hipóteses pré-definidas; e privilegia os significados e perspectivas dos participantes da pesquisa.

Logo, sob esta ótica, a realidade é constituída pelos sujeitos, por suas interações, experiências, suas produções culturais, sociais e linguísticas. Nesse sentido, a SD realizada apresentou-se como um instrumento eficiente e eficaz para a abordagem do gênero artigo de opinião e para a verificação da construção da formação do letramento crítico dos (as) alunos e alunas.

Através desse procedimento, os alunos puderam, além de desenvolver e/ou aprimorar coerentemente seu senso crítico e aprofundar seus conhecimentos acerca do gênero artigo de opinião, avaliar, juntamente com a professora de Língua Portuguesa, a partir da comparação entre o primeiro artigo de opinião produzido e o texto final proposto pela SD, o progresso de suas produções escritas, especialmente em relação ao teor crítico e reflexivo nelas apresentado.

3.7 Considerações sobre o uso da SD como estratégia facilitadora do Letramento Crítico

A adoção desse procedimento objetivou constatar se os alunos da turma em questão alcançaram melhores resultados na formação do senso crítico e na qualidade da produção escrita; isso, tendo em vista a utilização de uma estratégia fundamentada na prática dialógico-reflexiva, de suma importância para a visão processual da escrita como prática social.

Os passos adotados por nós foram descritos com detalhes para que outros professores de língua portuguesa possam vir a inseri-los em suas aulas de produção de texto, para despertar e promover, nos alunos e alunas o desenvolvimento do letramento crítico e o domínio da linguagem dialogada.

As estratégias adotadas tiveram um caráter didático e afetivo, pois contaram com o envolvimento entre os participantes. A sintonia e a cooperação entre professora e estudantes foram essenciais para que o trabalho pudesse ser desenvolvido com qualidade.

4 ANÁLISE

A análise feita neste trabalho norteia-se pelas categorias linguístico-discursivas de análise textual, adotadas por Fairclough (2003a) *apud* Ramalho & Resende (2011, p. 111 a 116). Para as autoras citadas anteriormente (p.111), a ADC, baseia-se na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), pois esta, propõe um “rico arcabouço de categorias linguístico-discursivas de análise textual”.

A presente pesquisa utilizou como instrumento norteador da análise dos textos produzidos por alunos do 8ºano quatro categorias de análise. Além das três mostradas no quadro 4, incluímos outra como forma de avaliar se nosso objetivo foi alcançado ou não e quais as possíveis falhas ou pontos positivos das atividades realizadas com os estudantes.

Quadro 6: Categoria expectativa x desempenho

CATEGORIA ANALÍTICA	QUESTÕES SOBRE O TEXTO EM ANÁLISE
✓ Expectativa da professora x Desempenho do (a) aluno (a)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Que categorias foram atendidas pelos (as) alunos (as)? ✓ Como essas categorias foram articuladas no texto produzido? ✓ Em relação ao letramento crítico, os (as) alunos (as) avançaram, não avançaram ou regrediram?

Fonte: elaborado pela autora.

As categorias adotadas, então, para a análise foram as seguintes:

- 1) Estrutura genérica;
- 2) Intertextualidade;
- 3) Interdiscursividade; e
- 4) Expectativa da professora x desempenho dos (as) alunos (as).

No que diz respeito à categoria *estrutura genérica*, Fairclough (2003) *apud* Ramalho e Resende (2011, p. 114 e 115) considera a estrutura do gênero discursivo. Nesse sentido, nos interessava saber se o texto produzido se apresentava, tanto na estrutura quanto no conteúdo, como um artigo de opinião e se continha os elementos básicos desse gênero discursivo: título, tese, argumentos e conclusão.

Quanto à *intertextualidade*, o interesse maior residiu na presença de vozes trazidas para o texto que remetem a outros textos. Foram verificados os diálogos que os textos produzidos por cada estudante estabeleceram entre as versões dele próprio; com outros textos, como, por exemplo, os textos modelares, estudados em sala de aula; e com textos dos demais alunos. Foi vista ainda a forma como essa

intertextualidade se apresentou nos textos produzidos: se de forma literal ou não literal.

Em relação à *interdiscursividade*, cabe saber se outros discursos foram trazidos para o texto e de que forma isso aconteceu. O intuito aqui foi identificar que discursos foram articulados nos textos produzidos e a forma como se deu essa articulação, se de maneira declarada ou mais sutil. Além disso, foram analisados os tipos de discursos que se fazem presentes nos textos, como, por exemplo, discurso familiar, político, religioso e/ou legitimado socialmente, etc.

Sobre a categoria expectativa da professora x desempenho dos alunos e alunas, avaliou-se se os textos produzidos conseguiram atingir os objetivos propostos pela atividade realizada, no sentido de que os alunos e alunas fossem capazes de apropriar-se das características e da estrutura de um artigo de opinião e produzir textos que mostrassem sua competência argumentativa e um poder de convencimento que os posicionasse socialmente.

A análise constará, além dos nomes fictícios, de letras e números identificando as versões dos textos. Mais uma vez, vale lembrar que as partes que aparecem entre aspas e em itálico são trechos dos textos, portanto estão escritos tal como o estudante escreveu.

4.1 Análise Discursiva

- José: 1 (Anexo A, p. 102)

Categoria 1: Estrutura genérica

O aluno apresentou os elementos básicos do gênero artigo de opinião, como título “*Os sentimentos dos jovens*”; tese “*Os jovens se sentem incompreendidos pelos pais*”; argumentos “*Os pais não compreendem com nada seu, com seu jeito de andar, no seu jeito de vestir-se*”, (da forma como estruturou seu texto, não deixou bem definida sua posição em relação ao tema); na conclusão, aconselha os pais a entenderem os filhos, dirigindo-se diretamente aos pais “*vocês pais*”. Só aqui encontramos sua posição diante do tema: aparentemente, ele é contra a falta de esforço dos pais para compreender os filhos.

Categoria 2: Intertextualidade

A primeira versão é retomada, de forma muito marcada na versão final, não de forma literal, mas as ideias são repetidas e desenvolvidas melhor no último texto. Também encontramos traços da reportagem “Fuga ao redor do quarteirão” (Anexo C, p. 154), quando fala que os jovens “*acabam fugindo de casa*”. O aluno toma para si a voz de um dos jovens entrevistados na reportagem.

Categoria 3: Interdiscursividade

Existe no texto analisado uma ideia muito difundida socialmente de que os filhos só conseguem se proteger se estiverem perto dos pais, pois os jovens não têm experiência de vida para decidir o que é certo ou não para eles. Aqui, o aluno empregou um discurso legitimado socialmente. Há ainda a ideia de que cabe aos pais resolver os possíveis conflitos com os filhos (discurso dos jovens), como se estes também não tivessem que se esforçar para estabelecer uma relação harmoniosa com os pais. Este é um discurso comum aos (às) adolescentes.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

Nosso objetivo inicial era apenas sondar o que os alunos e alunas já conheciam sobre o gênero discursivo artigo de opinião e como desenvolveriam suas ideias coerentemente. Inicialmente, o aluno demonstrou não conhecer a estrutura do gênero discursivo em estudo e ter pouca familiaridade com a argumentação (na forma escrita). Só depois de passar por dois módulos da SD, o aluno conseguiu produzir um artigo de opinião. Apesar do pouco conhecimento sobre a estrutura do gênero em estudo, seu texto não apresentou problemas em relação à forma e ao conteúdo, que comprometesse a compreensão da leitura.

- José: 2 (Anexo A p. 103)

Categoria 1: Estrutura genérica

Em relação à estrutura genérica, o texto 2 traz as características básicas do gênero artigo de opinião, como título “*Os sentimentos dos jovens*”; tese “*Os jovens querem ser compreendidos pelos pais*”; argumentos para justificar a atitude dos jovens fugirem de casa, pois os pais “*brigam*”, “*falam com ignorância*”, “*falam palavrões*”; aparece como contra-argumento “*Os jovens têm rebeldia, imaturidade,*

irresponsabilidade”; e conclui aconselhando os pais ensinarem os filhos a estudar e trabalhar porque se não “*as coisas ruins do mundo vão atentar eles*” e “*os jovens têm que progredir no mundo*”; e ainda não foram observados marcadores argumentativos para conectar as ideias apresentadas no texto.

Categoria 2: Intertextualidade

O texto 2 remete bastante ao texto 1, tanto nas ideias quanto na escolha vocabular, formações de orações, repetição de ações, como se dirigir diretamente aos pais, aconselhando-os; também mantém uma estreita relação com um dos textos lidos em sala, uma reportagem sobre o fato de alguns jovens fugirem de casa por não se entenderem com os pais; outro aspecto observado é que a produção final dialoga com algumas produções dos(as) colegas ao falar sobre a mesma reportagem citada anteriormente.

Categoria 3: Interdiscursividade

Existe no texto 2 uma tendência muito difundida entre os jovens, de que eles devem ter liberdade para fazer o que quiserem. Vez por outra, vemos na televisão, nos jornais e na internet notícias de jovens que fogem de casa para ficarem longe do domínio dos pais; outra tendência que prevalece, principalmente, em comunidades carentes é a de que os pais devem fazer tudo que os filhos querem para que estes não enveredem para o mundo do crime. O discurso predominante nesse texto é o que põe nos pais o dever de transformar os filhos em cidadãos capazes de “*progredir*” no mundo.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

No texto 2, o aluno conseguiu desenvolver melhor suas ideias. Embora tenha se aproximado do texto 1, em alguns aspectos, como escolha vocabular, formação de argumentos, remissão aos textos usados como modelo e os demais textos finais, de forma dialógica, consideramos que houve avanços na construção do letramento crítico.

➤ Márcio: 1 (Anexo A p.104)

Categoria 1: Estrutura genérica

O texto 1 traz a estrutura básica dos textos de opinião como o título, “*Problemas pessoais*”; a tese, quando os (as) filhos (as) recorrem aos pais para ajudá-los(as) a resolver seus problemas, não são atendidos com rapidez; os argumentos, se os pais não os atender rápido “*ficamos agoniados sem saber o que fazer e é daí que vem os pensamentos de fazer besteiras*” e, ao não concordarem com os(as) filhos(as) os pais acabam, sem saber, levando-os(as) a fugir de casa “*por isso que muitos saem de casa*”; e na conclusão comenta que, se os pais os entenderem, os jovens não fugirão de casa. O aluno conseguiu construir a estrutura básica do artigo de opinião

Categoria 2: Intertextualidade

O texto 1 faz referência frequente à reportagem “*Fuga ao redor do quarteirão*” (Anexo C, p. 154); com isso, também mantém relação dialógica com os textos dos demais alunos e com as outras versões dos seus próprios textos. A versão inicial também dialoga com os debates realizados em sala de aula sobre o assunto em questão e com os módulos da SD aplicada.

Categoria 3: Interdiscursividade

Prevalece no texto 1 a ideia de que os pais nunca estão disponíveis para entender e ajudar os filhos. Esse discurso é usado por jovens para justificar seus erros. O aluno afirma procurar o amigo mais próximo porque já sabe que o pai não vai entendê-lo. O estudante considera o amigo mais prestativo que os pais. Isso reflete a visão de uma sociedade com valores invertidos, na qual os pais passam a responsabilidade de cuidar de seus filhos para a escola, amigos, etc.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

O texto encontra-se dentro do esperado por nós, para o grau de maturidade do aluno. De maneira objetiva, ele expressou suas ideias e defendeu seu ponto de vista. As ‘falhas’ cometidas não chegam a comprometer gravemente a

proposta de produção textual. O aluno desempenhou sua escrita dentro das expectativas.

- Márcio: 2 (Anexo A p.105)

Categoria 1: Estrutura genérica

Em relação à estrutura, o texto 2 não se diferenciou muito do texto 1, pois apresenta os mesmos elementos estruturais. O título continua o mesmo da versão anterior “*Problemas pessoais*”; a tese mudou, passou a ser “*A convivência com os pais e filhos só estão piorando*”; como argumentos, ele coloca que os filhos não aceitam a opinião dos pais e que os pais passam pouco tempo com os filhos “*e tenta botar sua presença com presentes, celulares e aparelhos eletrônicos*”; a conclusão se faz com a afirmação de que os jovens não gostam que os “*pais se intrometão em suas vidas*” e, ainda, fala sobre outros jovens “*já os outros querem que os pais se preocupem mais com eles*”. Quanto ao assunto, acrescentou a ideia de que os pais tentam superar a ausência com presentes e deixou em segundo plano a fuga dos filhos, que citou no texto 1.

Categoria 2: Intertextualidade

No texto 2, existe pouca referência ao assunto do texto 1, o que pode significar que houve amadurecimento do aluno e que ele avançou com informações novas coletadas em outros textos. Ainda assim, reporta-se ao texto 1 e à reportagem “*Fuga ao redor do quarteirão*” (Anexo C, p. 154) quando diz que “*uns filhos muitos mais estressados forçam os pais com desaparecimentos e uso de drogas*”. A relação dialógica com os textos utilizados como modelo, ao longo das atividades, é discreta, mas mantém conexão com as versões finais dos demais alunos.

Categoria 3: Interdiscursividade

A presença da opinião dos jovens sobre a relação conflituosa entre pais e filhos é muito marcante nesse texto. Existe outro discurso que também permeia a produção escrita 2, que é o apelo consumista do discurso publicitário para que os pais dêem muitos presentes aos filhos, principalmente brinquedos e aparelhos eletrônicos. Quanto mais tempo os filhos passarem em frente ao computador, por exemplo, mais tempo os pais terão para resolver seus problemas.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

O que nós esperávamos encontrar nesse texto era uma apropriação maior do gênero, tanto em relação à forma quanto ao conteúdo. Isso porque o aluno participou ativamente de todas as atividades, questionando, comentando, exemplificando, etc. enfim, atuou em todas as etapas com muita desenvoltura. Percebemos que esta desenvoltura foi superior nas atividades em que a participação era oral. Nos momentos de escrita, propriamente ditos, ele se esquivava ou fazia rápido, sem refletir sobre a tarefa que estava sendo realizada; talvez pela pouca familiaridade com atividades de escrita (dentro e fora da escola).

- Lia: 1 (Anexo A p.106)

Categoria 1: Estrutura genérica

No texto produzido, identificamos alguns elementos básicos de um artigo de opinião. Ana escolheu como título “*A difícil compreensão dos pais*” e identificamos dois argumentos de autoridade, uma vez que, cita em um trecho atribuído a um órgão do Governo (IBGE) “*Segundo o IBGE*”; e também pontos de vista de uma profissional “Os jovens de hoje em dia, não querem mais saber de conversas, ‘disse uma psicóloga em defesa aos pais’”, ficando subtendida a concordância da autora do texto com esses dados e opiniões. A conclusão apresentada gira em torno desses dados e opiniões, “tanto pais como filhos devem tentar procurar formas para se expressarem dentro de casa”. Não há acréscimo de informações novas, mas usa alguns operadores argumentativos e modalizadores, como em “Segundo”, “Também devemos”, “Então” e “por isso”.

Categoria2: Intertextualidade

Houve uma mudança significativa entre a primeira versão e a segunda no ponto de vista da aluna, logo, a intertextualidade aparece apenas na temática entre as duas versões produzidas. O diálogo aconteceu, principalmente em relação ao texto que trata da fuga de alguns adolescentes de casa. Também notamos as vozes das discussões em sala.

Categoria 3: Interdiscursividade

Quanto à presença de outros discursos na primeira versão, constatamos que aparece tanto um discurso familiar, que diz que os jovens não querem saber de conversa; quanto o do adolescente, que reclama que os pais devem dar atenção aos filhos; Também conseguimos encontrar o discurso profissional, que traz o discurso de uma psicóloga para dar sua voz ao texto, ao dizer que “*A adolescência está ligada à tecnologia e ao mundo virtual*”. Ainda temos o discurso do senso comum que defende o diálogo entre pais e filhos para acabar com os conflitos em casa.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

Em todas as categorias a aluna conseguiu realizar com adequação a escrita do gênero proposto. Por ser a primeira versão, ela conseguiu satisfazer nossas expectativas por já conhecer parte da estrutura básica do artigo de opinião. Apesar de não argumentar com maior propriedade cumpriu o objetivo inicial de escrever o artigo compondo-o com seus elementos mínimos.

- Lia: 2 (Anexo A p.107)

Categoria 1: Estrutura genérica

Na segunda versão, encontramos os elementos do artigo sugeridos na proposta de produção de texto: o título apresentado “O relacionamento entre pais e filhos”; a tese “relacionamento entre pais e filhos nunca foi dos melhores”; os argumentos “as brigas começam por discursões bobas e levianas”, “a falta de atenção que os pais devem aos filhos” e, ainda, “mas também sabemos que os jovens não são colaboradores de diálogo”; e a conclusão traz um conselho “aconselho a todos (pais e filhos) procurarem cada um entender e compreender melhor o universo oposto”. Cumpriu a expectativa inicial de forma satisfatória.

Categoria 2: Intertextualidade

A presença de outros textos na composição deste apareceu de maneira sutil. A aluna trouxe as vozes das reportagens lidas durante as aulas na fala sobre a fuga de jovens de casa e na rebeldia e imaturidade próprias da idade. A segunda

versão dialoga com a versão anterior, com as versões dos colegas, com os textos usados como modelo e com as discussões travadas em sala de aula.

Categoria 3: Interdiscursividade

Os discursos que entrecortam esta versão são os dos filhos, que não têm a atenção que gostariam de receber; dos pais, ao aparecer a ideia de que “os pequenos jovens não são lá colaboradores de diálogo e bom comportamento” e, ainda, “muitos deles acham que tem o direito de exigir coisas materiais sem saber se seus pais tem ou não condições de compra-las”. Ainda encontramos um discurso do senso comum que diz que cada um tem que entender o outro, pois ou “já chegou ou vai chegar nesta fase”.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

A segunda versão conseguiu evoluir em relação à primeira, pois apresentou todos os elementos do artigo de opinião e desenvolveu melhor os argumentos apresentados. O texto ficou menos pessoal e mais claro e objetivo. A aluna soube trazer as vozes dos textos lidos durante as aulas de forma coerente e mostrou que seu texto estava permeado por outros discursos e ideologias externas ao texto escrito.

- Mara: 1 (Anexo A p.108)

Categoria 1: Estrutura genérica

Nesse texto a aluna montou o artigo de opinião usando os elementos estruturais básicos. Como título, ela escolheu “*Aonde encontrar refugio?*”; como tese, apresentou a ideia de que jovens fogem de casa por acharem não ser compreendidos pelos pais e “*quebram a cara*”; os argumentos apresentados para esse pensamento dos adolescentes são o fato de eles se sentirem sozinhos, julgarem não ser compreendidos pelos pais, e quererem fugir dos próprios problemas, etc.; há contra-argumentos, quando ela diz “*o mundo é uma ilusão*”, “*a maioria deles voltam para casa*” e “*sofrem desilusão*”; para concluir, a aluna diz que “*os pais tem que serem mais ausentes e carinhos senão seus filhos vão buscar isso no mundo*”. Não verificamos a presença de marcadores argumentativos.

Categoria 2: Intertextualidade

Há uma retomada do tema “fuga”. Isso remete à reportagem “*Fuga ao redor do quarteirão*” (Anexo C, p. 154), usada para diferenciar a estrutura do gênero discursivo reportagem da estrutura do artigo de opinião. O texto também remete aos demais textos dos colegas que também falam da atitude dos jovens de fugir de casa quando se sentem presos ou quando são contrariados. Nas duas versões, a aluna lança seus argumentos em torno da atitude extrema de alguns jovens fugirem de casa, por não se entender com os pais. O texto dialoga constantemente com a versão final do texto escrito.

Categoria 3: Interdiscursividade

Há nesse texto uma ideia de fuga duplamente qualificada: temos a fuga de casa, como lugar concreto e também de fuga de si mesmo “*mas como fugir de algo que está dentro de você?*”. A fuga de si mesmo aparece, de maneira muito forte, nos discursos vigentes de determinados profissionais como professores, psicólogos, psiquiatras, etc. Outra afirmação presente no texto, que ouvimos com frequência é a de que, no mundo caótico em que vivemos, “*o mundo é uma ilusão*”. Esse discurso, mesmo proferido por uma jovem, é filosófico e mostra que a aluna enxerga o mundo como um lugar desordenado, no qual é cada um por si. Essa afirmação vem de um discurso preestabelecido socialmente e mostra como, nas disputas pelo poder, interessa que a juventude não tenha esperança diante das mazelas sociais e aceite tudo como “caso perdido”. Esse discurso também é político, pois, via de regra, quem está no poder ou quer alcançá-lo joga com a desesperança das pessoas para fazer promessas que não pretende cumprir.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

A aluna conseguiu, logo no primeiro texto, atender nossas expectativas, pois, além de apropriar-se dos três critérios anteriores, seu texto provocou reflexão e incorporou elementos ainda não citados pelos colegas, nem pelos materiais usados como referência para a leitura e análise em sala. Com a afirmação filosófica de que “*O mundo é uma ilusão*”, demonstra, em sua pouca idade, já pensar sobre questões existenciais, o que não é muito comum entre os jovens com quem costumamos conviver; outro ponto que demonstrou certo grau de maturidade foi quando ela disse

que “*Os adolescentes gostam de ser freitados*”. Isso mostra que, mesmo sendo adolescente, sabe que os jovens da idade dela precisam de limites e que cabe aos pais realizar tal tarefa.

➤ Mara: 2 (Anexo A p.109)

Categoria 1: Estrutura genérica

Na última versão, Mara preferiu revisar e mudar o título de seu texto para “*Qual a melhor solução?*”. Além dessa mudança, ainda inseriu um argumento de autoridade, quando citou um relato de um jovem que fugiu de casa após ser queimado com um garfo quente, de uma reportagem do jornal Folha de São Paulo, presente na reportagem “*Fuga ao redor do quarteirão*”; a conclusão apresentada sugere que a melhor maneira de sanar as diferenças em família é “*os pais e os filhos precisam está juntos, conversar se respeitarem para ter um bom relacionamento*”. O texto está em conformidade com a estrutura do gênero artigo de opinião.

Categoria 2: Intertextualidade

O texto mantém diálogo com a primeira versão e com as versões dos demais alunos ao repetir a temática da “fuga de casa”. Também se relaciona com os textos usados durante a realização da SD, ao tratar da violência contra menores de idade, como em “*uma pessoa da família utilizou um garfo quente para repreendê-lo e o queimou*”; e da vontade dos jovens de serem livres, visto em “*Eu simplesmente fui [...] Queria ver aonde o destino ia me levar.*” Em alguns trechos, como os citados acima, a aluna faz a citação literal dos depoimentos dos jovens entrevistados, o que demonstra que aprendeu a usar dados reais para dar credibilidade a seu texto.

Categoria 3: Interdiscursividade

Os discursos presentes no texto de Mara reforçam uma questão enfrentada por crianças e adolescentes em nosso país: a violência doméstica. Quase todos os alunos da sala relataram casos de abandono ou agressão sofrida por eles ou por alguém próximo. Emerge aqui um discurso baseado na degradação da família (principalmente as mais carentes), como instituição promotora dos cuidados básicos dos menores, considerados incapazes de cuidar de si próprios; também encontramos entre algumas famílias bem estruturadas e abastadas casos

de fuga de casa, pelo desejo de descobrir a liberdade. O depoimento de uma jovem, que diz *“tive a ideia, arrumei a mala, comprei um guia, apontei para uma cidade qualquer e comprei uma passagem de ônibus para lá”*, nos leva a atestar o quanto alguns jovens são incosequentes e egoístas. Mara sugere a necessidade de ajuda profissional quando a relação entre pais e filhos estiver desgastada *“os jovens precisam conversar mais com seus pais, ir ao psicólogo”*, o que traduz um discurso bastante difundido, nos tempos modernos, de que as famílias estão adoecendo e precisam de apoio multidisciplinar.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

A compreensão de Mara das etapas que compuseram nosso estudo atendeu às expectativas e, em alguns momentos, chegou a superá-las. A primeira versão foi menos influenciada pelos textos lidos em sala, logo, ficou mais original; já a segunda, acrescentou argumentos de autoridade e dados concretos com depoimentos de jovens que viveram a experiência de sair de casa por motivos diversos. O desempenho da aluna poderia ter sido melhor, por se tratar de uma menina interessada e participativa nas aulas, mas foi satisfatório, considerando o desempenho dos demais alunos. A escrita de textos ainda causa certo desconforto, talvez por não ser uma prática constante dos estudantes, dentro e fora da escola.

➤ Caio: 1 (Anexo A p.110)

Categoria 1: Estrutura genérica

O texto de Caio apresenta parte dos elementos básicos de um artigo de opinião. Traz como título *“Conflitos entre pais e filhos”*; defende a tese de que *“A adolescência para muitos jovens é a melhor parte da vida”*; em seguida apresenta argumentos mais ligados ao título do que à tese, como *“os pais se tornam superprotetores”*, *“os pais não entendem os filhos”* e *“pensam que a rebeldia do seu filho é proposital para irritá-los”*. Ao longo do texto desenvolvem tese apenas tangencialmente. Aparentemente, a tese é igual ao título. Na conclusão, apresenta uma ideia para encerrar os conflitos *“um deve compreender o outro, pois, o pai já foi adolescente. E o filho um dia será pai”*. Apesar de curto, o texto apresenta os elementos mínimos para a composição do gênero artigo de opinião.

Categoria 2: Intertextualidade

Quanto à intertextualidade, o texto retoma apenas o tema geral das atividades da SD: “O conflito entre pais e filhos”. Fora isso, não é possível avaliar outro tipo de relação mais direta com outros textos. Aparece também um diálogo não explícito com a letra da música “*Pais e filhos*” quando ele diz que os pais não entendem seus filhos, mas os filhos também devem procurar entender os pais.

Categoria 3: Interdiscursividade

A presença de outros discursos, nesse texto, é mais marcante. Um exemplo disso é quando Caio citou as palavras “curtição” e “rebeldia”, para explicar o comportamento da maioria dos jovens. A ideia de que, na adolescência, os jovens são pouco racionais já está estabelecida socialmente. O que é uma contradição, pois em nosso país um jovem de 16 anos pode votar, para escolher seus governantes; já quando se trata de responder pelos crimes que cometem esses mesmo jovens são considerados incapazes pelos políticos eleitos por eles. Há então, emergindo desse texto, uma ideologia de manutenção do poder dos políticos, reafirmada na inconstância dos jovens ao votar.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

Apesar de ser um texto curto para os padrões do gênero em estudo, o aluno conseguiu satisfazer nossa expectativa e montar um texto que, em parte, pode ser encaixado numa cadeia de gêneros específica como texto de opinião; manteve uma relação intertextual com a segunda versão, com as versões dos colegas e com os textos lidos em sala; trouxe um diálogo com outro texto (não visto em sala) e saiu do lugar-comum visto nos demais textos sobre “a fuga de casa”; além disso, deixa se sobressair os discursos difundidos socialmente de que os adolescentes não são responsáveis por nada e que isso é bom para manter os políticos no poder, ao serem votados por jovens que só querem saber de “*curtição*”.

➤ Caio: 2 (Anexo A p.111-112)

Categoria 1: Estrutura genérica

A última versão situa o texto como sendo do gênero artigo de forma mais clara que a versão inicial. Além de relacionar o título “*Conflito entre pais e filhos*” à tese, argumenta de maneira mais contundente ao utilizar argumentos de autoridade, como o depoimento de uma psicóloga americana sobre a adolescência e dados de uma pesquisa feita pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos em parceria com o Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa; na conclusão, emite sua opinião, de forma segura “*Esses desentendimentos têm que acabar. Um deve compreender o outro*”. Mesmo fazendo uso de poucos operadores argumentativos, consegue manter o texto coerente, compatível com sua idade e com a série que cursa.

Categoria 2: Intertextualidade:

Na versão final, a intertextualidade aparece de forma mais clara, pois o aluno cita um trecho do livro “*Como formar filhos vencedores*”, da psicóloga americana Nancy Pelt (Anexo C, p. 166), para fortalecer seu argumento de que é normal a rebeldia na adolescência “*A rebeldia normal levará o adolescente a uma vida adulta madura*”. Também faz com que seu texto dialogue com outros textos lidos durante a SD, como a letra da música “*Rebelde sem causa*” (Anexo C, p. 158), da banda Ultraje a Rigor; a reportagem, da revista *Folhateen*, “*Fuga ao redor do quarteirão*”, assinada por Alessandra Kormann; e a letra da música “*Pais e filhos*” (Anexo C, p. 157), do grupo Legião Urbana. O dialogismo se faz presente, inclusive, durante as interações em sala de aula.

Categoria 3: Interdiscursividade

Encontramos na última versão do texto de Caio um discurso profissional (psicóloga) reforçando argumentos citados por ele; além do depoimento da psicóloga, o aluno menciona dados divulgados por dois órgãos governamentais, o que deixa claro uma forte presença do discurso do governo sobre o comportamento dos adolescentes; há, ainda, a marca do senso comum quando ele fala que a adolescência é o período “*da curtição*” e que “*com o avanço da tecnologia, pois os*

filhos conhecem outros jovens que vários so dão mau exemplo” nesse caso, o aluno toma para si o discurso socialmente estabelecido de que os adolescentes são facilmente influenciáveis, como se diz popularmente são “*Maria vai com as outras*”.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

A versão final escrita por Caio mostra que ele avançou significativamente na apropriação das especificidades que compõem o gênero discursivo artigo de opinião. Isso é comprovado porque ele conseguiu superar a primeira versão em todos os critérios analisados por nós. Esse aluno, em nossa avaliação, foi o que mais deixou marcada a diferença entre as duas versões escritas, propostas ao longo da SD, pois revisou e reescreveu seu texto acrescentando a ele traços mais característicos do gênero discursivo artigo de opinião. As expectativas não só foram alcançadas, como superadas, mostrando um grau acentuado de amadurecimento do aluno ao longo das atividades realizadas.

- Ana: 1 (Anexo A p.113)

Categoria 1: Estrutura genérica

Quanto à estrutura básica do gênero artigo de opinião, a aluna apresenta apenas dois dos elementos como o título “*A fuga dos adolescentes*”; uma tese, que é a atitude dos jovens fugirem de casa por não se entenderem com os pais; não utilizou argumentos, apenas copiou um trecho da matéria como desenvolvimento da tese; e concluiu copiando um trecho de um artigo pesquisado por ela na internet, ou seja, ela fez cópias de trechos de textos. A marca de autoria, facilmente identificável pelos truncamentos presentes, aparece nos dois primeiros parágrafos “*milhares de jovens fogem de casa por conta de vários motivos familiares*”; “*muitos jovens fogem de casa por conta de namoros e de amizades*” e “*que leva isso à preocupação dos pais*”. Não há progressão das ideias que ela tenta expressar e, por não conseguir, faz uma cópia de outros textos.

Categoria 2: Intertextualidade

Poucas são as referências textuais encontradas nesta primeira versão. A relação intertextual surge apenas na citação da reportagem. “*Fuga ao redor do*

quarteirão” (Anexo C, p. 154) e de outro texto que não citou a fonte. O texto não dá progressão à tese indicada na introdução.

Categoria 3: Interdiscursividade

O discurso que aparece mais marcadamente no texto é da jornalista que assina a reportagem, logo, é um discurso profissional. Como não há desenvolvimento do assunto por parte da aluna, não notamos outros discursos que poderiam ter emergido do texto da aluna.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

O texto em análise não chegou a atingir a expectativa mínima, pois, dos elementos que compõem a estrutura do gênero artigo de opinião só apresentou o título e a tese e não desenvolveu o assunto no decorrer do texto; quanto à intertextualidade só a encontramos em uma citação literal de um dos textos lidos ao longo da SD; e assim, não notamos outros discursos, além do já citado, permeando o texto, uma vez que a aluna não desenvolveu com mais profundidade suas ideias no artigo analisado.

- Ana: 2 (Anexo A p.114)

Categoria 1: Estrutura genérica

A estrutura utilizada nesta versão do artigo não difere muito da apresentada na versão inicial, pois a aluna seguiu o mesmo padrão comentado anteriormente ao escrever o título e a tese (aqui colocada através de uma citação “*o desejo de fugir é saudável, mas o fugir não*”. “*o fugitivo pode se colocar em uma situação de perigo; dizem especialistas da Folha Online*”) e não desenvolveu os argumentos, nem a conclusão; introduziu o último parágrafo com um marcador argumentativo “*portanto*”, mas, ao longo do parágrafo não conseguiu concluir com coerência ao dizer que “*O afastamento dos pais, as tendências e as necessidades naturais e saudáveis são coisas complexas para a fase deles*”. A compreensão ficou comprometida. A aluna poderia ter se expressado de forma mais clara e objetiva.

Categoria 2: Intertextualidade

A relação intertextual nesse artigo se resume à reportagem “*Fuga ao redor do quarteirão*”. Apesar de outros textos terem sido lidos em sala, a aluna restringe-se à reportagem que trata da fuga de casa como solução para a falta de diálogo entre pais e filhos. No segundo parágrafo, inseriu inclusive uma citação quase direta, ao utilizar como base de seu texto os dados e exemplos colocados no texto modelar supracitado.

Categoria 3: Interdiscursividade

Como discurso predominante, encontramos na versão final do artigo da aluna a presença da “voz” da autora da reportagem mencionada anteriormente, o que configura um discurso profissional / jornalístico. Também foi possível perceber um discurso relacionado ao pensamento dos psicólogos e estudiosos da educação que apareceram nos textos estudados durante o trabalho com a SD, em sala de aula, como vemos em “*a independência é uma coisa normal*” e “*os pais devem estar atentos à independência dos filhos*”. Esse discurso profissional está ligado ao estudo do comportamento dos adolescentes e serve para orientar quem trabalha com esse público.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

A segunda versão do artigo de Ana não mostrou avanço significativo em relação ao primeiro, em nenhuma das categorias analisadas. Quanto à estrutura genérica, mantém o mesmo título “*A fuga dos adolescentes*”; e a tese de que os jovens fogem por não conseguirem se entender com os pais; usa as informações dadas na reportagem como se fossem argumentos em forma de citação indireta e conclui introduzindo um marcador argumentativo “*portanto*” e usando a opinião de pessoas consultadas pela autora da reportagem. As duas versões são muito parecidas; ambas giram em torno do mesmo texto lido em sala “*Fuga ao redor do quarteirão*” e não se distanciam dele em relação ao conteúdo.

➤ Rafael: 1 (Anexo A p.115)

Categoria 1: Estrutura genérica

No texto em questão, pudemos identificar, em linhas gerais, os elementos básicos de um artigo de opinião. O título “*Respeito aos pais*” vem acompanhado de olho: “Dificuldade de ser compreendido pelos pais”. Na sequência, observamos, logo no início do primeiro parágrafo, a tese “*adolescentes são tão imaturos sempre querendo serem adultos*”. Como argumentos, identificamos “*todo adolescente sempre quer chamar a atenção não sabe o que é viver sem os pais*”, (o adolescente) “*acha que vai ter tudo o que a gente quer*”. No final do texto, o aluno conclui suas ideias da seguinte forma: “*a última coisa para que eu tenho a dizer é que não sejam igual a aqueles que querem tudo parem de ser mimados sera bom pro nosso futuro*”, dando conselhos aos leitores adolescentes.

Categoria 2: Intertextualidade

Esse texto apresentou uma relação intertextual com os textos lidos em sala, no que diz respeito à temática da imaturidade dos filhos e da rebeldia e falta de compreensão destes com o esforço dos pais na criação e educação dos adolescentes. No trecho em que o aluno diz que “*é ótimo ter uma mãe e um pai, passa o dia fora se for preciso so para se sustentar a família*”, podemos perceber o diálogo dessas ideias com as ideias apresentadas na música “*Rebelde sem causa*”, do grupo musical Ultraje a Rigor (Anexo C, p. 158).

Categoria 3: Interdiscursividade

Pudemos identificar facilmente, no texto lido, o discurso da imaturidade e rebeldia “sem causa” dos adolescentes, vistas, socialmente, como características tão marcantes no comportamento dos jovens dessa faixa etária. Além disso, é senso comum na nossa sociedade a ideia de que há um grande esforço dos pais no sustento dos filhos e de que esse esforço nem sempre tem o reconhecimento e valorização por parte dos filhos.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

Considerando o fato de que essa é a primeira versão do aluno, verificamos que, apesar de esse texto ser “circular” e repetitivo em relação às ideias desenvolvidas, o aluno conseguiu atender à estrutura genérica do artigo de opinião. Ademais, consideramos positiva a intertextualidade mantida com os textos vistos em sala de aula, com os textos dos demais alunos, e a presença de diferentes discursos socialmente legitimados.

- Rafael: 2 (Anexo A p.116)

Categoria 1: Estrutura genérica

Dos elementos básicos que estruturam o artigo de opinião, a versão final apresenta título “*a relação entre pais e filho*” e tese “*atualmente, os adolescentes estão querendo apagar a sua infância, com sua maturidade*”. Entretanto, na sequência dessa produção textual, não identificamos argumentos à tese apresentada porque, na verdade, o texto segue uma sequência narrativa, citando depoimento de adolescente, como forma de reforçar seu ponto de vista. Ao final, assim como o fez, na primeira versão, o aluno conclui seu texto, dirigindo conselhos aos adolescentes e aos pais: “*pense duas vezes se acalme não sejam aquele adolescente louco ou mal educado (...)*”, “*pais também parem de esta no facebook que isso não da futuro cuide de seus filhos também*”. Foge da estrutura básica do artigo ao escrever, ao final do texto, um “the end” como se quisesse avisar que o texto acabou.

Categoria 2: Intertextualidade

No texto final, verificamos uma intertextualidade com a primeira produção textual, especialmente no que se refere ao tom da imaturidade do adolescente. Também, identificamos intertextualidade com uma música citada pelo aluno e com dito popular “*respeito é bom e todo mundo gosta*”.

Categoria 3: Interdiscursividade

Nessa última versão, da mesma forma que na primeira, prevalecem os discursos, socialmente estabelecidos, da imaturidade dos adolescentes e do esforço dos pais na educação dos filhos. Está presente, ainda, o discurso de que, geralmente, os adolescentes são rebeldes, “*loucos*” e mal-educados. Por isso, o aluno, valendo-se do dito popular, defende, num discurso também legitimado, que “*respeito é bom e todo mundo gosta*”.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

Na comparação do texto final com a primeira versão produzida pelo aluno, percebemos que o aluno fez poucos avanços depois da aplicação da estratégia de facilitação do letramento objetivada pela SD. Inclusive, especificamente, sobre a estrutura genérica, observamos que o texto inicial foi o que melhor contemplou as características de um artigo de opinião, já que, no último texto, não notamos argumentos bem articulados com a tese apresentada. No que diz respeito à organização das ideias, também não houve progresso nas temáticas apresentadas no texto final. Caberia, nesse caso, uma continuidade nas atividades de leitura e escrita de textos argumentativos para familiarizar mais o estudante com essa prática.

- Mateus: 1 (Anexo A p.117)

Categoria 1: Estrutura genérica

O texto analisado contém os elementos básicos de um artigo de opinião. O título “*Liberdade*” está relacionado com a tese “*o problema não é a liberdade, mas sim o que eles (jovens) fazem dela*”. Em consonância com a tese, identificamos argumentos, como: as atitudes impulsivas e inconsequentes dos jovens. O aluno, ao final do seu texto, faz uso de um operador argumentativo “porém” para concluir que o jovem deve “*fugir*” de “*coisas(...) que são apenas felicidades passageiras*”.

Categoria 2: Intertextualidade

Nesse texto, percebemos a intertextualidade na medida em que, ao falar da liberdade, o autor do texto compartilha das mesmas ideias do artigo “*Brigas entre pais e filhos adolescentes*”, da psicanalista Patrícia Yumi Nakagawa (Anexo C, p.

159). Ademais, percebemos a relação intertextual por uso de expressões cristalizadas socialmente, como “*à flor da pele*” e “*felices passageiras*”.

Categoria 3: Interdiscursividade

Nesse texto, constatamos a articulação do texto com discursos consensuais. No trecho, “*a adolescência é como uma corda da qual você está se equilibrando e a qualquer momento pode cair*”, identificamos, por meio da metáfora usada, traços do discurso comum de que a vida é uma “*corda bamba*” e de que, por isso, nosso desafio diário é uma tentativa de “*equilibrar-se*” nessa corda bamba. A expressão “*felices passageiras*”, por sua vez, nos remete à ideia do “*carpe diem*”, que traduz o discurso filosófico de que tudo na vida “*não dura por muito tempo*” e, por isso devemos aproveitar o momento presente, já que o futuro é incerto.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

O texto em questão apresentou, de forma satisfatória, os elementos essenciais do gênero artigo de opinião: título, tese, argumentos e conclusão. Vimos, pela leitura do texto, que as relações intertextuais entre o texto produzido e os textos analisados em sala são bem articuladas. Também estão evidentes, nessa versão, discursos articulados com a visão de que é preciso equilíbrio e maturidade para tomar decisões certas.

- Mateus: 2 (Anexo A p.118)

Categoria 1: Estrutura genérica

O texto final, assim como o primeiro, contempla, satisfatoriamente, a estrutura genérica do artigo de opinião. Há um título “*Liberdade precoce*” e uma tese “*o problema está no que o jovem faz com a liberdade dele*”, que só é apresentada no 3º parágrafo. Reforçam a tese argumentos como a má influência dos amigos, presente no trecho “*geralmente eles são impulsionados a isso pelos ‘amigos’ que induzem para o caminho errado*”, e a ideia de que distanciar-se das más influências evitaria conflitos com os pais. O aluno concluiu seu texto, com o reforço de um marcador argumentativo, que introduz o desfecho de que o limite na liberdade do jovem pode ser positivo e que a experiência dos pais é benéfica para os filhos.

Categoria 2: Intertextualidade

Constatamos, na versão final, uma forte intertextualidade com o primeiro texto, especialmente porque ambas as versões giram em torno de uma mesma tese. Também notamos, nessa versão última, vozes dos textos que embasaram as discursões em sala de aula, dos outros textos produzidos pelos demais colegas e dos debates realizados ao longo das atividades. Especificamente sobre a intertextualidade com os textos modelares, constatamos relação direta com o texto “*Fuga ao redor do quarteirão*” (Anexo C, p. 154), da revista *Folhateen*.

Categoria 3: Interdiscursividade

No que tange à interdiscursividade, verificamos a presença do discurso, estabelecido socialmente, de que os pais só querem o melhor para os filhos e têm mais sabedoria que estes. Nesse contexto, o aluno se mostra capaz de relacionar informações de caráter universal com realidades locais.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

O aluno atingiu a expectativa inicial ao estruturar seu texto de acordo com o gênero discursivo proposto e, ainda, ao relacioná-lo com os textos-base e com a versão anterior e fazer uso de discursos já difundidos socialmente. Além disso, o estudante Mateus usou adequadamente operadores argumentativos (portanto, quando) para garantir a progressão de suas ideias. Na comparação de ambas as versões, o uso de uma mesma tese e repetição de algumas ideias são vistas de forma positiva porque sinalizam para o fato de que o aluno articula argumentos distintos a partir de um ponto de vista que ele defende.

- Marcelo: 1 (Anexo A p.119)

Categoria 1: Estrutura genérica

A primeira versão do texto de Marcelo construiu-se a partir de um grande “bloco”, com um período único. Da estrutura do gênero artigo de opinião fez uso do título “*Os acontecimentos de uma vida dos adolescentes*” e iniciou o texto reportando-se aos pais dos adolescentes “*Senhores pais vocês tem que se aproximar mais de seus filhos*”. Como tese, considera que os pais devem dar mais

atenção aos filhos; como justificativa para sua ideia de que os filhos merecem mais a atenção dos pais considera que *“tem filhos que matam sua família, porque eles levam surras”* e *“o filho faz coisa que não presta para chamar atenção dos pais”* e ainda *“não acompanham o crescimento do filho, as coisas que eles gostam, se ta bem na escola”*. Na conclusão, reafirma o que disse na introdução *“por isso que os pais tem que dar atenção mais aos seus filhos tem que amalos mais, sempre apoialos para que o filho seja uma pessoa feliz com sua família”*. Mesmo sem estruturar seu texto seguindo a paragrafação e a coesão, o estudante elaborou um artigo de opinião com os elementos básicos previstos para esta etapa da SD.

Categoria 2: Intertextualidade

A presença de intertextualidade, nesta primeira versão, é mais implícita, pois não remete a nenhum texto, especificamente e, ao mesmo tempo, remete a todos os textos usados como modelo durante as aulas ao tratar da difícil relação entre pais e filhos. Quando falou dos filhos que matam os pais, trouxe traços das reportagens policiais que jovens de sua comunidade costuma assistir nos programas sensacionalistas de televisão e nos noticiários de jornais; também falou sobre a fuga dos adolescentes de casa *“tem adolescentes que fogem de casa por que não aguenta brigando o tempo todo com os pais aí foge”*. Este trecho traz uma relação dialógica com a reportagem *“Fuga ao redor do quarteirão”*. Outros textos que dialogam com este é a versão final de Marcelo, dos demais alunos e das discussões em sala.

Categoria 3: Interdiscursividade

O discurso adolescente é o que predominava nessa versão. Ao defender atividades que não são aceitas socialmente como *“os adolescentes não gosta de acorda cedo, fazer as coisas em casa e levar cartões dos pais”*, o aluno ainda “quase” justifica a atitude de alguns filhos matarem os pais, o que fere, inclusive, os direitos humanos. O aluno quando faz as afirmações acima, expressa um discurso de condenação desmedida às atitudes dos pais que tentam disciplinar os filhos. Não há equilíbrio entre a atitude dos pais e dos filhos; os filhos aparecem como vítimas e os pais como carrascos.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

Mesmo com algumas falhas na organização textual e na justificativa de suas ideias, o aluno conseguiu escrever o artigo com seus principais elementos: título, tese, argumentos e conclusão. Além disso, conseguiu expor seu ponto de vista, em vez de repetir o que leu nos textos usados como modelo durante a SD. Considerando o fato de ser a primeira versão, o aluno fez mais que o esperado.

- Marcelo: 2 (Anexo A p.120)

Categoria 1: Estrutura genérica

A estrutura da versão inicial ficou diferente da versão inicial: o aluno usou um título “*Os acontecimentos das vidas dos adolescentes*”; mudou a tese, voltando-se para “*Os jovens de Hoje em Dia são muitos rebeldes*”; argumentou falando sobre o fato dos jovens acharem que tudo é “*moleza, não liga para que os pais fala, se envolve com Droga*”; também disse que “*os pais não deve dar maus exemplos aos seus filhos*”; e ainda “*os pais sempre devem apoiar seus filhos*”; concluiu com uma sugestão “*Os pais sempre devem querer entender os sentimentos de seus filhos e nunca deixalos sozinhos*”, mesmo dizendo no início que os jovens são rebeldes, continuou culpando somente os pais pela relação conflitiva entre a maioria dos pais e filhos.

Categoria 2: Intertextualidade

A segunda versão do artigo de opinião, escrito por Marcelo, relaciona-se, intimamente, com a versão inicial do mesmo aluno. Ele definiu a ideia de que os pais precisam dar mais atenção a seus filhos para que estes não façam coisas erradas, como matá-los, usar drogas e fugir de casa. Também mantém diálogo estreito com os textos dos colegas e com os debates em sala. A relação dialógica com os textos usados como modelo acontece mais subjetivamente.

Categoria 3: Interdiscursividade

Na versão final, o aluno apoderou-se do discurso familiar e socialmente estabelecido ao falar sobre a rebeldia dos jovens que enfrentam os pais para chamar a atenção para si. Faz parte de um discurso construído socialmente o fato

dos adolescentes serem rebeldes e enfrentar os pais em busca de mais atenção e dos pais, por não terem tempo para os filhos, comprá-los com presentes, quando o que eles realmente precisam é da presença e do amor dos pais.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

Mesmo depois de uma série de atividades organizadas, de modo a buscar a apropriação por parte dos alunos, da estrutura e conteúdo do gênero discursivo artigo de opinião, o aluno não conseguiu internalizar a estrutura padrão do gênero em estudo construindo seu texto (assim como a primeira versão) em um bloco único de informações. Apesar disso, apresenta um título, desenvolve argumentos e encerra com uma conclusão. O assunto é pertinente e parece ter evoluído um pouco em conteúdo desde o começo da aplicação da SD.

➤ Sônia: 1 (Anexo A p.121)

Categoria 1: Estrutura genérica

Nesse texto, é possível reconhecer a estrutura genérica de um artigo de opinião. O texto apresenta o título “*pais x adolescentes dos dias de hoje*” e a tese é sustentada na ideia da complicada convivência entre pais e filhos. Como argumentos, identificamos: “*os pais querem que os filhos entenda o lado deles*”, “*a mente dos adolescentes estão abertas para tudo e se o pai ou a mãe não acompanha essas essas fase, se o filho e solto, não e repreendido no momento certo ele concerteza vai aprender coisas do mundo, somente o que não presta*”. Na conclusão do texto, o autor resume: “*os pais não devem pensar em si, mas na vida dos filhos, conversar, compreendê-los, escuta-los, pois eles precisam desse apoio pra eles e fundamental e importante*”.

Categoria 2: Intertextualidade

Nessa primeira versão, assinalamos para a forte intertextualidade doo artigo “*Brigas entre pais e filhos adolescentes*”, da psicanalista Yumi Nakagawa (Anexo C, p. 159). Nesse artigo, a autora inicia sua exposição de ideias com a tese “*os adolescentes trazem em seus relatos muito sofrimento diante das frequentes discursões que estabelecem com seus pais nesse período de vida*”. Para o autor do

texto aqui analisado, o duelo entre pais e filhos gera discursões e isso, conseqüentemente, acarreta sofrimento para os filhos.

Categoria 3: Interdiscursividade

A convivência conflituosa entre pais e filhos, temática presente nos discursos sociais, políticos e religiosos, é o assunto principal do texto em análise. Essa temática, conseqüentemente, gera discursões, também nas esferas sociais, políticas e religiosas, de atitudes que amenizem os conflitos da relação entre pais e filhos. Nesse contexto, o texto desse aluno defende o discurso de que “*a presença dos pais na vida dos adolescentes ao até mesmo dos filhos pequenos e muito importante*”.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

Como se trata da primeira versão, consideramos que o aluno correspondeu a expectativa inicial de produzir um texto argumentativo cuja estrutura genérica apresente os elementos essenciais de um artigo de opinião. Também destacamos a relação intertextual com textos. Quanto à interdiscursividade, assinalamos para a relação do texto produzido com discursos já legitimados e cristalizados socialmente.

- Sônia: 2 (Anexo A p.122)

Categoria 1: Estrutura genérica

Assim como no primeiro texto, a versão final apresenta os elementos básicos de um artigo de opinião. Há um título “*Pais e filhos eis a questão*”; uma tese: “*a relação dos pais com os filhos está muito complicada*”, reforçada por argumentos como estes: “*a maioria dos adolescentes fogem de casa e brigam com os pais por causa da falta de comunicação da família*”, “*os pais precisam por limites em algumas atitudes dos filhos*”, “*os filhos devem aprender a respeitar qualquer decisão feita pelos pais*”.

Categoria 2: Intertextualidade

Nessa versão, é possível identificar traços marcantes de intertextualidade com os textos modelares, especialmente no que diz respeito à abordagem do texto aos conflitos entre pais e filhos, à fuga de casa por parte de alguns adolescentes e à importância de os pais imporem limites aos filhos. Além disso, percebemos, na versão aqui analisada, as vozes presentes nos textos dos demais colegas da classe.

Categoria 3: Interdiscursividade

É muito presente nos discursos socialmente legitimados a temática da relação conflituosa entre pais e filhos. Essa mesma temática, já apresentada na primeira versão, é reforçada nessa segunda versão, inclusive com o acréscimo de argumentos que também refletem discursos do senso comum, como a fuga de casa por parte de adolescentes, a imposição de limites às atitudes dos filhos.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

Comparando a primeira versão com a última, reconhecemos, nessa última, o avanço do aluno, na medida em que, ao manter a tese do primeiro texto, o aluno conseguiu introduzir novos argumentos que reforçam a tese. Além disso, percebemos que a realização da sequência didática foi importante para a formação do letramento crítico do aluno.

- Fernanda: 1 (Anexo A p.123)

Categoria 1: Estrutura genérica

O elemento inicial, que caracteriza o gênero artigo de opinião foi escolhido pela aluna como “*A liberdade*”; além de título, ela acrescentou um tema, que poderia ser usado como olho do artigo “*A dificuldade de ser compreendido pelos pais*”, pela disposição espacial na página. A tese repete a ideia presente acima de que os pais não entendem bem seus filhos e, pro isso, estes fogem de casa para serem livres; os argumentos apresentados contrariam a tese, pois, inicialmente parecia que ela defenderia os adolescentes e depois parte em defesa dos pais dizendo que os jovens “*nunca pensam nas consequências*”, “*depois de fugir passam por várias complicações*”, “*o mundo de segurança desapareceu*”; a conclusão, aparentemente,

vem em forma de pergunta “*a onde está á minha liberdade? E voltam para casa*”. Não verificamos o uso de operadores argumentativos.

Categoria 2: Intertextualidade

Essa primeira versão traz marcas de diálogo com os textos utilizados como base para as atividades mais veladamente. A aluna não mostra citações diretas, apenas fala sobre a relação difícil entre pais e filhos. O mais próximo que chegou de uma retomada mais direta de diálogo com outro texto foi quando citou o assunto da reportagem “*Fuga ao redor do quarteirão*” (Anexo C, p. 154), ao dizer que “*Garotas ou garotos com apenas 14 ou mais anos de idade saem de casa para viver o seu ‘Livre arbítrio’*”. Entre esta primeira versão e os textos dos demais alunos, percebemos uma relação intertextual.

Categoria 3: Interdiscursividade

Há nessa primeira versão um discurso que a atravessa que é o discurso cristalizado socialmente de que o adolescente não se entende com os pais e, por isso, foge de casa. A inconsequência dos jovens é comumente relatada por pessoas mais velhas, que têm mais experiência de vida e, por isso, se acham capazes de julgar o comportamento juvenil. É importante observar que esse julgamento não pode ser generalizado, uma vez que há adolescentes responsáveis e mais maduros que muitos adultos.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

A aluna atingiu em parte, a expectativa, pois apresentou o título, tese, argumentos e conclusão. Como essa produção textual foi a primeira é compreensível que haja algumas “falhas” no texto. A aluna não progrediu no assunto, portanto demonstrou não ter feito pesquisa, como foi orientado em sala de aula.

➤ Fernanda: 2 (Anexo A p.124)

Categoria 1: Estrutura genérica

Na segunda versão, a aluna trocou o título de “*A liberdade*” para “*A adolescência*”. A tese continuou sendo a dificuldade de se relacionar com os pais e “*o desejo de poder ter consigo sua dependência e suas próprias decisões*”. Os argumentos elencados como causa dos conflitos giram em torno da invasão de privacidade dos filhos; da preocupação com as drogas e com a sexualidade. Utilizou com coerência um operador argumentativo “*no entanto*” para iniciar um período em que fala da necessidade dos pais entenderem que “*o adolescente precisa de seu espaço*”. Em outro parágrafo, mais um marcador de argumentação é utilizado em “*porém quando os jovens saem e comem a viver fora de casa (...)*”. Para concluir, citou situações vividas pelo jovem que foge de casa.

Categoria 2: Intertextualidade

A última versão do artigo de opinião dialoga com a primeira versão, com as versões dos demais colegas, com a temática dos textos usados como modelo de estudo e com as discussões realizadas em sala. Ao utilizar a expressão “*livre arbítrio*”, faz referência à Bíblia, quando sugere que o adolescente deve ter o direito de fazer suas escolhas, independente da vontade dos pais.

Categoria 3: Interdiscursividade

A versão final traz um discurso juvenil quando fala do desejo dos adolescentes de terem liberdade, mas serem impedidos ou censurados pelos pais; e familiar quando assume a ideia de que longe dos pais, os filhos estão sujeitos a “*insegurança, violência e o desrespeitos*”. A expressão bíblica “*livre arbítrio*” ainda traz para o texto um discurso religioso, que orienta ou pode orientar a conduta do jovem.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

Tanto a primeira quanto a segunda versão atenderam as expectativas, à medida que apresentaram a estrutura básica do artigo de opinião (título, tese, argumentos, conclusão, e coerência no texto); além disso, mesmo fazendo poucas

referências intertextuais explícitas, o texto mantém diálogo com os demais vistos nas aulas, inclusive com a Bíblia. Os discursos encontrados por nós que surgem através da voz da aluna são o juvenil, o familiar e o religioso. Assim, a versão final foi construída, segundo o que foi visto durante a SD, embora o esperado fosse que a aluna desenvolvesse melhor suas ideias.

➤ Rita: 1 (Anexo A p.125)

Categoria 1: Estrutura genérica

Essa produção textual contempla, em linhas gerais, a estrutura genérica do artigo de opinião. O título “*Os problemas dos adolescentes*” se relaciona com a tese pautada na ideia de que os pais, atualmente, não compreendem a maioria dos problemas pelos quais os filhos passam. Para fortalecer essa tese, a aluna apresenta argumentos como “*todo adolescente gosta de ter ou quer ter roupas de marcas, carro, (...) e quando os pais não tem como oferecer tudo isso eles começam a xingar*”. No desfecho, a aluna conclui que “*os pais devem conversar com seus filhos quando chega na fase da adolescência*” e que “*essa é a melhor forma de um adolescente ser compreendido pelos seus pais*”.

Categoria 2: Intertextualidade

O texto em análise tem uma marcante relação intertextual com a reportagem “*Fuga ao redor do quarteirão*”, da revista da *Folhateen*. Essa intertextualidade se manifesta, por exemplo, quando a aluna menciona situações em que os pais proíbem o namoro dos filhos ou casos em que os jovens querem ganhar aquilo que os pais não podem comprar. Situações como essas, segundo a versão de texto aqui analisada e a reportagem á citada, muitas vezes levam o adolescente a fugir de casa. Além dessa intertextualidade, notamos, ainda, o diálogo desse texto com os textos dos demais alunos e com os debates em sala de aula.

Categoria 3: Interdiscursividade

Nesse texto, emerge, de forma evidente, o discurso de que muitos jovens de hoje querem ter bens que os pais não têm condições de lhes dar ou se relacionam afetivamente com outras pessoas sem o consentimento dos pais. Na perspectiva da abordagem dessas temáticas, a conclusão do texto da aluna remete

ao discurso do senso comum de que o diálogo entre pais e filhos é a melhor forma de resolver conflitos.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

Essa versão apresentou os elementos essenciais do artigo de opinião, correspondendo, assim, à expectativa inicial da professora. Também foi satisfatório o fato de o texto apresentar intertextualidade com os textos dos demais colegas e com as discussões e debates realizados em sala de aula, a partir da leitura dos textos modelares.

- Rita: 2 (Anexo A p.126)

Categoria 1: Estrutura genérica

A versão final em análise contém os elementos essenciais do artigo de opinião. Nela, identificamos um título "*Problemas familiares*"; uma tese "*atualmente os adolescentes passam por problemas diariamente com a família*"; argumentos, como "*os jovens de hoje em dia não são como os de antigamente, a juventude mudou muito*" e "*pais tinham moral para seus filhos, agora não tem mais os filhos fazem o que quer*". Na conclusão, o texto destaca que a conversa é essencial para que pais e filhos tenham uma boa relação familiar. Não usou operadores argumentativos para ligar as ideias em seu texto.

Categoria 2: Intertextualidade

Nesta última versão, notamos uma relação muito próxima com a primeira versão, especialmente no que se refere à tese e à conclusão que são repetidas nas duas versões. Assim como na primeira, nessa versão é possível identificar vozes presentes nos debates realizados em sala de aula durante o desenvolvimento da SD. Também existe um diálogo com os textos dos demais alunos e com os textos usados em sala como modelo do artigo de opinião.

Categoria 3: Interdiscursividade

Nessa nova versão, identificamos o discurso legitimado socialmente de que a juventude dos dias de hoje é muito diferente da juventude de antigamente. Há

um senso comum referente à ideia de que o jovem de antigamente tinha mais respeito pelas pessoas e era mais responsável, enquanto os jovens de hoje são impulsivos, desobedientes e rebeldes. Assim como a primeira versão a atual também faz do discurso universal de que o diálogo é sempre a melhor saída para resolver conflitos e estabelecer uma boa relação, principalmente, entre pais e filhos.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

Na comparação das duas versões, podemos dizer que a aluna avançou no que diz respeito a sua capacidade argumentativa, uma vez que no segundo texto, apresentou novos argumentos para reforçar a ideia defendida na tese. Isso significa que, nosso objetivo de utilizar a SD como estratégia facilitadora do letramento crítico da aluna foi alcançado.

- Elen: 1 (Anexo A p.127)

Categoria 1: Estrutura genérica

A versão inicial do artigo de opinião apresenta a estrutura comum aos textos argumentativos; o título escolhido foi *“Como compreender os filhos”*; a tese defendida foi *“os pais querem educar os filhos para não se prejudicar com coisas erradas na vida”*; e apresentou como argumentos as afirmações *“os pais querem o melhor para o seu filho”*; *“os filhos não querem mais saber de conversas”*; e *“os pais não estão ligados a gíria na tecnologia”* (por esse motivo os filhos ficam afastados dos pais e mais próximos dos amigos virtuais); como conclusão, de forma vaga propõe que *“para uma melhor compreensão entre pais e filhos devem procurar formas para se entenderem melhor”*. Soube usar adequadamente alguns operadores argumentativos como *“pois”*, *“mas”* e *“então”*, o que provocou maior coerência e coesão textual.

Categoria 2: Intertextualidade

Nessa versão, a aluna relacionou, de forma não literal as vozes dos textos lidos em sala, dos textos dos demais alunos e das conversas mediadas por nós para compor sua versão do artigo de opinião. Não fez referências diretas a outros textos, mas percebemos que embasou parte de seu texto na reportagem *“Fora de época”* (Anexo C, p. 163) ao falar sobre a tecnologia, por exemplo.

Categoria 3: Interdiscursividade

O discurso que subjaz esse texto é o discurso familiar, uma vez que Elen deixou, em um tom aparentemente neutro, surgir as ideias dos pais de família no texto escrito por ela. Expôs, já no título, a preocupação dos pais em compreender os filhos e, ao longo do texto fortaleceu essa ideia ao dizer, por exemplo, que “*Os filhos são quem mais sabem de conversas pois com o novo mundo da tecnologia, eles podem conversar com amigos*”.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

Como escrita da versão inicial, a aluna conseguiu atingir a expectativa de escrever com coerência um artigo de opinião que apresentasse, como estrutura básica: título, tese, argumentos e conclusão; as relações intertextuais foram mais implícitas, pois fez uso de informações gerais, encontradas nos textos lidos durante o processo de escrita do artigo de opinião; e, por fim, deu voz a discurso dos pais, ao defender o interesse destes em se relacionar bem com os filhos.

- Elen: 2 (Anexo A p.128)

Categoria 1: Estrutura genérica

Na versão final do artigo de opinião escrito por Elen, o título foi mantido igual ao da versão inicial; manteve também a tese que diz que “*os pais querem sempre educar os filhos para não se prejudicar com coisas erradas*”; os argumentos também foram conservados com grande semelhança com a versão inicial do texto; já na conclusão, aparentemente, a aluna tentou preencher o número de linhas e não se preocupou com a conexão entre as ideias expostas deixando o final do último parágrafo quase incompreensível. De qualquer modo, a tarefa foi cumprida, pois não fugiu do assunto proposto e manteve a estrutura básica dos textos argumentativos.

Categoria 2: Intertextualidade

A versão final do artigo de opinião de Elen manteve relação intertextual muito próxima com a primeira versão escrita; Assumiu a mesma postura adotada por alguns colegas ao considerar que os filhos adolescentes são rebeldes e os pais sempre procuram ajudá-los; Também encontramos marcas do diálogo com os textos

usados como modelo, principalmente quando falou da rebeldia dos filhos, assunto tratado na letra da música “*Rebelde sem causa*” (Anexo C, p. 158), da banda Ultraje a Rigor.

Categoria 3: Interdiscursividade

Existe um discurso marcadamente familiar, no artigo em análise, que se articula com as crenças e atitudes dos pais em relação ao comportamento rebelde dos filhos adolescentes. Aqui, predomina, a hierarquia familiar na qual os pais “cuidam” dos filhos e estes são cuidados pelos pais, como pudemos ver em “*os pais estão ali do seu lado ajudando a educação (...)*” e “*os pais ainda fica preocupados os filhos fica fazendo o que quer da vida (...)*”; portanto o discurso que emerge nesta versão é o familiar.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

A aluna conseguiu atender aos critérios básicos do artigo de opinião, pois estruturou seu texto dentro dos padrões selecionados por nós para o gênero em questão, como a presença de título, tese, argumentos e conclusão. Notamos falhas em relação ao aspecto textual / linguístico que não foram sanadas no decorrer da SD e que são incompatíveis com a série cursada pela aluna. No geral, não regrediu nem avançou em relação à primeira versão.

- Carlos: 1 (Anexo A p.129)

Categoria 1: Estrutura genérica

A versão inicial da produção de texto de Carlos apresenta três dos quatro elementos principais que compõem o artigo de opinião: título, tese e argumentos. O título escolhido por ele foi “*os jovens de hoje em dia*”; a tese fala da falta de respeito dos filhos para com os pais “*a maioria dos jovens de hoje em dia não respeitam os pais por causa de amizades*”; e os argumentos colocados pelo aluno enfatizam a falta de responsabilidade dos filhos que “*falam que vão pro um canto e acaba vão pra outro*”, ou “*acaba chegando tarde bebado*”; e também “*muito jovem que a mãe não deixam sair aí acaba se revoltando*”. O aluno se preocupou em exemplificar as formas de comportamento desrespeitoso dos filhos em relação aos pais e não chegou a concluir sua produção de texto.

Categoria 2: Intertextualidade

De maneira geral, o artigo produzido não estabelece relação intertextual direta com os textos dos colegas nem com os textos lidos antes da escrita da primeira versão do artigo. As discussões em sala aparecem mais nitidamente nessa versão, pois falamos bastante do comportamento inconsequente e desrespeitoso dos jovens em relação aos seus pais.

Categoria 3: Interdiscursividade

O discurso que aparece mais nitidamente nessa versão, é o familiar. Ao defender os pais e expor as falhas dos filhos ao desrespeitá-los, o aluno demonstra concordar com o discurso dos pais que diz que os adolescentes costumam dar muito trabalho, que são inconsequentes e que não respeitam os mais velhos.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

Apesar de não apresentar todos os elementos básicos da estrutura genérica do artigo de opinião, o aluno conseguiu desenvolver o assunto, deixando seu texto claro e objetivo. A maior falha foi a falta de um desfecho para suas ideias. Por não apresentar conclusão, o texto produzido ficou incompleto, causando prejuízo à compreensão do leitor que terá que fazer um esforço mental maior para buscar nas entrelinhas a conclusão pretendida pelo aluno. Quanto às categorias analisadas, o aluno conseguiu deixá-las mais explícitas.

- Carlos: 2 (Anexo A 130)

CRITÉRIO 1: Estrutura genérica

Na segunda versão, ao contrário da primeira, aparecem os quatro elementos que servem de base para os textos argumentativos. O título escolhido pelo aluno pelo aluno foi “*A falta de comunicação entre pais e filhos*”; a tese defendida foi a de que a falta de entendimento entre pais e filhos pode acabar levando estes a fazerem coisas erradas; como argumentos utilizou “*por causa de brigas e desentendimento muitos dos jovens saem de casa*”, e ainda “*há sempre a necessidade de dependência dos pais*”; concluiu afirmando que se os jovens forem bem criados a

transição para a fase adulta será menos sofrida “e *poderá viver no mundo lá fora aquela que futuramente terá que enfrentar*”.

Categoria 2: Intertextualidade

O aluno conseguiu manter uma relação intertextual com a versão anterior, com as versões dos demais alunos e, de forma mais literal, com os textos modelares do livro didático e da coletânea de textos da OBLP; também percebemos a voz dos debates realizados em sala. Nos dois últimos parágrafos, apresentou as ideias encontradas no artigo “*Brigas entre pais e filhos adolescentes*” da psicanalista Yumi Nakagawa (Anexo C, p. 159), quando o aluno diz que “*é nessa fase que o adolescente começa a seus pais como pessoas, não mas como superheróis*”.

Categoria 3: Interdiscursividade

Nessa última versão do artigo de opinião percebemos que por trás do texto existe um discurso familiar que dá voz aos pais e estes são defendidos e esclarecidos em relação a fase complicada que o jovem atravessa na transição da adolescência para a fase adulta. Há também um discurso profissional quando a voz da psicanalista, citada anteriormente, atravessa o discurso do aluno e se apodera das afirmações que ele faz de que os pais não são super-heróis, pois “*tem limitações e também cometem falhas*”.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

A versão final do artigo produzido por Carlos apresentou avanços significativos em sua estrutura composicional. Trouxe os elementos básicos da estrutura do gênero em estudo além de realizar relações dialógicas com outros textos e outros discursos mantidos pela sociedade. Apesar de falhas relativas às formações linguísticas, não chegou a comprometer a coerência do artigo em estudo.

➤ Laís: 1 (Anexo A p.131)

Categoria 1: Estrutura genérica

O título eleito por Laís para fazer parte de sua produção textual foi muito genérico “*Falta de atenção*” E não dá elementos para o leitor antecipar o assunto

que será tratado ao longo do texto; como tese, defendeu a ideia de que os jovens precisam da atenção dos pais; argumentou em favor dos filhos quando disse que “*nenhum filho gosta de só receber ordens e reclamações, querem ser ouvidos, entendidos*”, e mais, “*os pais deveriam conversar com seus filhos, e tentar entender eles*”; concluiu dizendo para os pais ficarem atentos “*que seus filhos querem amor e carinho e é só isso que eles precisam se eles fazem algo de errado é para te chamar a atenção*”.

Categoria 2: Intertextualidade

O diálogo entre os textos é menos explícito nessa versão, mas aconteceu tanto em relação à segunda versão quanto às versões dos outros alunos e aos textos usados para embasar as atividades propostas em sala. A reportagem “*Fuga ao redor do quarteirão*” apareceu mais explicitamente (mas não literalmente), como em “*vários jovens fogem de casa para tentar serem entendidos, nem todos tem sorte quando fogem*”.

Categoria 3: Interdiscursividade

O discurso mais notadamente presente nessa versão é o dos adolescentes que, em nossa sociedade, querem ser ouvidos, querem ser entendidos, ter atenção, mas não querem retribuir na mesma medida. Poucos adolescentes querem ouvir os pais, entende-los e cuidar deles, mas se revoltam facilmente quando os pais tentam orientá-los e impor-lhes limites.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

A aluna atendeu nossas expectativas, pois escreveu seu texto fazendo presentes os elementos principais do artigo de opinião. Escreveu seu texto colocando título, tese, argumentos e conclusão. Não utilizou os recursos linguísticos nem os operadores argumentativos adequadamente, mas isso não chegou a comprometer gravemente a coerência textual.

➤ Laís: 2 (Anexo A p.132)

Categoria 1: Estrutura genérica

A segunda versão do texto produzido pela aluna trouxe como título “*Falta de atenção*” (o mesmo da versão anterior); a tese apresentada foi “*atenção é o que muitos jovens precisam*”; os argumentos giram em torno do dever dos pais de dar atenção aos filhos para que estes não enveredem pelo caminho do mal, como em “*se eles não tiverem atenção em casa, vão procurar na Rua, onde só vão encontrar perdições como drogas e bebidas*”. Não fez uso de operadores argumentativos ao longo do texto.

Categoria 2: Intertextualidade

Assim como a versão inicial, a relação dialógica com os textos modelares não é expressa, mas conseguimos perceber sua presença no trecho “*os pais deveriam tentar entender seus filhos e os filhos devem compreender seus pais*”. Essa afirmação retoma a ideia da canção “*Pais e filhos*”, da banda Legião Urbana. Também dialogou de forma não literal com a primeira versão escrita por ela, com as versões dos outros alunos e com as discussões realizadas em sala de aula.

Categoria 3: Interdiscursividade

Encontramos nessa segunda versão três discursos sobressaindo-se: o discurso adolescente, que pede atenção e culpa os pais pelos filhos seguirem caminhos ruins, como o uso de drogas e a entrada no mundo da criminalidade; o discurso dos pais que trabalham muito para sustentar família e não têm tempo para conversar e dar atenção aos filhos; e um terceiro discurso, que procura equilibrar os direitos e deveres de pais e filhos. Talvez esse último discurso seja de profissional psicólogo ou apenas socialmente estabelecido pelo senso comum.

Categoria 4: Expectativa da professora x desempenho dos(as) alunos e alunas

A segunda versão apresentou progresso ao seguir a estrutura genérica básica proposta nas atividades em sala e por ter relacionado as vozes presentes em todos os textos lidos e nas discussões realizadas em sala de aula. Mesmo com falhas na

estruturação linguística dos períodos e com a argumentação simplória consideramos que a versão final do artigo de opinião escrito por Laís cumpriu nosso objetivo inicial de desenvolver o letramento crítico dos alunos.

4.2 Resumo da análise discursiva

O quadro abaixo mostra como os alunos avançaram (A), não avançaram (NA) ou regrediram (R) na segunda versão, tendo a primeira versão como parâmetro.

Quadro 7: Resumo da análise discursiva

NOME		Estrutura Genérica	Intertextualidade	Interdiscursividade	Expectativa do professor X Desempenho do Aluno
CategoriaS					
José	A-2	A	A	NA	NA
Márcio	B-2	A	A	A	A
Lia	C-2	A	A	A	A
Mara	D-2	A	A	A	A
Caio	E-2	NA	A	A	A
Ana	F-2	NA	NA	NA	NA
Rafael	G-2	NA	A	A	NA
Mateus	H-2	A	A	A	A
Marcelo	I-2	NA	NA	A	NA
Sônia	J-2	A	A	A	A
Fernanda	K-2	A	A	A	A
Rita	L-2	A	A	A	A
Elen	M-2	NA	NA	NA	NA
Carlos	N-2	A	A	A	A
Laís	O-2	A	A	A	A

Fonte: elaborado pela autora.

Como nossa análise é qualitativa, interessa-nos saber em que medida os alunos e alunas avançaram, não avançaram ou regrediram no processo de letramento crítico, após a aplicação da SD. Também queremos saber quais das categorias foram mais facilmente assimiladas e a razão disso.

De acordo com as quatro categorias analisadas, nas duas versões dos artigos de opinião, produzidos pelos quinze alunos participantes de todas as etapas da SD, pudemos observar que eles já tinham familiaridade com o gênero textual/discursivo estudado, talvez porque, por muito tempo, a escola privilegiou a leitura, a análise e a produção da sequência tipológica dissertativa/argumentativa.

Em relação à categoria Estrutura Genérica, observamos que 13 dos 15 alunos conseguiram avançar da primeira versão produzida para a segunda. Isso não nos causou surpresa, uma vez que a argumentação é componente essencial no convívio em sociedade, pois esse convívio é permeado pelas ideologias que estabelecem as relações de poder entre os indivíduos. Mesmo deixando a desejar no que toca às construções linguísticas e discursivas, os alunos e alunas assumiram uma posição e defenderam-na como sabiam, cumprindo o que foi proposto, que era escrever um artigo de opinião, com sua estrutura básica: título, tese, argumentos e conclusão.

Quanto à Intertextualidade, notamos uma grande apropriação das relações entre os textos, principalmente em relação aos textos utilizados como modelo, tanto com os do livro didático como com os da coletânea de textos da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa. Assim, 13 dos 15 alunos conseguiram estabelecer uma relação dialógica com os demais textos lidos e analisados em sala de aula.

Sobre a terceira categoria, a Interdiscursividade, encontramos mais marcadamente o discurso consensual de que é urgente e necessário o diálogo entre pais e filhos para a extinção dos conflitos familiares. Aqui, como na categoria acima, 13 alunos deixaram emergir de seus textos discursos diferentes dos seus, principalmente o discurso familiar, o profissional (psicólogos) e o estabelecido socialmente (senso comum).

Enfim, quanto à expectativa criada por nós em relação ao desempenho dos alunos e alunas, consideramos que nosso objetivo foi alcançado, uma vez que 11 dos 15 alunos avançaram ao produzir seus artigos de opinião. Tomaram posse do poder de argumentar, mesmo que minimamente, para tornarem-se indivíduos sociais e modificarem a si e aos outros com quem se relacionam socialmente. De maneira geral, 10 alunos e alunas avançaram em todas as categorias analisadas.

Desse modo, para resumir o desempenho dos estudantes de acordo com as quatro categorias analisadas, nas duas versões dos artigos de opinião, escritos pelos quinze alunos participantes de todas as etapas da SD, pudemos observar que eles não tiveram grandes dificuldades em relação à primeira categoria (estrutura genérica). Talvez isso se deva ao fato de esse modelo estrutural ter sido trabalhado, por muito tempo na escola, sob a definição de dissertação escolar. Em muitos casos,

quando o professor, de maneira geral, não planejava suas aulas ou planejava, mas de acordo com o conhecimento que dispunha da visão da escrita como produto pronto e acabado, lançava na lousa a proposta de trabalho, do tipo: O que você acha sobre (...)? Cabia ao aluno tirar uma tese para defender, na introdução (um parágrafo); pelo menos dois argumentos para reforçar a tese (dois parágrafos); e uma conclusão (um parágrafo), apresentando uma solução para o problema exposto no texto; por fim era só escolher um título original que resumisse o conteúdo abordado no texto, enquanto o professor preenchia seus diários, planejava suas aulas ou fazia outra coisa qualquer.

Apesar de usar o verbo no pretérito, infelizmente, essa prática ainda acontece, com mais frequência do que imaginamos e gostaríamos. Não podemos nem culpar somente os professores, pois com sua rotina preenchida em três expedientes de trabalho, não sobra muito tempo livre para estudar e se atualizar para servir melhor a sociedade. Sem falar que, em geral, as famílias não se comprometem com a parceria que deveria existir com a escola. Nesse ponto, as causas são as mais variadas: ou falta consciência do dever; ou conhecimento para ajudar os filhos; ou interesse; ou tempo livre; enfim, a escola desempenha mais funções do que deveria.

4.3 Outras considerações

O conhecimento e a compreensão do processo de escrita por parte dos professores e dos alunos podem melhorar, consideravelmente, a qualidade dos textos produzidos dentro e fora da sala de aula. As aulas de produção textual centradas, por muito tempo, na visão do texto como produto resultou numa aversão, por parte de um considerável número de alunos, pela atividade de produção de textos escritos.

Estudar o processo de escrita auxilia o professor a elaborar aulas de produção para que realmente possam contribuir na formação de bons escritores ou, pelo menos, de escritores conscientes de seus papéis no momento da escrita. As mudanças nas aulas de produção de texto são bem vindas e podem possibilitar uma transformação no quadro do ensino de produção de texto nas escolas. O subsídio para essas mudanças está nas várias contribuições que pesquisas na área da

escrita feitas pela psicolinguística, pela sociolinguística e campos afins têm propiciado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita é uma atividade construída historicamente e seu uso deve ser situado. Isso significa dizer que, por meio da escrita, o indivíduo não só comunica-se, como interage socialmente. Portanto, para cumprir plenamente seu objetivo, que é o uso autônomo e coerente da capacidade de comunicar-se por meio da linguagem escrita, o ensino de produção de texto requer prática frequente e sistemática.

E é pelos gêneros que interagimos socialmente. É pelas imposições sociais que novos gêneros surgem ou são descartados. Por essas razões, Schneuwly e Dolz (2013), ao sugerirem passos metodológicos para trabalhar com os gêneros, contribuíram significativamente para a mudança e atualização dos documentos oficiais brasileiros.

Mesmo assim, muitos professores ainda desconhecem a base teórico-metodológica que tem influenciado, tão fortemente, o ensino de língua portuguesa nas escolas brasileiras. Por isso, acreditamos que deve haver uma reformulação em nossos sistemas de ensino para possibilitar que educadores tenham tempo e recursos materiais para buscarem conhecimentos suficientes e, com isso, auxiliar no desenvolvimento real da competência comunicativa dos alunos e, assim, ajudar a incluí-los socialmente.

Com a pesquisa realizada, entendemos que existem categorias de análise mais relevantes a serem observadas nos textos dos alunos e alunas, além do estudo puramente linguístico. Nosso foco foi mais amplo: observar em que medida nossa expectativa se equilibra com o desempenho dos estudantes na aprendizagem da estrutura genérica, da intertextualidade e da interdiscursividade, que permeiam os textos produzidos em sala de aula. Essa apropriação do uso social de determinado gênero pode transpor a barreira dos muros da escola e tomar uma dimensão maior: a dimensão de prática social situada.

Assim, como os textos são capazes de produzir efeitos nas pessoas, podendo modificá-las, dependendo do contexto de uso, esperamos que a SD apresentada possa contribuir positivamente para que os alunos aprendam a ler e a produzir gêneros da esfera do argumentar, tão essenciais para o exercício pleno da cidadania.

Objetivamos propiciar uma tomada de consciência, por parte dos docentes e estudantes, de que a prática constante de leitura e escrita de gêneros argumentativos é instrumento de tomada de poder, do ponto de vista social, político e econômico. Isso porque, quanto mais o indivíduo for capaz de conhecer e buscar seus direitos, mais ele conseguirá deixar de ser passivo em sua história e tomar um posicionamento ativo diante da realidade em que está inserido socialmente.

Qualquer estratégia que facilite o letramento crítico dos estudantes pode transformar não só ele mesmo como a comunidade em que vive. Desse modo, governo e profissionais da educação devem dedicar-se à busca por atualização dos conhecimentos; revisão dos métodos de ensino; e, principalmente, mediação da relação da relação escola, família e sociedade.

As etapas que compuseram a SD realizada nesta pesquisa são apenas sugestões de uma entre tantas estratégias que podem favorecer o desenvolvimento crítico dos estudantes. O objetivo de usar a afetividade como forma de contribuir para o reconhecimento da identidade de cada estudante e, conseqüentemente, para a apropriação do lugar que devem ocupar no universo social, foi parcialmente alcançado. Para a plena construção dos estudantes como seres sociais atuantes, seria necessária uma prática mais frequente desse tipo de interação realizada durante a realização da SD.

O relacionamento afetivo desenvolvido, ao longo do ano letivo, serviu para compreendermos as especificidades dos estudantes, como a falta de interesse pelos estudos, a indisciplina e a dificuldade de aprendizagem, de alguns deles.

As possíveis lacunas deixadas por essa pesquisa poderiam ser preenchidas com a continuidade do trabalho voltado para a escrita sistemática, de textos argumentativos. Para tal, a escola precisaria capacitar constantemente os professores de todas as disciplinas. Isso porque existe uma falsa visão, na escola, de que trabalhar com leitura e escrita é tarefa exclusiva do professor de língua portuguesa.

Considerando o objetivo principal que nos propusemos a tentar realizar, que foi a formação do letramento crítico dos estudantes, julgamos tê-lo alcançado, ainda que de forma tímida. Ao final das aulas, a maior parte dos estudantes havia incorporado o posicionamento crítico em suas rotinas de fala e escrita. Esperamos que nossa pesquisa possa servir como instrumento de estudo para a realização de

novas estratégias voltadas para a formação do letramento crítico, a partir da observação das relações dialógicas entre os textos e da interação afetiva entre professor e alunos e alunas, trabalhados ao longo de todas as etapas da Sequência Didática desenvolvida.

Essa experiência com SD, certamente, mostrou o quanto precisamos atualizar nosso método de ensino e incluir novas práticas às aulas que ministramos. O novo quase sempre causa estranhamento, mas não podemos negar os avanços obtidos pelos estudantes com a inserção dessa metodologia na rotina de sala de aula. Embora a SD já aconteça, em nossas aulas, como sugestão da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa, foi a primeira vez que trabalhamos com o gênero artigo de opinião. Isso nos alertou para a necessidade de incorporar esse gênero com maior frequência em nosso fazer pedagógico, por ser ele essencial para a vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal-Porto, 1994.
- BRAIT, B. e SOUZA-E-SILVA, M. C. **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.
- BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- _____. **O Interacionismo Sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- _____. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.
- CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. Harlow: Longman Group UK Limited, 1989.
- _____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília: 2001.
- FIGUEIREDO, L. de; BALTHASAR, M.; GOULART, S. **Singular e plural: leitura, produção e estudos de linguagem**. São Paulo: Moderna, 2012.
- GONÇALVES, A.; PINHEIRO A. (orgs.). **Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- KOCH, I. V. e ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2012.
- LEITE, S. A. de S.; TASSONI, E.C.M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e mediação do professor. In Azzi, R. G. e Sadalla, A. M. F. A (Org.).

Psicologia e formação docente: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MAGALHÃES, I. (Org.). **Discursos e práticas de letramento.** Campinas: Mercado de Letras, 2012.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.** Brasília: MEC, 1998.

_____. **Caderno pontos de vista.** Brasília: MEC, 2014.

_____. **Coletânea de artigos de opinião.** Brasília: MEC, 2014.

OTTONI, M.A e LIMA, M.C. (Orgs.). **Discursos, identidades e letramentos:** abordagens da análise de discurso crítica. São Paulo: Cortês, 2014.

PEREIRA, Regina C. Mendes (Org.). **Nas trilhas do ISD:** práticas de ensino-aprendizagem da escrita. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

RAMALHO, V e RESENDE, V de M. **Análise de discurso (para a) crítica:** o texto como material de pesquisa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RESENDE, V. de M. **Análise de Discurso Crítica:** Uma Perspectiva Transdisciplinar Entre a Linguística Sistêmica Funcional e a Ciência Social Crítica. In International Systemic Functional Congress (ISFC), 2006. www.pucsp.br/isfc/proceedings acesso em 12 de Junho de 2015.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** São Paulo: Autêntica, 2005.

STREET, Brian. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. In MAGALHÃES, I. (Org.) **Discursos e práticas de letramento.** Campinas: Mercado de Letras, 2012.

_____. **Letramentos sociais:** abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

VIGOTSKY, L.S. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**. N. 71, Campinas: Jul. 2000.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANEXOS

Anexo A: Textos dos alunos

José 1

Os sentimentos dos jovens

Hoje no dia-a-dia os jovens se sentem incompreendidos pelos pais, os sentimentos deles estão apropriados para serem compreendidos.

Os jovens querem ser compreendidos muito bem pelos pais, tem muitos que não gostam de não ser compreendidos e acabam fugindo de casa e vão para qualquer lugar, mas vão sofrer as consequências depois. Não são compreendidos dentro de casa pelos pais, tentam ficar na sua reação de casa, fique no seu lugar sozinho, se sentir-se muito solitário, embora uns amigos para sua casa.

Os pais não compreendem com nada seu, com seu jeito de andar, no seu jeito de vestir-se, no jeito de comer, os jovens se sentem preocupados com os seus sentimentos, e que eles vão sair de casa.

Como os pais podem resolver isso, tem sim, claro, um jeito: Compreendendo os filhos, mas sim no que ele fazer de ruim, claro que vocês pais não vão compreendê-los.

E é isso, vocês pais tem que compreender mais os seus filhos, para que os sentimentos deles evoluam em que eles não saem de casa e ficam na pior.

José 2

Os sentimentos dos jovens

Hoje no dia-a-dia os jovens se sentem como não estivessem fazendo nada que querem, não podem fazer por causa dos pais, eles querem que sejam compreendidos, querem ser libertos, embora nem em todos os casos é o que o jovem quer.

Os jovens querem ser compreendidos pelos pais, porém muitos não gostam, se sentem machados, e acabam fugindo também. Tem mãe e pais que brigam, se desentendem, falam com ironias uns com os outros, falam burras, tem ódio um aos outros, tem raiva, também os jovens, tem rebeldia, imaturidade, irresponsabilidade. Tem muitos pais que não compreendem seus filhos, no jeito de se vestir, no jeito de andar, no jeito de comer. Além disso o jovem quando ficar maior vai querer fazer a mesma coisa.

Os jovens tem a obrigação de obedecer os pais, e os pais se importam com os filhos.

Os pais tem a obrigação de fazer seu filho feliz, realizando coisas melhores para ele.

Os pais fazem seu filhos estudarem, trabalhar, mas que quando eles crescerem já sabe se adaptar, sem fumar drogas, sem roubar, sem vender drogas, por que se não se adaptar, as coisas ruins do mundo vão atingir eles e vão acabar na malada, ficando doente, os jovens tem que progredir no mundo.

Márcio 1



PROBLEMAS PESSOAIS

QUANDO SENTIMOS ALGO DE ERRADO É DIFÍCIL OS NOSSOS PAIS ENTENDER O QUE SENTIMOS, ATÉ PORQUE QUANDO SENTIMOS ALGO DE ERRADO PROCURAMOS AMIGOS MAIS PRÓXIMOS. QUANDO PROCURAMOS OS PAIS ELES DEMORAM UM POUCO PARA ENTENDER O QUE SENTIMOS, ELES FICAM DESCONFIADOS ATÉ SABER A VERDADE, ATÉ ESSE MOMENTO O FILHO NÃO SABE O QUE FAZER E COMEÇA A PENSAR BESTEIRAS E COMEÇA A CULPAR MUITOS COISAS.

OS PAIS TEM QUE ENTENDER QUE QUANDO PROCURAMOS ELES, O ASSUNTO É SÉRIO E A ÚNICA PESSOA QUE PODE AJUDAR SÃO ELES, FICAMOS ABUJADOS SEM SABER O QUE FAZER E É AÍ QUE VEM OS PENSAMENTOS DE FAZER BESTEIRAS.

MUITOS NÃO CONCORDAM COM ISSO, POR ISSO QUE MUITOS SOMEM DE CASA, E OS PAIS NÃO SABEM O MOTIVO, ENTÃO TENTAM OU SE ESFORÇAM PARA ENTENDÊ-LOS QUANDO ELES OS PROCURAM, E FAZEM O MÁXIMO DE ESFOÇO PARA ENTENDÊ-LOS O QUE FALAMOS.

SE ELES VÊEM QUE OS PAIS TÃO TENTANDO ENTENDÊ-LOS, HÁ É UMA AJUDA PARA FILHO, MAS SE FOR AO CONTRÁRIO ELES PODEM FICAR COM O PENSAMENTO PESSOAL E PODE FAZER BESTEIRAS, E NO MÍNIMO FUGIR DE CASA.

Márcio 2

Problemas Pessoais

A convivência com os pais e filhos só estão piorando no decorrer do ano, são os pais que não entende o filho, e filho que não compreende com os pais, e assim fica um veda deira confusão com pais e filhos.

Muitos pais a respeito da situação dão opiniões sobre o assunto, com as opiniões dos pais, e nem todos os jovens concordam, e os jovens começam as brigas e familiares.

Muitos pais também muitos e ficam com pouco tempo para o filho, e tenta botar sua presença com brinquedos, com isso o filho fica se sentindo só e fica explorando os pais com presentes como o pai mostrou sua presença com brinquedos.

Tem muitas jovens já na idade da flor com 15 a 18 anos dão muito trabalho nos pais, pois com essa idade o pai tenta botar sua presença com presentes, celulares e aparelhos eletrônicos, e com uns filhos muitos mais estressados foram os pais com desorganizações e uso de drogas.

Muitos jovens não concordam que os pais se entrometam em suas vidas, que não dê opiniões sobre amigos, e também na relação sexual, por que muitos jovens já pensam como adultos e tem pensamentos de criança, já os outros querem que os pais se preocupe mais com eles.

Lia 1

A difícil compreensão dos pais

Segundo uma pesquisa do IBGE, mais de 70% dos jovens no Brasil não se sentem compreendidos pelos pais.

Isso ocorre por conta da falta de diálogo entre pais e filhos. "Os jovens de hoje em dia, não querem mais saber de conselhos", diz uma psicóloga em defesa aos pais, que também argumenta que a adolescência de hoje em dia está ligada a tecnologia e ao mundo virtual.

Também devemos entrar em defesa aos filhos, porque os pais de hoje em dia, já não são tão preocupados com seus filhos, por isso brigas e bate-bocas são cada vez mais populares entre pais e filhos.

Na maioria das brigas familiares, ocorrem casos em que alguém acaba saindo de casa e muitos dos casos acabam sendo sempre os filhos pela falta de compreensão.

Então, para por fim em discussões e brigas, tanto pais como filhos devem tentar procurar formas para se expressarem dentro de casa, ou então as brigas devem ocorrer cada vez mais constantes e a falta de compreensão será um domínio constante entre pais e filhos.

Lia 2

O relacionamento entre pais e filhos.

Sempre ouvimos que o relacionamento entre pais e filhos nunca foi um dos melhores, por isso, ouvimos discussões diariamente, e por conta dessas discussões muitos filhos acabam fugindo de casa.

Também sabemos que muitas das brigas começam por discussões bobas e lesões, e também pelo falta de atenção que os pais devem aos seus filhos, mas também sabemos que os pequenos jovens não são lá colaboradores de diálogos e bom comportamento, muitos deles acham que tem o direito exigir coisas materiais sem saber e seus pais tem as suas condições de compra-las, e isso acaba gerando muitas discussões.

Muitos filhos são um pouco rebeldes e imaturos, gostam de discussões, brigas, coisas materiais e vivem se metendo em confusões, porém os pais não olham muito, e em certos casos a falta de atenção, de diálogo ou intimidade acaba levando os filhos para outros tipos de amizades.

Então, para todos terem uma boa relação o conselho a todos (pais e filhos) procurarem cada um entender e compreender melhor o universo oposto por cada um já chegar ou já chegou nesta fase tão importante que temos que compreender melhor.

Mara 1

Onde encontrar,
refugi?

Fugir de casa, é o um pensamento que passa pelo cabeça de muitos jovens, que acham que seus pais não compreendem eles. E muitas vezes eles queiram a casa na realidade da vida.

Muitas vezes os adolescentes pensam em fugir, por que se sentem negligenciados, desamparados, acham que não tem ninguém que possa compreendê-los. Não sentem o apoio, a ajuda, a compreensão dos pais. Acham que os cargos familiares estão muitas vezes, eles fogem, não só de casa, mas tentam fugir dos seus problemas, "mas como fugir de algo que está dentro de você".

O mundo é um lugar, e quando eles fogem de casa, sofrem a desilusão e querem a maioria deles voltam para casa. Eles fogem porque se sentem "prisioneiros", muitos por não viver um momento proibido, e outros simplesmente querem sair para o mundo novo livremente eles.

Adolescentes gostam de ser "gruados", querem atenção, e compreensão, e além de tudo amar. Os pais tem que serem mais presentes e cozinhar. Deixe seus filhos não buscar isso no mundo.

Mara 2

Qual a melhor solução?

Muitos jovens fogem de casa por motivos variados, e outros por motivos mais sérios.

Segundo pesquisas feitas na folha de jornal de São Paulo, relato alguns exemplos de jovens que fugiram de casa por motivos diferentes, como o caso de jovem Lucas de 12 anos, ele ficou tímido ao mostrar suas mãos. Em uma delas, há uma marca de infância. Mas não é uma marca de infância, ela surgiu quando uma pessoa da sua família utilizou um garfo quente para suprimir o dedo e o quitoma.

Há também outros jovens, que têm uma vida normal e saudável, e saem de casa apenas para sair com o destino "lá", como D.E., 23, diz: "é uma vida normal em Brasília." "Eu simplesmente fui. Tive idas, eximei o mal, comprei um guia, apertei para uma cidade qualquer e comprei uma passagem de ônibus para lá. Fiquei lá com o destino já me levar." diz o jovem.

Os jovens precisam conversar mais com seus pais, ou ao contrário, procurar viver uma realidade diferente. Para os pais e filhos ter um bom relacionamento.

Portanto, para melhorar essa situação, os pais e os filhos precisam estar juntos, conversar, se respeitarem para ter um bom relacionamento.

Caio 1

CONFLITOS ENTRE PAIS E FILHOS

A ADOLESCÊNCIA PARA MUITOS JOVENS É A MELHOR PARTE DA VIDA, É O PERÍODO DA "CURTIÇÃO" E QUE PODE NÃO SER INTERROMPIDO. PARA OS ADOLESCENTES OS PAIS SE TORNAM SUPER PROTETORAS E INCOMPREENSÍVEIS, PESSOAS QUE NÃO ENTENDEM O SEU JEITO DE PENSAR OU AGIR.

DAS VÁRIAS VEZES OS PAIS NÃO ENTENDEM OS FILHOS, NÃO ENTENDEM SUA MANEIRA DE AGIR, PENSAM QUE A REBELDIA DO SEU FILHO É PROPOSITAL PARA IRRITÁ-LOS.

MAS OS ADOLESCENTES TAMBÉM NÃO ENTENDEM SEUS PAIS E SUA MANEIRA DE PROTEGER. ESSES DESENTENDIMENTOS ENTRE PAIS E FILHOS TEM QUE ACABAR. UM DEVE COMPREENDER O OUTRO, POIS, O PAI JÁ FOI ADOLESCENTE, E O FILHO UM DIA SERÁ PAI.

Caio 2

CONFLITO ENTRE PAIS E FILHOS

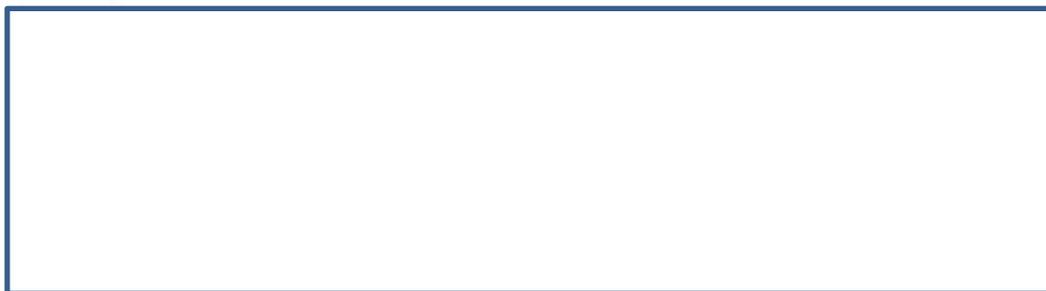
A ADOLESCÊNCIA PARA MUITOS JOVENS É A MELHOR PARTE DA VIDA. É O PERÍODO DA "CURTIÇÃO" E QUE PODE NÃO SER INTERROMPIDO. PARA OS ADOLESCENTES OS PAIS SE TORNAM INCOMPREENSÍVEIS, PESSOAS QUE NÃO ENTENDEM O SEU JEITO DE PENSAR OU AGIR.

"A REBELDIA NORMAL LEVARÁ O ADOLESCENTE A UMA VIDA ADULTA MADURA", DISSE A PSICÓLOGA AMERICANA NANCY VAN, EM SEU LIVRO. DE ACORDO COM ELA A MUDANÇA DE COMPORTAMENTO É COMPLETAMENTE NORMAL ATÉ CERTO PONTO, E ALGUNS PAIS NÃO ENTENDEM ISSO, FALAM DE FORMA AGRESSIVA E REPRRESSIVA, NÃO DEIXANDO SEUS FILHOS AMADURECEREM SUAS IDEIAS E DEFENDEREM SUA OPINIÃO.

ESSE ASSUNTO TEM A VER COM O AVANÇO DA TECNOLOGIA, POIS OS FILHOS CONHECEM OUTROS JOVENS QUE VÁRIOS SO DÃO MAU EXEMPLO.

MAS OS ADOLESCENTES TAMBÉM NÃO ENTENDEM SEUS PAIS E SUA MANEIRA DE PROTEGER, DEVERIAM ENTENDER O CARINHO E A PROTEÇÃO QUE É TÍPICO DOS PAIS DE ACORDO COM A SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS E COM O DHPD (DEPARTAMENTO DE HOMICÍDIOS E PROTEÇÃO À PESSOA), CERCA DE 30 MIL CRIANÇAS E ADOLESCENTES DESAPARECEM DE CASA A CADA ANO, DESTES 80% VOLTAM. O QUE FAZ UM JOVEM FUGIR DE CASA? TALVEZ NÃO SEJA O QUE ELE QUEIRA, TALVEZ NÃO SEJA O QUE REALMENTE LHE AGRADA... MAS, NA VERDADE ESSA ATITUDE É UMA GRANDE ILUSÃO DOS JOVENS,

Caio 2 (continuação):



TANTO É QUE A GRANDE MAIORIA VOLTA PARA SUA CASA.

ESSES DESENTENDIMENTOS ENTRE PAIS E FILHOS TÊM QUE ACABAR. UM DEVE COMPREENDER O OUTRO, POIS, O PAI JA FOI ADOLESCENTES E O FILHO SERÁ PAI. OS PAIS NÃO DEVEM IMPOR MUITAS REGRAS AOS FILHOS, MAS, OS FILHOS TEM QUE OBEDECER AS ORDENS QUE LHE FOREM IMPOSTAS, Com isso OCORRERÁ MENOS CONFLITOS.

Ana 1

A fuga dos Adolescentes

No Brasil, milhares de jovens fogem de casa por conta de vários motivos familiares e ressentimentos que contam com essa fuga.

Muitos dos jovens fogem de casa por conta de namora e de amizades.

Que leva isso a preocupação dos pais, como aconteceu "com um casal de namorados que fugiu de casa há 21 dias, em Nova Iguaçu que foram encontrados na noite de domingo em Conceição de Jacareí, distritos de Mangaratiba, na Costa Verde do Rio. Luan Araújo Tarcenede, de 15 anos, e Leticia Farieta Ordener, de 17, pediram desculpas aos pais e confirmaram que saíram de casa após a proibição de relacionamento".

É importante lembrar que um adolescente que fugiu de casa não é necessariamente um mau filho, ou filha, é simplesmente um adolescente que faltou capacidade de resolver problemas, de gerenciar conflitos, e de se comunicar efetivamente.

Ana 2

A fuga dos Adolescentes

Na adolescência, o desejo de fugir é saudável, mas a fuga não. "O fugitivo pode se envolver em situações de perigo", dizem especialistas da Folha Online.

Segundo o jornal de São Paulo mostrou um caso que aconteceu com um casal de namorados que fugiu de casa há 23 dias, em Nova Iguaçu. Eles foram encontrados na noite de domingo em Conceição de Jacareí, Distrito de Mangaratiba, na Costa Verde do Rio. V. A. T, 15 e L. E. O, 17, pediram desculpas aos pais e confirmaram que saíram de casa após a proibição do relacionamento.

Portanto, a fuga dos filhos é difícil, mas os pais devem estar atentos ao comportamento dos filhos dentro de casa e também com as companhias que ele anda. Pois, a independência é uma coisa normal. O afastamento dos pais, as tendências e as necessidades naturais e saudáveis são coisas complexas para a fase deles.

Rafael 1

Respeito aos Pais. Dificuldade de ser compreendido pelos pais

Adolescentes são tão imaturos sempre querendo serem adultos, se da conta do próprio nariz, mais não é verdade?

Todo adolescente sempre quer chamar a atenção não sabe o que é viver sem os pais e acha que vai ter tudo preparado quando for fugir ou sair de casa como se os pais não fossem os pais. A gente quer, batalha para dar o que comer, roupas, se dizer que é ótimo ter uma mãe e um pai, mas o dia que se for preciso de para se sustentar a família então todos os adolescentes têm nojo aos nossos pais, eu sei que não sempre queremos ter tudo que queremos ter mais a gente não ganha tudo de uma hora pra outra, assim eu não vou jogar tudo de eu nasci querendo tudo na hora ~~eu~~ eu tenho o ódio mais o único jeito é seguir o ódio mesmo.

A última coisa para que eu tenha a dizer é que não sejam iguais a ~~os~~ aqueles que querem tudo sóem de ser mimados será bom pra nosso futuro e obrigado pela atenção.

FIM.

Rafael 2

A relação entre pais e filhos

Citualmente, os adolescentes estão querendo apagar sua infância, com sua maturidade aqui só por falar sobre alguns depoimentos de amigos meus.

Perguntei a uma amiga minha, que ela achava de ser uma adolescente e ela achava de ser uma adolescente e ela achava legal todo adolescente acha legal esse jogo, mais sim, essa fase é ótima mais também é uma fase difícil não só pra você, mais para os seus pais, por que essa fase sempre querem sair pra longe, outros sim, outros não. Existe uma música que conta uma história de uma menina que tem uma família toda errada, ela pega jogal com seu namorado, chegando alguns meses ou até dias, ela apanha pelo namorado e mãe e perde o seu bebê, por isso pensamentos de pagarem isso aqui, brigas, brutas ou outro qualquer tipo de confronto.

Pense duas vezes se realmente não sejam aqueles adolescente loucos ou mal educado respeito e com todo mundo está também e aos pais também por que de fato no futuro que isso não dá futuro a vida de seus filhos também obrigada pela atenção

(THE END)

Mateus 1



Liberdade

Vemos que muitos jovens querem sua Independência cedo demais.

Ocorre que seus pais proibem de fazer certas coisas, e isso tira a liberdade do adolescente que por estar a flor da pele tenta desfrutar disso.

O problema não é a liberdade, mas sim o que eles fazem dela, os jovens de hoje definitivamente são impulsivos, nunca imaginam as consequências de suas escolhas, muitos deles preocupados com o seu bem estar, dando lugar ao "si".

A adolescência é como uma corda da qual você está se equilibrando e a qualquer momento pode cair ou manter total equilíbrio. Dificilmente reparam o lado ruim de suas decisões, a grande parte dos jovens são irresponsáveis, falta um pouco de consciência.

Porém podemos sim ter liberdade, portanto que não afete nossas vidas radicalmente, como por exemplo; drogas, bebidas, etc, fugir disso é a melhor opção, esses tipos de coisas acabam conosco e com nossas famílias são apenas felicidades passageiras, não duram por muito tempo.

Mateus 2

Liberdade precoce

Conforme o que vemos no cotidiano vários jovens querem ser livres, independentes de seus pais, porém nem sempre funciona assim.

Logo que se entra na adolescência, o jovem começa ou tenta andar com os próprios pés. Ocorre que seus pais os proíbem de certas coisas, como: festas, bebidas, sexo (precoce) e más influências. Óbvio que por esses atos eles perdem um pouco de liberdade.

No entanto o problema está no que o jovem faz com a liberdade dele. Geralmente eles são impulsionados a isso pelos "amigos" que induzem para o caminho errado.

Isso acontece porque ainda não viviram ou tiveram experiências ruins, que parecem boas, contudo, no fim trazem consequências ruins.

Quanto menos os jovens se envolvem com esse tipo de gente, melhor será para ele, pois dificilmente entrarão em conflito com os pais.

Portanto quando somos limitados de algo, mesmo que a gente não concorde, é apenas para o nosso bem, além disso os nossos pais sabem o que é melhor para nós.

Marcelo 1

Os acontecimentos de uma vida dos adolescentes

Senhores pais vocês tem que se aproximar mais de seus filhos, tem que dar mais atenção a eles, os adolescentes não gosta de ser da vida, fazer as coisas em casa e levar corações dos pais. Tem filhos que matam a sua família, porque eles tiram surtos muitas vezes e ficam com raiva e mata os pais, os pais trabalham muito e não tem tempo para seus filhos, aí o filho faz uma coisa que não presta para chamar atenção dos pais, eles não conhece mais os filhos, não sabe o que está acontecendo com o filho, por que ele está fazendo isso, não acompanha o crescimento do filho as coisas que eles gostam, se lá tem na escola, tem adolescentes que foge de casa por que não aguenta brigando o tempo todo com os pais, aí foge, mas para onde não tem condições, não tem casa, não tem dinheiro, não tem nada vai morar na rua, por isso que os pais tem que dar atenção mais aos seus filhos, tem que amá-los mais, sempre apoiá-los para que o filho seja uma pessoa feliz com sua família.

Marcelo 2

Os acontecimentos dos ridos dos adolescentes

Os jovens de Hoje em dia são muito saudáveis, pensa que tudo a maliza, não liga para quem pais fala, se envolve com drogas, ai acaba morto ou preso, muitos adolescentes morrem por causa disso, eles que pediam ter um futuro cheio de maravilhas, uns ia trazer maravilhas para o mundo, os pais Deviam sempre dar amor aos seus filhos nunca deixar eles de lado, os pais não Devem dar mau exemplos aos seus filhos quando peguinos, o pai não deve beber, quando chega batê no filho peguino e na mulher, isso não pode acontecer. Quando o filho crusa tanto mãe o pai, os pais sempre devem apoiar seus filhos nos novos bristis e nos heros feliz. Os pais que trabalham muito e se esquecem dos filhos ai compra uns presentes pensando que o filho vai ficar feliz mas não vai ficar, os pais devem ensinar as coisas de bom e ruim do mundo, alguns pais não entendem seus filhos, eles crescem e os pais nem percebem, por que não prestam atenção na seus filhos, os filhos pensam que os pais não ligam para eles ai eles fazem uma coisa ruim para chamar atenção. Os pais sempre devem querer entender os sentimentos de seus filhos e nunca distalar os zinhos.

Sônia 1

Pais X adolescentes dos dias de hoje

Todos os dias vemos o quanto está sendo complicada a convivência dos pais com os filhos e o diálogo entre eles nunca acaba e uma discussão aqui uma ameaça ali e nunca tem fim.

Os Pais querem que os filhos entenda o lado deles, mas eles não se importam em saber se seus filhos estão recebendo uma boa educação ou estão sem de saúde. El mundo dos adolescentes estão abertas para tudo e se o Pai ou a mãe não acompanha essas essas coisas, se o filho se mette, não é repreendido no momento certo ele certamente vai aprender coisas do mundo, somente o que não presta.

A presença dos pais na vida dos adolescentes ou até mesmo dos filhos pequenos é muito importante, se um Pai é presente na vida do filho faz com que ele se sinta confiante e seguro, também é importante ter diálogo e sempre conversando. A maioria dos adolescentes, hoje cometem bastantes crimes, matam, roubam... mas se pararmos pra ver eles só precisam de compreensão, o apoio dos pais é bastante fundamental.

Compreender nada mais do que entender o lado do outro, ou seja ouvir tudo o que ele tem a dizer sem critica-lhe, neste caso os pais não devem pensar em si, mas na vida dos filhos, censurar, compreendi-los, escutá-los, pois eles precisam desse apoio pra eles e fundamental e importante.

Sônia 2

Pais e filhos eis a questão.

A relação dos pais com os filhos está muito complicada, filhos por si revoltados, pais chorando pelos seus filhos e famílias sendo destruídas, esta ~~é~~ é a nossa realidade.

A maioria dos adolescentes de hoje fogem de casa e brigam com os pais por causa da falta de comunicação da família, o relacionamento da família com os filhos é muito importante isso faz com que eles se sintam inseguros de saber que sua família pode lhe proteger, os pais precisam ter limites em algumas atitudes dos filhos, dizer as vezes não e quando merder dizer um sim, isso também ajuda a relacionar entre os pais.

De acordo com a entrevista de um psicólogo da universidade de medicina de São Paulo diz que a comunicação frequente da família com os filhos pode ajudar no desenvolvimento dos filhos com a sociedade, se não assim eles vão se tornando a aceitar as diferenças de cada um. Os filhos devem aprender a suscitarem qualquer decisão feita pelos pais pois se misturarem isso tudo de decisão os filhos obedecem e os pais ajudam: Vou melhorar a relação entre eles.

Portanto os pais devem estar mais presentes na vida dos filhos, e acompanhar sem de parte para que eles não façam besteiras e não tentem fugir de casa por motivos bobos. E os filhos serem mais obedientes para que toda a família possa viver em unção sem brigas e desentendimentos pois toda família precisa para ser unida.

Fernanda 1

Titulo: A "liberdade".

tema: A dificuldade de ser compreendido pelos pais.

Gostamos ou gostamos com apenas 14 ou mais anos de idade mas de casa para viver o seu "livre arbítrio", já que não conseguimos ser compreendidos por seus pais, e na cabeça deles temos um esse tipo de pensamento. "Vou ser livre, e vou fazer tudo o que quero, sem ninguém me criticar".

Tudo é muito comum. Nunca pensamos nas consequências e nos seus pais. Em várias casas por todo o mundo de jovens que fogem de casa alguns voltam e outros não voltam. fugir de quê? de todos os responsabilidades de todos os críticos e ordens dos pais ou dos familiares, depois de fugir passamos por várias complicações. A final, ~~passamos por~~ ~~o mundo de~~ "segurança" desapareceu e agora estamos sujeitos à indigência, à mendicância ou trabalhar por alimento ou dinheiro, a aversão de outros pessoas, por que há em dia se alguma pessoa ou algum adolescente "perambulando" no seu loga vem esse pensamento ~~o~~ "aquele ~~que~~ ~~deve~~ ser um drogado ou um ladrão. ~~e~~ e se afastam, e se fogem por causa de algum amigo eram de ser acobimados com a dívida da outra pessoa e teriam mais obrigações ainda, e se tem pergunta se onde está o ~~meu~~ ~~meu~~ minha liberdade? e voltam para casa.

Fernanda 2



Adolescência

A juventude de hoje deseja ter consigo sua dependência e suas próprias decisões. Jovens com 14 ou mais anos de idade saem de casa para viver o seu "livre arbítrio". eles afirmam que seu pai invalidam suas particularidades, e o excesso de preocupação com as drogas e sexualidade. isso é comum na adolescência os jovens tendem a querer ter sua dependência. Nessa fase os pais passam a ser vilões odiados e travam um confronto de brigas e discussões sem fim. no entanto os pais tendem a compreender que nessa fase o adolescente precisa de seu espaço.

Adolescência é um período da vida de descobertas e de curiosidades a onde os pais deixam de exercer a paciência e a autoridade, porém quando os jovens saem e começam a viver fora de casa estão sujeitos a "insurgência" a violência, o desrespeito etc. vivem dificuldades para conseguir os alimentos etc. e se fogem para casa de algum amigo temem de ser acusados com a culpa de outra pessoa (ou colega) e temem não obrigarem a mãe. e a tal pergunta a onde está a minha liberdade? e voltam para casa.

Rita 1

Os problemas dos adolescentes

Atualmente os adolescentes de hoje em dia passam por problemas diariamente, e a maioria desses problemas os pais não entendem.

Um dos problemas tem haver com luxo, todo adolescente gosta de ter ou quer ter roupas de marcas, carro, moto e muita mulheres, e quando os pais não tem como pagar em tudo isso eles começam axingar, descontam a raiva deles nos pais e saem para roubar ou pra fazerem coisas erradas na rua, mais esse é apenas um dos problemas existe muitos outros.

Outro problema é namoro, todo adolescente quando na faixa etária dos 14 anos já tá gostando de alguém e os pais não deixa eles namorarem por que os pais quer que eles se prevejam, mais essa decisão só piora a situação, ↓

Quando os pais não deixa eles namorar eles pensa no namoro escondido que muitas vezes dá em uma gravidez.

A maioria das adolescentes já estão sendo mãe com apenas 12, 13, 14 anos de idade, mais isso acontece com a liberdade que os pais dão.

Nesses casos os pais devem conversar com seus filhos quando chega na fase de adolescência.

Essa é a melhor forma de um adolescente ser compreendido pelos seus pais, com apenas uma conversa tudo se resolve.

Rita 2



problemas familiares

Atualmente os adolescentes passam por problemas diariamente com a família, esses problemas acontecem frequentemente com os jovens, os jovens de hoje em dia não são como os de antigamente, a juventude mudou muito.

Os jovens antigamente nem saía de casa era o tempo todo em sua residência, as meninas era respeitadas, andavam com vestidos longos e não shortinhos curtos, blusas mostrando os seios...

Os pais tinham moral para seus filhos, agora não tem mais os filhos fazem o que querem.

Os pais estão ficando estressados com os filhos e os filhos com os pais e isso causa transtorno com a família, forma uma família destruída.

Conflitos com a família pois isso é ruim.

O que fazer?

Conversa é o essencial para ter uma boa relação familiar, nada além disso.

Elen 1

Como compreender os filhos

Em hoje em dia, os pais querem educar os filhos para não se prejudicar com coisas erradas na vida, e isso é muito complicado, pois os pais querem o melhor para seu filho.

Quando os filhos estão ficando mais velhos eles se preocupa mais com a vida deles, e os pais sempre estão ali com os filhos e sempre do lado deles e ajudando com a educação e etc...

Os filhos não querem mais saber de conselhos pois com o novo mundo da tecnologia eles podem conversar com amigos e familiares, mas os pais não estão ligados a tudo na tecnologia pois eles não tem tanto conhecimento com esse mundo.

Então para uma melhor compreensão entre pais e filhos devem procurar formas para se entenderem melhor, como forma de terapias familiares e cursos de tipo.

Elen 2

Como compreender os filhos

Nos dias de hoje, os pais querem sempre educar os filhos para não se prejudicar com crises erradas no mundo e isso é muito complicado, pois os pais Quer o melhor para seu filho

Quando os filhos estão ficando mais velhos a preocupação aumenta mais com a vida deles em hoje em dia pois sempre os pais estão ali do seu lado ajudando a educação etc...

Os filhos não querem saber dos pais e conversam pois como o novo mundo da tecnologia eles sempre estão ligados os filhos pois eles não tem tanto conhecimento com esse mundo.

Para uma vida melhor e compreensão entre pais e filhos devem preocupar sempre terapias e conversas familiares e muitas coisas do tipo. Os amigos deviam ajudar para eles se educar com os convívio eles deviam estudar mais esquecer o celular porque é daí que começa os filhos ficam preguiçosos e os pais sempre querendo ajuda mas eles não querem saber dos pais mas os pais ainda fica preocupados os filhos fica fazendo o que quer da vida fica desistindo com os pais ficam rebelde, mas eles deviam se preocupar com estudos e coisas do tipo.

Carlos 1

Os Jovens de hoje em dia

A maioria dos jovens de hoje em dia não respeitam os pais por causa de amizades por que uns amigos chamam pra sair e tem sempre um que tem que pedir a autorização da mãe mas a mãe desentres belegas tem nem ai pra filhos deixam fazer tudo que eles quiser fumar maconha beber pó etc...

Mas algumas vezes a mãe está muito briga de não deixa o filho sair com as outras belegas por que eles sabem que não pra um tanto e acaba não pra sebrar ai acaba chegando tarde bebado com os olhos vermelho e a mãe fica briguando por que demoraram.

Mas tem muito jovem que a mãe não deixam sair ai acaba se revoltando e vai morar com as belegas a maioria dos jovens não assim.

Carlos 2

A falta de comunicação entre pais e filhos

Hoje em dia os adolescente está se emulhando muito com aqueles pessoas que são do mundo das drogas mas muito dos jovens não e não tem drogas mas também tem bebida alcoolica.

Muitas vezes acontece também por causa de brigas e desentendimentos muitos dos jovens saem de casa por causa desses motivos de dentro de casa.

Mesmo que a necessidade da adolescência sejam diferentes da infância há sempre a necessidade da dependência dos pais e de ser profundamente influenciado por eles. &

E nesse fase que o adolescente começa a seus pais como pessoas, não mais como super heróis. Os pais não podem tudo ele também tem limitações e também cometem erros.

E nessa fase de mudanças que adolescente vai percebendo seu crescimento e querendo que lá fora a um mundo melhor para eles, e des se esqueçam que no seu lar e melhor. Aos poucos ele vai abandonando a sua casa para viver no mundo lá fora aquele que futuramente terá que enfrentar.

Lais 1

Falta de atenção!

Não só a palavra mais o significado dela "atenção" é o que muitos jovens precisam, nos dia de hoje os pais estão muito ocupados, trabalham muito e quando estão de folga não querem saber de desconstar e passar o dia dormindo, e é um direito deles, mais também devem pensar nos filhos, porque nenhum filho gosta de não receber atenção e reclamações, querem ser ouvidos e entendidos.

Sinceramente, os pais deveriam conversar com seus filhos, e tentar entender eles, suas opiniões e seus sentimentos, por isso que vários jovens fogem de casa para sentir ~~sozinhos~~ entendidos, não todos sem muito quando fogem, alguns acabam ficando na rua, pedindo comida a um e outro.

mais alguns conseguem ficar na casa de amigos ou familiares, mais nenhum lugar é melhor que sua casa pois lá você se sente bem e a vontade, coisas que tem seus deveres a cumprir em todo conto, então jovens precisam muito antes de fugir e tentem sempre o dialogo com seus pais! e os pais cheguem a conclusão que seus filhos querem amar e carinho e é por isso que eles precisam de eles fazem algo de errado e para se chamar a atenção!

Lais 2

Falta de atenção

Não há a palavra mais o significado dela "atenção" é o que muitos jovens precisam, nos dias de hoje, os ^{seus} muitos ocupados, trabalham muito e quando estão de folga e lógico querem desconectar e não o que vem na cabeça de pessoas que passam a semana trabalhando, e passar o dia dormindo.

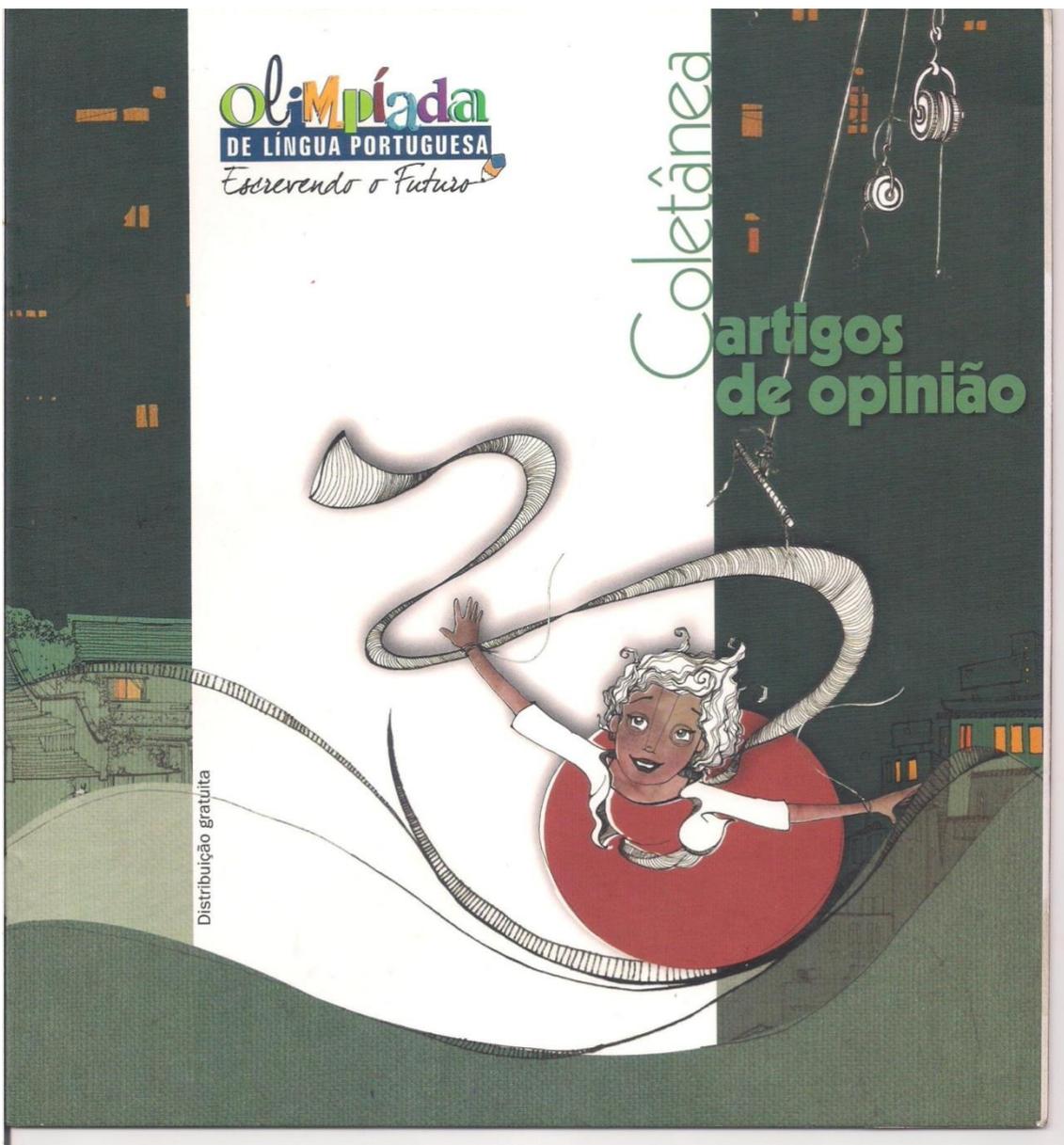
É um direito sim, mais quem parar pra pensar todos gastam de atenção, e os jovens principalmente, se eles não tiverem atenção em casa, vão procurar na rua, onde há várias entidades perigosas como drogas, bebidas, DST's, assaltos e podem até serem assassinados, isso já aconteceu um mal não há ~~absorção~~ e também nos jovens.

Os pais que amam muito seus "filhinhos" e não querem ver o mal deles, pela maioria da rotina no trabalho, no casamento e muitas outras coisas da vida, acabam esquecendo de conversar e dar atenção e do carinho... e podem não perceber que ~~o~~ tarde quando acontecer algo trágico!

e também os jovens que adoram sua "mamãe" e seu "papai" querem ter seu amor e sua atenção e com a ausência deles sentem ser compreendidos longe daquele amor! mais com um bom diálogo e muita atenção eles irão entender!

Os pais deveriam tentar entender seus filhos e as filhas devem compreender seus pais e o que eles sentem! "que o dia todos passaram por isso".

Anexo B: Coletânea de artigos de opinião da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa





coletânea de artigos de
opinião

2

Charge e notícia
Paixão

A mão que
bate nos filhos
é nossa ou carrega
a memória
de nossos pais?

Leonardo Sakamoto

5

Projeto da
"Lei das Palmadas"
vai parar no STF

Leandro Mazzini

6

Cuidado: uso
excessivo de
internet e celular
pode viciar

Sérgio Matsuura

4

Corrupção
cultural ou
organizada?

Renato Janine
Ribeiro

12

Brasileiros
preferem
floresta em pé

Ricardo Young

8

Maioridade
seletiva

Túlio Vianna

10

É urgente
recuperar o
sentido de
urgência

Eliane Brum

9

Menino de 9 anos:
é internado após
agressão em escola

Agência Estado

16

Cavaleiros da
cana *versus*
mecanização

Mariane Cheli
de Oliveira

14

Internet e
eleições

Joaquim Falcão

Charge e notícia

Paixão



Paixão. Gazeta do Povo, 28/7/2010.

A mão que bate nos filhos é nossa ou carrega a memória de nossos pais?

Leonardo Sakamoto

7/8/2013 – 13h32

O deputado federal Marcos Rogério (PDT-RO) entrou no Supremo Tribunal Federal com uma solicitação de mandado de segurança para barrar a tramitação da Lei da Palmada, como informa a Coluna Esplanada, no UOL. Quer que o projeto vá a plenário e não seja terminativo nas comissões. O relatório sobre a lei não conseguiu ser lido na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania da Câmara por ação de deputados contrários.

O projeto altera a Lei nº 8.069/1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, para estabelecer que “a criança e o adolescente têm o direito de serem educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas

ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar, tratar, educar ou proteger”.

Para os fins da lei, caracteriza-se “castigo físico” como “ação de natureza disciplinar ou punitiva com o uso da força física que resulte em sofrimento ou lesão à criança ou adolescente; tratamento cruel ou degradante: conduta ou forma cruel de tratamento que humilhe, ameace gravemente ou ridicularize a criança ou o adolescente”.

Em julho de 2010, o *Datafolha* apontou que 74% dos homens e 69% das mulheres já haviam apanhado dos pais e que 69% das mães e 44% dos pais admitiram ter batido nos seus pimpolhos. Sim, assim como a cor da fris, a palmada é hereditária.

Isso também explicava o fato de 54% dos entrevistados na época serem contra a lei proposta do governo federal que proíbe socos, palmadas, beliscões, empurrões, chineladas, enfim, castigos físicos, em crianças. Hoje, o Estatuto da Criança e do Adolescente ainda não especifica o que são maus tratos, o que cria uma larga possibilidade de análise subjetiva por conta do poder público encarregado de zelar pela qualidade de vida dos pequenos.

Sei que muitos pais que amam seus filhos e são zelosos por sua educação acreditam que uma palmada em determinadas circunstâncias extremas pode ter um efeito simbólico poderoso. Mas, ao mesmo tempo, fazendo reportagens sobre a infância, não raro ouvi um complemento explicativo para isso que se repetia como um mantra: “apanhei quando pequeno e isso me mostrou limites, ajudou a formar o caráter que tenho agora”.

A ideia é muito semelhante ao já manjadíssimo “trabalhei quando criança e isso formou meu caráter, portanto sou a favor de criança ter que trabalhar para não ficar fazendo arruaça na rua”. Frase amada por quem reproduz para seus filhos a experiência que ele próprio viveu sem passar antes por uma reflexão. Será que eles não imaginam que fariam um bem enorme se resolvessem dar um basta a certas práticas e não ensiná-las à geração seguinte? Pois, se “o trabalho liberta”, a “palmada educa”?

Não precisamos permanecer com velhas práticas simplesmente porque foram adotadas em nossa infância ou na infância de nossos pais.

Quando tratei deste assunto, contei a história de uma amiga que me confessou, pela primeira vez, ter dado umas

palmadas leves em seu filho, pois havia esgotado o repertório para deixar claro que ele estava extrapolando. Para sua tristeza foi chamada na escolinha porque o filho, que é calmo, começou a bater em seus colegas.

Isso significa que todo mundo que levou palmadas vai virar um *serial killer* de nível 21 na escala de maldade? Ou alguém tipo Dexter? Claro que não.

Porém, dependendo da circunstância e do ambiente em que a criança está inserida, castigos físicos geram consequências sim para a sua formação, que podem ser inesperadas. No mínimo, fica a provocação: qual o exemplo de respeito ao diálogo, à tolerância, ao entendimento e a soluções não violentas estamos dando com o uso desses métodos? A mão que bate em nossos filhos é nossa ou ela carrega a memória de nossos pais e dos pais deles?

Por fim, a sistemática ausência do Estado e a mais sistemática ação de determinados grupos ditos liberais de reduzir a importância da ação estatal ajudou a espalhar cada vez mais aberrações do tipo “o Estado não deve regular nossa vida”. Quando, na verdade, leis que criminalizam a violência contra a criança estão criando regras para balizar mais liberdade e menos dor.

Para muita gente, a discussão deveria sair do âmbito das políticas públicas (que existem exatamente para dar apoio a grupos fragilizados) e passar unicamente para o espaço privado. Pois o Estado tem que se preocupar com coisas mais importantes, como auxiliar o capitalismo brasileiro a se desenvolver serelepe, passando sobre populações tradicionais em gigantescas hidrelétricas.

Por esse pensamento, leis que concederam direitos e que dependeram da ação do Estado, mesmo indo contra grupos numericamente relevantes ou economicamente poderosos, nunca teriam sido aprovadas. Por que os mesmos que apoiam a palmada não bradam pelo direito de bater em idosos, se estes chegarem à senilidade, como forma de “educar”?

Talvez porque sabem que crianças eles já foram. Mas, idosos, ainda serão.

Fonte: Blog do Sakamoto.

Disponível em <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2013/08/07/a-mao-que-bate-nos-filhos-e-nossa-ou-carrega-a-memoria-de-nossos-pais-2>>.

Corrupção cultural ou organizada?

Precisamos evitar que a necessária indignação com as microcorrupções “culturais” nos leve a ignorar a grande corrupção.

Renato Janine Ribeiro

Ficamos muito atentos, nos últimos anos, a um tipo de corrupção que é muito frequente em nossa sociedade: o pequeno ato, que muitos praticam, de pedir um favor, corromper um guarda ou, mesmo, violar a lei e o bem comum para obter uma vantagem pessoal. Foi e é importante prestar atenção a essa responsabilidade que temos, quase todos, pela corrupção política — por sinal, praticada por gente eleita por nós.

Esclareço que, por corrupção, não entendo sua definição legal, mas ética. Corrupção é o que existe de mais antirrepublicano, isto é, mais contrário ao bem comum e à coisa pública. Por isso, pertence à mesma família que trafegar pelo acostamento, furar a fila, passar na frente dos outros. Às vezes é proibida por lei, outras, não.

Mas, aqui, o que conta é seu lado ético, não legal. Deputados brasileiros e britânicos fizeram despesas legais, mas não éticas. É desse universo que trato. O problema é que a corrupção “cultural”, pequena, disseminada — que mencionei acima — não é a única que existe. Aliás, sua existência nos poderes públicos tem sido devassada por inúmeras iniciativas da sociedade, do Ministério Público, da Controladoria Geral da União (órgão do Executivo) e do Tribunal de Contas da União (que serve ao Legislativo).

Chamei-a de “corrupção cultural” pois expressa uma cultura forte em nosso país, que é a busca do privilégio pessoal somada a uma relação com o outro permeada pelo favor. É, sim, antirrepublicana. Dissolve ou impede a criação de laços importantes. Mas não faz sistema, não faz estrutura.

Porque há outra corrupção que, essa, sim, organiza-se sob a forma de complô para pilhar os cofres públicos — e mal deixa rastros. A corrupção “cultural” é visível para qualquer um. Suas pegadas são evidentes. Bastou colocar as contas do governo na internet para saltarem aos olhos vários gastos indevidos, os quais a mídia apontou no ano passado.

Mas nem a tapioca de R\$ 8 de um ministro nem o apartamento de um reitor — gastos não republicanos — montam um complô. Não fazem parte de um sistema que vise a desviar vultosas somas dos cofres públicos. Quem desvia essas grandes somas não aparece, a não ser depois de investigações demoradas, que requerem talentos bem aprimorados — da polícia, de auditores de crimes financeiros ou mesmo de jornalistas muito especializados.

O problema é que, ao darmos tanta atenção ao que é fácil de enxergar (a corrupção “cultural”), acabamos esquecendo a enorme dimensão da corrupção estrutural, estruturada ou, como eu a chamaria, organizada.

Ora, podemos ter certeza de uma coisa: um grande corrupto não usa cartão corporativo nem gasta dinheiro da Câmara com a faxineira. Para que vai se expor com migalhas? Ele ataca somas enormes. E só pode ser pego com dificuldade.

Se lembrarmos que Al Capone acabou na cadeia por ter fraudado o Imposto de Renda, crime bem menor do que as chacinhas que promoveu, é de imaginar que um megacorrupto tome cuidado com suas contas, com os detalhes que possam levá-lo à cadeia — e trate de esconder bem os caminhos que levam a seus negócios.

Penso que devemos combater os dois tipos de corrupção. A corrupção enquanto cultura nos desmoraliza como povo. Ela nos torna “blasé”. Faz-nos perder o empenho em cultivar valores éticos. Porque a república é o regime por excelência da ética na política: aquele que educa as pessoas para que prefiram o bem geral à vantagem individual. Daí a importância dos exemplos, altamente pedagógicos.

Valorizar o laço social exige o fim da corrupção cultural, e isso só se consegue pela educação. Temos de fazer que as novas gerações sintam pela corrupção a mesma ojeriza que uma formação ética nos faz sentir pelo crime em geral.



Mas falar só na corrupção cultural acaba nos indignando com o pequeno criminoso e poupando o macrocorrupto. Mesmo uma sociedade como a norte-americana, em que romper o fiscal da prefeitura é bem mais raro, teve há pouco um governo cujo vice-presidente favoreceu, antieticamente, uma empresa de suas relações na ocupação do Iraque.

A corrupção secreta e organizada não é privilégio de país pobre, "atrasado". Porém, se pensarmos que corrupção mata — porque desvia dinheiro de hospitais, de escolas,

da segurança —, então a mais homicida é a corrupção estruturada. Precisamos evitar que a necessária indignação com as microcorrupções "culturais" nos leve a ignorar a grande corrupção. É mais difícil de descobrir. Mas é ela que mata mais gente.

Folha de S. Paulo, 28/6/2009.

Renato Janine Ribeiro, 59, é professor titular de ética e filosofia política do Departamento de Filosofia da USP. É autor, entre outras obras, de *República* (Publifolha, Coleção Folha Explica).

Projeto da "Lei das Palmadas" vai parar no STF

Leandro Mazzini

7/8/2013

Um grupo de deputados derrubou ontem na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, novamente, a sessão de leitura do relatório sobre a Lei das Palmadas (PL 7672/10) — a que determina tipos de penas para pais ou responsáveis que exagerarem nos castigos para os filhos ou menores. No dia 9, a primeira tentativa de leitura também fracassou. Hoje, de novo, o assunto saiu da pauta.

Inconformado com o projeto, o deputado Marcos Rogério (PDT-RO) impetrou no Supremo Tribunal Federal ontem um pedido de mandado de segurança (nº 32257) para barrar a tramitação da Lei das Palmadas na CJ, que pelo regimento interno da Câmara não pode ser terminativo, como está (votação apenas nas comissões), e teria de ir a votação em plenário. O relator no STF é o ministro Luiz Fux.

No último dia 11, o deputado Onofre Santo Agostini (PSD-SC) protocolou requerimento (8198/13) pedindo a

revisão de despacho ao poder conclusivo do projeto. Segundo Agostini, "há vício de inconstitucionalidade formal", porque a Constituição, no artigo 68, Parágrafo 1º, inciso II, e o Regimento da Câmara, no artigo 24, II, determinam que matérias de direitos individuais têm que passar pelo plenário.

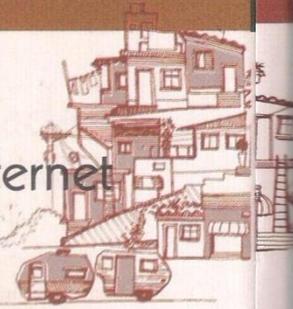
O projeto tramita há dois anos e racha as bancadas. Há quem defenda, por considerar importante na educação dos filhos. Mas há quem aponte que não se pode punir um pai que apenas dá "tapas educadores" nas crianças. A polêmica cresceu porque o projeto não detalha o que é castigo.

O serviço 0800 administrado pela Secretaria de Comunicação Social recebeu, no mês de julho, 533 ligações sobre o PL 7672/10. Do total de ligações, 497 cidadãos (93,2%) se pronunciaram contra o projeto e 36 foram favoráveis.

Fonte: <colunaesplanada.blogosfera.uol.com.br/2013/08/07/projeto-da-lei-das-palmadas-vai-para-no-stf>.

Cuidado: uso excessivo de internet e celular pode viciar

Danos ao cérebro seriam similares aos de drogas como a cocaína



Sérgio Matsuura (e-mail)

Publicado: 9/6/13 – 22h00

RIO — A tecnologia está definitivamente presente na vida cotidiana. Seja para consultar informações, conversar com amigos e familiares ou apenas entreter, a internet e os celulares não saem das mãos e mentes das pessoas. Por esse motivo, especialistas alertam: o uso excessivo dessas ferramentas pode viciar. Apesar de o distúrbio ainda não constar no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, estudos recentes apontam que as mudanças causadas no cérebro pelo abuso na utilização da *web* são similares aos efeitos de drogas químicas, como o álcool e a cocaína.

— A dependência pela tecnologia é comportamental, as outras são químicas, mas ela causa o mesmo desgaste na ponta do neurônio que as drogas — explica Cristiano Nabuco de Abreu, coordenador do Grupo de Dependências Tecnológicas do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Fobia de perder o celular

O problema, dizem os especialistas, é o usuário conseguir diferenciar a dependência do uso considerado normal. Hoje, a internet e os celulares são ferramentas profissionais e de estudo. De acordo com pesquisa realizada pela Google no ano passado, 73% dos brasileiros que possuem *smartphones* não saem de casa sem eles. A advogada Nídia Aguilár, por exemplo, diz se sentir ansiosa e incomodada quando fica longe do celular, pois usa o aparelho para se comunicar com clientes. Apesar de estar ciente do uso excessivo, ela considera o telefone fundamental para o trabalho.

— A linha que separa o uso do abuso é tênue. Mesmo que se use muito o celular, isso não caracteriza o vício. Na dependência patológica, o uso excessivo está ligado a um transtorno de ansiedade, como pânico ou fobia social — afirma a psicóloga Anna Lucia Spear King, pesquisadora do Laboratório de Pânico e Respiração do Instituto de Psiquiatria da UFRJ.

A pesquisadora é a pioneira no estudo científico da *nomofobia*, nome cunhado na Inglaterra para descrever o medo de ficar sem celular (no + *mobile* + fobia).

Ela explica que os principais sintomas da síndrome são angústia e sensação de desconforto quando se está sem o telefone e mudanças comportamentais, como isolamento e falta de interesse em outras atividades.

— Isso pode indicar que a pessoa está com algum problema que precisa ser investigado.

Atenção especial às crianças

A professora de piano Olga de Lena não se considera viciada em celular, mas admite que faz uso exagerado do seu *iPhone*. Ela diz não largar o telefone por questões profissionais. E ressalta os pontos positivos de ter conexão à internet na palma da mão, como pesquisar músicas durante uma aula ou usar o mapa para se localizar.

— Estou sempre com ele. O aluno pede uma música e eu acesso na mesma hora. Quando vou a um restaurante, ele fica em cima da mesa. Sei que não é de bom tom, mas eu deixo mesmo que seja no silencioso — conta Olga, que relata a sensação



de ficar sem o *smartphone*. — É desesperador! Eu perdi o meu aparelho recentemente e me senti como se estivesse doente, faltando uma parte de mim.

O relato de Olga pode ser considerado normal, mas existem casos que chamam atenção. Cristiano Nabuco atendeu a uma mãe que tinha que dar o celular para o filho de dois anos para que ele saísse da cama. Pior, no *shopping* a criança pedia colo para as vendedoras das lojas para tocar no teclado. Segundo o psicólogo, a tecnologia está se tornando uma espécie de babá eletrônica, e os pais não conseguem medir as consequências disso.

É comum ver, em festas infantis, crianças isoladas com o celular do pai na mão em vez de estar brincando com os colegas. De acordo com Nabuco, tal comportamento interfere no desenvolvimento emocional do indivíduo, o que pode acarretar transtornos na fase adulta. Ele recomenda que os pais não deem *smartphones* e *tablets* para crianças muito novas e monitorem como os filhos estão usando a internet.

No Hospital das Clínicas de São Paulo, o tratamento da dependência em tecnologia é feito com 18 reuniões semanais de psicoterapia de grupo, tratamento psiquiátrico e suporte emocional para os familiares, modelo parecido com o adotado para outros vícios. A pesquisadora Anna Lucia explica que, em alguns casos, é preciso tomar medicação.

A psicóloga Luciana Nunes, do Instituto PsicoInfo, pede ações do governo para o tratamento dos dependentes. Segundo ela, existem diversos projetos para promover a inclusão digital, mas não para apoiar quem sofre com o uso em excesso da tecnologia.

— Com a popularização dos *smartphones*, o problema tende a crescer. Quanto mais interativo é o aparelho, maior o potencial de dependência — afirma a psicóloga.

Para não sofrer desse mal, os especialistas recomendam moderação, mesmo que o *smartphone* ou a internet sejam essenciais para determinadas atividades. Cristiano Nabuco aconselha que as pessoas fiquem ao menos uma hora por dia longe do celular e desabilitem as notificações automáticas de *e-mail* e redes sociais. Também é essencial manter atividades ao

ar livre, com encontros presenciais com outras pessoas. É o que faz o estudante de administração Felipe Souza. Pelo celular, ele joga, manda mensagens, lê *e-mails* e até assiste televisão. Na internet, conversa pelo Skype e participa de jogos *on-line*, mas não abandona o futebol semanal com os amigos.

— O celular não afeta o meu dia a dia. Só fico com ele na mão quando não tenho nada melhor para fazer — diz.

Os sintomas

- Preocupação constante com o que acontece na internet quando está *offline*.
- Necessidade contínua de utilizar a *web* como forma de obter excitação.
- Irritabilidade quando tenta reduzir o tempo de uso.
- Utilização da internet como forma de fugir de problemas ou aliviar sentimentos de impotência, culpa, ansiedade ou depressão.
- Mentir para familiares para encobrir a extensão do envolvimento com as atividades *on-line*.
- Diminuição ou piora do contato social com amigos e familiares.
- Falta de interesse em atividades fora da rede.
- Comprometimento das atividades profissionais e acadêmicas, como perda do emprego ou não ser aprovado na escola.
- Lesões nas articulações dos dedos causadas pela intensa digitação.
- Duração dos sintomas acima descritos por período maior que seis meses.

A psicóloga Luciana Nunes explica que os sintomas descritos podem ser transpostos também para a dependência pelo celular.

Um teste para medir a dependência da internet pode ser realizado no site <www.dependenciadeinternet.com.br>, mantido pelo Hospital das Clínicas de São Paulo.

Fonte: <oglobo.globo.com/tecnologia/cuidado-uso-excessivo-de-internet-celular-pode-viciar-8636717>.

Maioridade seletiva

Público-alvo dos projetos de redução da idade penal é o adolescente pobre e marginalizado, afirma autor

Túlio Vianna

O Estado de S. Paulo — 20 de abril de 2013 | 16h08

Sempre que um crime grave é praticado por um adolescente a redução da maioridade penal volta às pautas do Congresso e dos jornais. A racionalidade e a temperança que deveriam guiar a elaboração de qualquer projeto de lei cedem espaço à passionalidade do clamor público no furor dos acontecimentos. E assim vão se criando leis castuísticas para dar respostas a casos concretos que nem sempre são representativos da maioria dos crimes ocorridos no dia a dia.

Homicídios praticados por adolescentes não são tão frequentes quanto acredita a opinião pública. Para se ter uma ideia, dos atos infracionais praticados por adolescentes em Belo Horizonte no ano de 2010, apenas 0,3% foram homicídios. A maioria das ocorrências é por tráfico de drogas (27,2%), uso de drogas (18,5%), furto (10,7%) e roubo (7,7%) (dados da Vara Infracional da Infância e da Juventude de Belo Horizonte).

O público-alvo dos projetos de redução da maioridade penal é o adolescente pobre que pratica crimes patrimoniais ou de tráfico e uso de drogas. Desses adolescentes, 62% vivem em lares com renda familiar inferior a dois salários mínimos. É esse adolescente marginalizado que a sociedade brasileira quer colocar no cárcere, já que nosso poder público, em sua incompetência, não cumpriu seu dever constitucional de colocá-los nas escolas.

Resta saber se essa mesma sociedade que clama hoje pela redução da maioridade penal vai aceitar amanhã que seus filhos também sejam presos pelas brigas nas quais se envolverem na saída dos colégios; ou pelos insultos aos professores e colegas nas redes sociais; ou pelas violações de direitos autorais na internet; ou pelo uso de drogas; ou por dirigirem sem habilitação. Ou será que a proposta seria punir apenas os adolescentes pobres?

Duas das propostas de emenda à constituição que tramitam no Senado (PEC 74/2011 e PEC 33/2012) efetivamente pretendem criar uma maioridade penal seletiva. Em alguns

crimes o adolescente poderia ser responsabilizado criminalmente; em outros, não. Trata-se de uma evidente aberração jurídica, pois a responsabilidade penal é indivisível: ou o adolescente tem plenas condições de entender o caráter ilícito de qualquer de seus atos ou não tem.

A PEC 83/2011 é mais coerente e propõe a redução da maioridade penal para 16 anos para todo e qualquer crime. A Constituição, porém, prevê em seu art. 60, §4º, IV, que os direitos e garantias individuais não podem ser restringidos por meio de emenda constitucional. São as chamadas cláusulas pétreas, que visam a impedir retrocessos jurídicos com a perda de direitos fundamentais já conquistados. A maioridade penal aos 18 anos é uma garantia individual estabelecida no art. 228 da Constituição Federal, e esse artigo só poderia ser modificado para aumentar a maioridade penal, nunca para diminuí-la.

É bem verdade que alguns juristas não concordam com essa interpretação, alegando que a maioridade penal não seria uma cláusula pétrea por não estar prevista no art. 5º da Constituição, que trata especificamente dos direitos individuais. Trata-se de uma interpretação bastante simplista, pois o que caracteriza um direito individual é sua essência e não sua localização no texto constitucional. Diante da controvérsia, caso a emenda seja aprovada, caberá ao Supremo Tribunal Federal decidir se o art. 228 é ou não uma cláusula pétrea e dar a palavra final sobre a constitucionalidade da redução da maioridade penal.

Para tentar contornar essas limitações constitucionais, o governador Geraldo Alckmin apresentou uma proposta ao Congresso Nacional (PL 5385/2013) visando não à redução da maioridade penal, mas a um aumento do rigor do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Atualmente um adolescente que pratica um ato infracional aos 17 anos



pode ficar internado no máximo até os 21. Pela proposta de Alckmin, poderia ficar internado até os 26 anos, desde que fosse condenado por crime hediondo. Uma solução jurídica bem superior à redução da maioridade penal na Constituição, mas que dificilmente produzirá algum efeito prático na redução da criminalidade juvenil.

É ilusão acreditar que o simples aumento do tempo de internação vá reduzir os atos infracionais praticados por adolescentes. As estatísticas não deixam dúvidas de que esse tipo de criminalidade é reflexo das péssimas condições socioeconômicas desses adolescentes. A solução simplista de construir cárceres para enjaular a juventude pobre pode

até ter um custo menor para o poder público, mas não será panaceia para um problema complexo que precisa ser enfrentado com um investimento sério no ensino fundamental e médio e com políticas públicas que visem a engajar os adolescentes pobres em atividades culturais e esportivas que os afastem da criminalidade. Muito mais efetivo que ameaçar o adolescente com penas graves é oferecer-lhes uma perspectiva real de um primeiro emprego digno que lhe possa permitir sonhar com um futuro melhor.

Túlio Vianna é professor da Faculdade de Direito da UFMG.
Fonte: <www.estadao.com.br/noticias/suplementos,maioridade-seletiva,1023450,0.htm>.



Menino de 9 anos é internado após agressão em escola

Agência Estado

O menino Marco Antônio, de 9 anos, foi agredido por cinco garotos da mesma faixa etária dentro da sala de aula e na saída de uma Escola Estadual, anteontem, numa cidade próxima à região de Ribeirão Preto (SP). Devido à agressão, ele foi internado e passou por exames de tomografia e ressonância magnética em Ribeirão Preto. Marco terá alta hospitalar amanhã e usará colar cervical por 15 dias.

Segundo a mãe, de 27 anos, o filho sofre com as brincadeiras de colegas porque é gago. Após a agressão na escola, ele não mencionou nada em casa. Dentro da sala de aula (3ª série), ele foi atingido por um soco, um tapa e um golpe de mochila. Na saída da escola, a inspetora o mandou sair pelos fundos, mas os agressores perceberam e o cercaram, desferindo socos e chutes em seu corpo.

Na manhã de ontem, Marco acordou com o pescoço imobilizado. A avó o levou à escola e os cinco agressores foram mandados para casa pela direção. Revoltada, a mãe

quer processar a escola e ainda retirar os três filhos de lá — Marco é o mais velho dos irmãos. A delegada Maria José Quaresma, da DDM, disse que cinco garotos foram identificados e serão ouvidos nos próximos dias.

O caso, registrado na DDM (Delegacia de Defesa da Mulher), será investigado e passado à Curadoria da Infância e da Juventude. A Secretaria Estadual da Educação informou que foi aberta uma apuração preliminar para averiguar a denúncia de agressão entre alguns alunos da escola. “Caso seja constatado que o fato aconteceu dentro da escola, o Conselho Escolar vai definir as medidas punitivas em relação aos estudantes, como, por exemplo, a transferência de unidade”, disse a nota da Secretaria.

Agência Estado, 18/9/2009.
(Para uso neste Caderno, os nomes, assim como outras informações que possam identificar os envolvidos, foram substituídos ou suprimidos.)

É urgente recuperar o sentido de urgência

Nós, que podemos ser acessados por celular ou internet 24 horas, sete dias por semana, estamos vivendo no tempo de quem?

Eliane Brum

25/6/2013, 12h31 — Atualizado em 15/8/2013, 13h28

Dias atrás, Gabriel Prehn Britto, do blog Gabriel quer viajar, tuitou a seguinte frase: "Precisamos redefinir, com urgência, o significado de URGENTE". (Caixa alta, na internet, é grito.) "Parece que as pessoas perderam a noção do sentido da palavra", comentou, quando perguntei por que tinha postado esse protesto/desabafo no Twitter. "Urgente não é mais urgente. Não tem mais significado nenhum." Ele se referia tanto ao urgente usado para anunciar notícias nada urgentes nos sites e nas redes sociais quanto ao urgente que invade nosso cotidiano, na forma de demanda tanto da vida pessoal quanto da profissional. Depois disso, Gabriel passou a postar uns "tuites" provocativos, do tipo: "Urgente! Acordei" ou "Urgente: hoje é sexta-feira".

A provocação é muito precisa. Se há algo que se perdeu nessa época em que a tecnologia tornou possível a todos alcançarem todos, a qualquer tempo, é o conceito de urgência. Vivemos ao mesmo tempo o privilégio e a maldição de experimentarmos uma transformação radical e muito, muito rápida em nosso ser/estar no mundo, com grande impacto na nossa relação com todos os outros. Como tudo o que é novo, é previsível que nos atrapalhemos. E nos lambuzemos um pouco, ou até bastante. Nessa nova configuração, parece necessário resgatarmos alguns conceitos, para que o nosso tempo não seja devorado por banalidades como se fosse

matéria ordinária. E talvez o mais urgente desses conceitos seja mesmo o da urgência.

Estamos vivendo como se tudo fosse urgente. Urgente o suficiente para acessar alguém. E para exigir desse alguém uma resposta imediata. Como se o tempo do "outro" fosse, por direito, também o "meu" tempo. E até como se o corpo do outro fosse o meu corpo, já que posso invadi-lo, simbolicamente, a qualquer momento. Como se os limites entre os corpos tivessem ficado tão fluidos e indefinidos quanto a comunicação ampliada e potencializada pela tecnologia. Esse se apossar do tempo/corpo do outro pode ser compreendido como uma violência. Mas até certo ponto consensual, na medida em que este que é alcançado se abre/oferece para ser invadido. Torna-se, ao se colocar no modo "online", um corpo/tempo à disposição. Mas exige o mesmo do outro — e retribui a possessão. Olho por olho, dente por dente. Tempo por tempo.

[...]

Percebi também que, em geral, as pessoas sentem não só uma obrigação de estar disponíveis, mas também um gozo. Talvez mais gozo do que obrigação. É o que explica a cena corriqueira de ver as pessoas atendendo o celular nos lugares mais absurdos (inclusive no banheiro...). Nem vou falar de cinema, que aí deveria ser caso de polícia. Mas em aulas

de todos os tipos, em restaurantes e bares, em encontros íntimos ou mesmo profissionais. É o gozo de se considerar imprescindível. Como se o mundo e todos os outros não conseguissem viver sem sua onipresença. Se não atenderem o celular, se não forem encontradas de imediato, se não derem uma resposta imediata, catástrofes poderão acontecer.

[...] A pessoa se estressa, reclama do assédio, mas não desliga o celular por nada. Desligar o celular e descobrir que o planeta continua girando pode ser um risco maior. Nesse sentido, e sem nenhuma ironia, é comovente.

Por outro lado, é um tanto egoísta, já que a pessoa não se coloca por inteiro onde está, numa aula ou no trabalho ou mesmo em casa — nem se dedica por inteiro àquele com quem escolheu estar, num encontro íntimo ou profissional. Está lá — mas apenas parcialmente. Não há como não ter efeito sobre o momento — e sobre o resultado. A pessoa está parcialmente com alguém ou naquela atividade específica, mas também está parcialmente consigo mesma. Ao manter o celular ligado, você pertence ao mundo, a todo mundo e a qualquer um — mas talvez não a si mesmo.

[...] Que tipo de efeito terá sobre as novas gerações a ideia de que não há limites para alcançar, ocupar e consumir o tempo/corpo dos pais e amigos e mesmo de desconhecidos? Assim como não há limites para ter o próprio tempo/corpo alcançado, ocupado e consumido?

[...]

A grande perda é que, ao se considerar tudo urgente, nada mais é urgente. Perde-se o sentido do que é prioritário em todas as dimensões do cotidiano. E viver é, de certo modo, um constante interrogar-se sobre o que é importante para cada um. Ou, dito de outro modo, uma constante interrogação sobre para quem e para o quê damos nosso tempo, já que tempo não é dinheiro, mas algo tremendamente mais valioso. Como disse o professor Antonio Candido, “tempo é o tecido das nossas vidas”.

Essa oferta 24 X 7 do nosso corpo simbólico para todos os outros — e às vezes para qualquer um — pode ter um efeito bem devastador sobre a nossa existência. Um que nem sequer é escutado, dado o tanto de barulho que há. Falamos e ouvimos muito, mas de fato não sabemos se dizemos algo e se escutamos algo. Ou se é apenas ruído para preencher um vazio que não pode ser preenchido dessa maneira.

Será que não é este o nosso mal-estar?

Viver no tempo do outro — de todos e de qualquer um — é uma tragédia contemporânea.

(Você pode conferir a íntegra deste artigo em <epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum/noticia/2013/06/e-urgente-recuperar-o-sentido-de-urgencia.html>.)

Brasileiros preferem floresta em pé

Ricardo Young

Brasileiros preferem floresta em pé. Pelo menos é o que aponta pesquisa encomendada pela ONG Amigos da Terra ao Instituto Datafolha. De acordo com levantamento, 94% dos entrevistados querem o fim do desmatamento na Amazônia, mesmo que isso implique breca a produção agropecuária (e, possivelmente, com isso aumentar os preços dos produtos derivados da atividade). A pesquisa denominada "A Visão da População Brasileira sobre Desmatamento" levou em conta uma amostra de 2.055 pessoas, com margem de erro de 2%. Portanto, não é exagero concluir que já é consenso nacional que parar o desmatamento é entendido como prioridade nacional e não encontra restrição nem mesmo na possibilidade de aumento de preço por diminuição da atividade agropecuária. O desmatamento zero é a opção da maioria, independente de renda, escolaridade, gênero, idade e classificação econômica. A porcentagem mínima de aprovação ao fim do desmatamento foi de 89%, entre aqueles com mais de 50 anos, ou 90%, entre a classe D; a maior, 98%, entre as pessoas abaixo de 50 anos nas classes A/B.

Outro dado importante e que consta da pesquisa "A Visão da População Brasileira sobre Certificação Florestal e Agropecuária", também da Amigos da Terra/ Datafolha, é que, se pudessem adquirir um produto florestal, 81%

prefeririam adquirir um produto certificado, mesmo que o preço seja maior.

Estes estudos mostram que houve uma evolução positiva do conhecimento da população brasileira a respeito dos temas da Amazônia, inclusive certificação, algo mais complexo. Em 2006, quando foi feita a primeira sondagem a respeito dos temas, 1% dos entrevistados conhecia o FSC (Forest Stewardship Council), principal selo de certificação para produtos florestais. Hoje, entre 20 e 22% conhecem a organização e o selo.

Em suma, baseando-se nestas pesquisas, podemos afirmar que a população brasileira quer o fim do desmatamento para evitar os custos dos desastres ambientais. Mostra-se favorável a leis mais rígidas para punir os infratores e está disposta até mesmo a pagar mais pelos produtos.

Estes dados me fazem refletir sobre o atual estágio da gestão socialmente responsável no Brasil. Em que pesem as práticas avançadas de um grupo importante de empresas, de um modo geral elas, empresas, estão fazendo menos do que a sociedade delas espera. As práticas poderiam estar mais disseminadas pelas cadeias produtivas e os impactos delas no mercado, mais perceptíveis. Evidente que o Estado tem um importante papel a cumprir, na indução, na fiscalização e na punição também. Mas o empresariado pode fazer a sua parte — que

não é pequena — sem aguardar pelo aparelho institucional. Como? Uma das maneiras é comprometendo-se com iniciativas como os compromissos empresariais de controle das cadeias da soja, da madeira e da carne. Estes compromissos foram articulados pelo “Fórum Amazônia Sustentável” e o “Movimento Nossa São Paulo”, durante o seminário “Conexões Sustentáveis: São Paulo — Amazônia”, realizado na capital paulista em outubro do ano passado. O evento reuniu empresários, representantes da sociedade civil e poder público para alertar sobre as responsabilidades e o papel de cada setor na preservação da floresta amazônica. Um estudo realizado pela ONG “Repórter Brasil” e pela “Papel Social Comunicação” revelou que 90% dos produtos ilegais da Amazônia são comercializados na cidade de São Paulo. Sem a participação efetiva das empresas, monitorando a cadeia de valor e não comprando produtos de origem desconhecida, fica praticamente impossível identificar e punir os infratores.

A destruição da Amazônia está fortemente relacionada à economia de mercado. Madeireiras, frigoríficos e agroindústrias se beneficiam desta tragédia ambiental, porque podem comprar, a preços irrisórios, direto de fornecedores que estão na linha de frente do desmatamento e do trabalho escravo. Posteriormente, distribuem estes produtos a uma ampla rede

de compradores. Quando as empresas, principalmente as “âncoras” de importantes setores econômicos, entram para valer nesta briga, o impacto positivo é quase imediato. O melhor exemplo é o que vem acontecendo na cadeia da carne. As três maiores redes de supermercados do país realizam um trabalho sério de monitoramento e orientação de seus fornecedores de carne, num processo que chega até a ponta do sistema, a fazenda. O trabalho começou em 2005, quando estas redes assinaram o Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo, articulado pelo Instituto Ethos e OIT — Organização Internacional do Trabalho, entre outras entidades. Em quase quatro anos de monitoramento e orientação, não só a carne que chega ao consumidor tem origem garantida e mais qualidade, como os próprios produtores aprenderam a conduzir seus negócios de maneira diferente. Comprearam que respeitar as leis trabalhistas, não desmatar e gerenciar os impactos socioambientais traz mais oportunidades de ganhar dinheiro, pois passaram a vender para outros clientes, inclusive fora do país.

O que as demais empresas aguardam para começar a aderir a compromisso semelhante? O consumidor brasileiro apoia e a cidadania agradece.

Carta Capital, 20/5/2009.



Internet e eleições

Joaquim Falcão

Especial para a *Folha de S. Paulo*

Nas últimas eleições, a Justiça não permitiu internet na campanha eleitoral. Agora, o Senado permitiu. A Câmara dará a palavra final até o dia 3 de outubro. As eleições nunca mais serão as mesmas. Por múltiplas razões. Primeiro, o eleitor estará mais mobilizado e proativo.

Jornais, revistas, rádio e televisão estabelecem comunicações de mão única. Deles para os eleitores. A internet é comunicação de mão dupla. Ou tripla. Dos eleitores com os candidatos, com os meios de comunicações e sobretudo entre si. Aliás, todos entre si. E, como o projeto não estabeleceu qualquer restrição às redes sociais — Orkut, Facebook, MySpace, UolK, Twitter —, nessas redes a campanha já começou. Não é preciso o cidadão esperar convenções de partidos ou escolha de candidatos.

Uma consequência do cidadão mais proativo (sic) é que deverão aumentar as denúncias infundadas contra candidatos e partidos, bem como as defesas apaixonadas. Aumentarão as mentiras e os desmentidos. Todos ficarão mais expostos. Como a difusão é imediata, podem chegar a milhares e milhões de eleitores, o dano ou benefício é também imediato.

Para os casos de injúria, calúnia e difamação haverá sempre o recurso da ida à Justiça. Que será sempre insuficiente. Porque é sempre a posterior. Quem terá que distinguir a mentira da verdade eletrônica será o próprio eleitor. A disputa ocorrerá na própria internet.

De blogs contra blogs. De site contra site. De rede contra rede. A internet é uma arena. Um longo aprendizado da cidadania responsável está apenas começando. É verdade que rádio e televisão atingem mais brasileiros do que a internet. E que ainda é pequeno o uso da internet em casa. Mas o crescimento da internet é o maior de todas as mídias. A tendência é crescente e inevitável. Em julho, o número de usuários cresceu cerca de 10% em relação a junho. De 33 milhões para mais de 36 milhões.

Sem contar as . A liberação da internet terá consequência de mão dupla: aumentará a participação dos cidadãos nas eleições e ao mesmo tempo estimulará mais usuários no dia a dia da internet. Segundo, é que o voto do eleitor jovem vai crescer em importância. Eles são quem mais usa internet. Representam mais do que 20% dos eleitores.

A internet deve estimular a inclusão do jovem na política. Seus valores e interesses referentes, por exemplo, a sexo, família, ecologia e cultura são diferentes. Os jovens são mais atingidos na oferta e redução de emprego. Partidos e candidatos terão que ter propostas específicas para eles.

Terceiro, o uso da internet como infraestrutura para o financiamento popular do candidato e do partido também deve crescer. Não instantaneamente, é claro. Mas a internet agiliza a doação individual eletrônica através de transações bancárias, contas de telefone e cartões de créditos. São doações mais fáceis, rápidas, legais e de maior controle pela Justiça.

Esse foi o diferencial decisivo na campanha de Obama. Sua campanha custou US\$ 744,9 milhões, dos quais US\$ 500 milhões arrecadados via internet.

A contribuição média foi de US\$ 77 por cidadão. Ou seja, R\$ 145. O peso relativo das doações de campanha das empresas deve cair. Com microdoações pulverizadas, os candidatos estarão menos dependentes de um grupo, ou daquela empreiteira.

Sem falar que será difícil a Justiça controlar a interferência ilegal de sites localizados em outros países. A internet é global. O risco, pequeno talvez, é de exportar a campanha eleitoral, para sites globais onde a lei brasileira não chega.

Até agora o Senado manteve a liberdade mais ampla, a não ser para sites empresariais, onde, em nome da imparcialidade, limitou a propaganda em sites de pessoas jurídicas, que não sejam provedores de internet e de informações ou sites de pesquisa, e em sites de órgãos governamentais. E regulou também o acesso aos debates.

O desafio maior da lei ao regular os meios de comunicação na campanha eleitoral é justamente este: por um lado, manter a experiência brasileira de sucesso de controlar a participação excessiva do poder econômico e do poder dos governos nas campanhas. De outro, assegurar voto livre e liberdade de expressão a todos.

Folha de S. Paulo, Brasil, 17/9/2009. Disponível em <www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1709200913.htm>.

Joaquim Falcão é professor de direito.



Cavaleiros da cana *versus* mecanização

Mariane Cheli de Oliveira

O lugar onde vivo é uma típica cidadezinha do interior do Paraná, com uma população de apenas 4.275 habitantes. O formato do município de Tamboara é no mínimo curioso, quase um quadrado perfeito emoldurando uma cidade em miniatura com virtudes e problemas característicos de uma cidade pequena.

Em nosso município e região a cana-de-açúcar é a principal fonte de trabalho; é cortando cana que muitos trabalhadores sustentam suas famílias. Devido ao serviço árduo e estafante, podemos chamá-los de cavaleiros da cana, pois levantam de madrugada, vestem suas armaduras e saem para a luta com a determinação de guerreiros.

Mas ultimamente algo vem lhes tirando o sono: a provável mecanização da colheita de cana. Penso que isso não deveria acontecer, pois é indiscutível que esse tipo de colheita irá ocasionar o desemprego de muitos trabalhadores braçais.

Com a implantação da mecanização, as usinas teriam mais lucros, pois, segundo dados da Alcopar, enquanto um trabalhador colhe em média seis toneladas de cana por dia, uma máquina pode colher seiscentas.

Segundo dados da União dos Produtores de Bioenergia (UDOP), o Paraná ocupa o segundo lugar na produção de cana-de-açúcar. Isso é algo que podemos perceber claramente observando o aumento do plantio de cana em nossa área rural, que, se por um lado, gera muitos empregos, por outro, causa problemas ambientais.

Nesse sentido, os que são contrários ao processo de mecanização da colheita de cana-de-açúcar argumentam que ele tiraria o emprego de muita gente, que em sua maioria possui baixa escolaridade e não conseguiria outro emprego, principalmente com carteira assinada, como o proporcionado pelo corte de cana.

Os que argumentam a favor citam as questões ambientais, pois com o trabalho das máquinas não haveria a necessidade das queimadas dos canaviais que poluem o ar, matam animais e prejudicam a saúde humana, principalmente a dos próprios cortadores de cana que entram em contato direto com a fuligem.

Na minha opinião, os impactos negativos causados pelas queimadas são inegáveis, mas não deveriam servir de justificativa para a substituição de trabalhadores por máquinas. Vale lembrar que o corte da cana sem a prática da queimada não é impossível, pois isso já ocorre quando há o corte de cana para a produção de mudas.

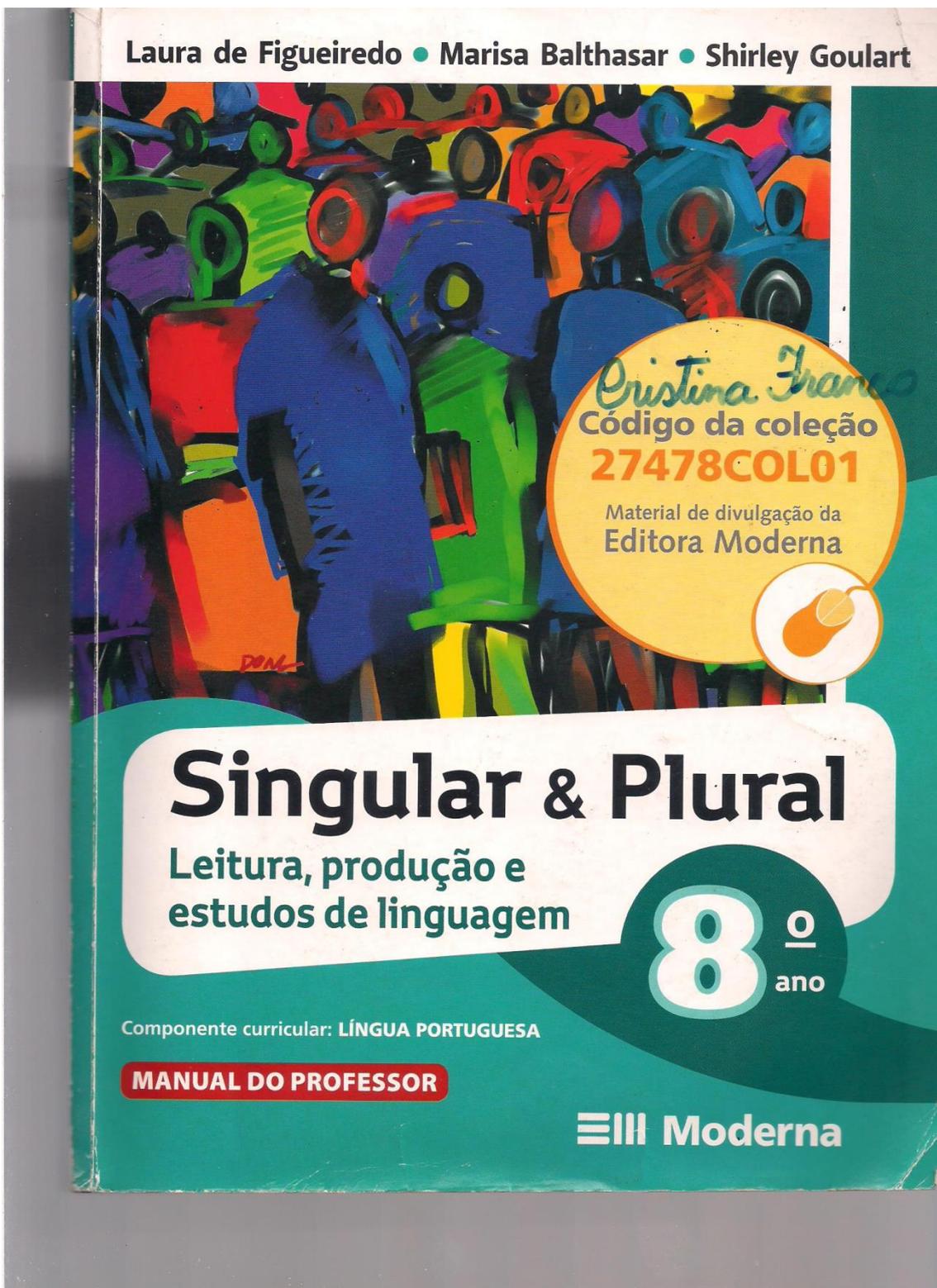
Segundo pesquisa feita pelo engenheiro ambiental Eleutério Languloski, não há motivos que justifiquem técnica, ecológica ou socialmente as queimadas nos canaviais, a não ser para maior rendimento da colheita.

Esse, com certeza, é um impasse difícil de ser resolvido, mas acho que a solução está com os donos de usinas, que poderiam abrir mão de suas margens de lucro, acabando com a prática da queima de cana, pagando uma remuneração mais justa aos seus trabalhadores que produziram menos do que na situação atual e fornecendo-lhes equipamentos de trabalho adequados para sua proteção, visto que na colheita da cana os trabalhadores estariam mais sujeitos à picada de bichos peçonhentos e cortes causados pelas folhas.

Assim, o verde de nossos canaviais continuaria sendo a cor da esperança de nossos cavaleiros, que veem no plantio da cana e na força de seu trabalho a garantia de sustento de suas famílias e o progresso de nossa cidade.

Aluna finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa
Escrevendo o Futuro em 2008, 3º ano do Ensino Médio da
E. E. E. F. Doutor Dullio Trevisani Beltrão, Tamboara - PR.

Anexo C: Livro didático utilizado em sala de aula



Gerações e gerações – a história se repete?

Ver, no Manual do Professor, orientações a respeito deste capítulo.

Tira 1

Rubens Bueno



Tira 2

RADICCI

Iotti



Glossário

Julio Iglesias: cantor espanhol que alcançou grande sucesso interpretando canções românticas, especialmente a partir da década de 1970.

Peppino di Capri: cantor italiano nascido em 1939 que iniciou sua carreira nos anos 1960.

Jimi Hendrix: guitarrista, cantor e compositor norte-americano, nasceu em 1942 e morreu em 1970. É considerado por muitos críticos o melhor guitarrista da história do rock e um dos mais influentes músicos de sua geração.

Converse com a turma

- As duas tiras envolvem interação entre pessoas de diferentes gerações e fazem referência a um mesmo assunto.
 - Que assunto é esse?
 - Que tipo de parentesco têm entre si as gerações representadas pelas personagens nas duas tiras?
- Observe a tira 1.
 - A expressão de cada uma das personagens que não falam nos quadrinhos indica uma reação ao que estão ouvindo. Que tipo de reação você acredita que seja?
 - Qual seria a razão dessa reação?
 - Levando em conta as indicações das datas, nos quadrinhos, podemos concluir que há conflito entre as diferentes gerações? Explique.
- Leia, a seguir, as informações sobre a tira 2.

Criada em 1983, a tira Radicci é publicada nos maiores jornais do sul do Brasil e destaca-se por retratar os conflitos de geração entre pais e filhos. Radicci é um típico imigrante italiano, conservador e de temperamento forte. Sua esposa, Genoveva, é uma tradicional *mamma* italiana; seu filho Guilhermino é jovem ecologista e fã de *rock*; já o Nôno é um vovô engraçado e, ao mesmo tempo, moderno e liberal.

- Qual a situação retratada nessa tira?
 - O que a expressão de Guilhermino, no primeiro quadrinho, indica sobre a sua reação aos pedidos dos pais?
 - Por que você acha que ele teve essa reação?
 - Considerando a expressão de Guilhermino, no segundo quadrinho, o que ela sinaliza sobre o seu humor em relação aos pedidos dos pais? E o que indica sobre o que ele espera em relação ao pedido do avô?
 - E a expressão de Guilhermino no último quadrinho, indica o quê?
 - Qual a razão da reação de Guilhermino ao pedido do avô?
- Embora tratem do mesmo assunto, as tiras 1 e 2 nos fazem refletir sobre a interação entre as gerações, mas de maneiras diferentes. Explique.

O que vamos fazer neste capítulo

Vocês irão ler **reportagens** que tratam das relações entre as diferentes gerações que convivem hoje. Vamos também ler e produzir **crônicas** que tratam de situações vividas na interação entre essas diferentes gerações.



EUGÊNIA NOBIATI

do Professor,
deite deste ca-

Rubens Bueno

DE
SAMBISTA
AS
SADO



O LARGA
BUNDO
O COMO



Iotti



ções ro-

mos 1960.
42 e mor-
do rock e

Leitura

Converse com a turma

Você vai ler duas reportagens do suplemento semanal *Folhateen*, do jornal *Folha de S.Paulo*. A primeira reportagem fala sobre adolescentes que, por diferentes motivos, resolveram fugir de casa. A segunda fala de jovens que se apropriaram de hábitos, costumes e gostos de seus pais e avós. Veja a chamada da capa da primeira reportagem:



1. Que motivos levariam alguém a fugir de casa? E a voltar?
2. Que tipos de dificuldade um adolescente em fuga teria de enfrentar?
3. Você acha que fugir pode ser uma solução adequada? Por quê?
4. Você acredita que os adultos compreendem os jovens? Explique.
5. Antes de ler toda a reportagem, concentre-se na capa do suplemento (apresentada acima) e nas informações destacadas na reportagem – sejam elas verbais ou não verbais.
 - Discuta: considerando os destaques feitos, qual será o enfoque dado ao assunto?

Clipe

Teen

Palavra que se refere ao jovem e às coisas destinadas a ele, como o caderno *Folhateen*. Mas o que significa?

O Novo Dicionário Internacional de Webster define *adolescência* como “os anos que estão entre os 13 e os 19 da vida de uma pessoa”. [...] Em inglês, as pessoas dessa idade são conhecidas como *teens*. A palavra vem do antigo vocábulo *teona*, que significa *ofensa, irritação, aflição*. Sim, esses anos podem ser dolorosos tanto para os pais como para os adolescentes.

Fonte: PELT, Nancy Van. *Como formar filhos vencedores: desenvolvendo o caráter e a personalidade*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

Texto 1

Família

Folhateen

Fuga ao redor do quarteirão

Fugir de casa é uma ideia que passa pela cabeça de muitos adolescentes quando as obrigações familiares pesam; conheça a experiência de alguns jovens que quebraram a cara na aventura

São Paulo, segunda-feira, 28 de março de 2005

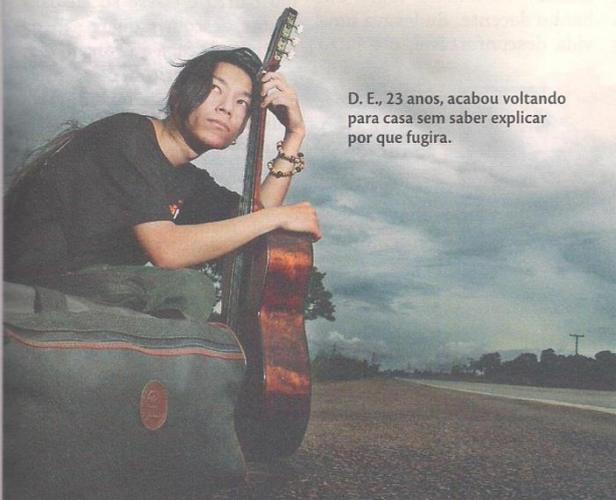
"Dezessete anos e fugiu de casa às 7h da manhã do dia errado..." A história da música "Natasha", do Capital Inicial, que conta as aventuras da garota que "deixou para trás os pais e o namorado", poderia ser a trilha perfeita para milhares de adolescentes que desaparecem de casa todos os anos. Da mesma forma que na canção, normalmente eles também dançam. A desilusão é quase imediata e a maioria acaba voltando para casa.

Foi o caso de Renata (nome fictício), 14, que mora em uma pequena cidade de Minas Gerais. No ano passado, com 13 anos, ela saiu de casa no meio da

noite com mais duas amigas de 15 anos e pegou um ônibus para o Rio de Janeiro. "Eu estava cansada da rotina, da minha mãe me prendendo."

Ao sair, deixou um bilhete dizendo que não ia mais voltar. "Fomos com pouco dinheiro, não nos importávamos de passar fome. A gente queria chegar em uma cidade de praia e viver lá", conta.

No entanto, a viagem acabou antes mesmo de começar: seus pais rapidamente acionaram a polícia, que parou o ônibus no estado do Rio. Depois de algumas horas, os pais das garotas foram buscá-las.



D. E., 23 anos, acabou voltando para casa sem saber explicar por que fugira.

Clípe

Natasha

A canção "Natasha", da banda brasileira Capital Inicial, foi uma das faixas de maior sucesso do álbum *Acústico MTV – Capital Inicial*, lançado em 2000, em CD e DVD. Com canções ao vivo, o disco consagrou o retorno do grupo às paradas de sucesso do rock nacional no novo milênio.

Leitura e produção

A vontade de viver um “amor proibido” levou G. S., 19, a fugir de casa aos 15. O pai dela não aceitava o namoro. “Não gostava dos amigos dele, era uma galera ‘da pesada’. Ele até me mandou passar as férias inteiras na praia para me afastar dele. Mas, na primeira vez que vim a São Paulo, saí de madrugada para ficar com ele e fomos morar juntos.”

Depois de um ano e meio, ela voltou para casa após uma briga por ciúmes. “Vi que meu pai tinha razão. Hoje eu me arrependo de ter fugido, não faria isso de novo”, diz.

O velho truque de colocar travesseiros sob as cobertas da cama para enganar a família foi o aplicado por Gilda (nome fictício), 18, há duas semanas, quando fugiu de casa para sair à noite com os amigos. “Meus pais nunca deixam, só quando é uma festa especial, e mesmo assim tenho que avisar com meses de antecedência.”

Quando viu que os pais estavam dormindo, arrumou a cama com travesseiros embaixo da coberta e saiu na ponta dos pés. “Curti muito, mas com medo de

eles perceberem. Quando voltei, estava tudo como eu havia deixado. Ainda bem!”

D. E., 23, levava uma vida normal em Brasília há quatro anos: não tinha problemas em casa, estava na faculdade, namorava, ganhava mesada e costumava pegar o carro da mãe emprestado. “Eu simplesmente fui. Tive a ideia, arrumei a mala, comprei um guia, apontei para uma cidade qualquer e comprei uma passagem de ônibus para lá. Eu queria ver aonde o destino ia me levar.”

Depois de três meses circulando por cidades de Minas Gerais, trabalhando na montagem de um circo e tocando violão em bares, ele foi localizado pela família com a ajuda da polícia. Nesse dia, conversou por telefone com os pais e, a partir daí, começou a ligar outras vezes para casa.

“Um dia, minha tia disse que queria me buscar, e eu aceitei. Quando ela chegou, alugou um quarto no melhor hotel da cidade e finalmente tomei um banho decente. Eu levava uma vida desconfortável, e o juízo

acabou voltando. Pensando bem, era melhor estar em casa, fazendo faculdade, do que tocando violão para desconhecidos. Quando cheguei em casa, todos me abraçaram. Depois, me fizeram a pergunta que não consigo responder: ‘Por que fugiu?’”

Para entender as causas que levam os jovens a fugir, ajudar a solucionar os casos de desaparecimento e dar suporte psicológico para essas famílias foi criado o **Projeto Caminho de Volta**, uma parceria do Centro de Ciências Forenses da Faculdade de Medicina da USP com a Secretaria Especial dos Direitos Humanos e com o DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa). Segundo o projeto, cerca de 30 mil crianças e adolescentes desaparecem de casa a cada ano (número que inclui as fugas). Destes, 80% voltam.

“Estamos fazendo um estudo **epidemiológico** com os familiares dos jovens desaparecidos e com outras famílias do mesmo bairro e classe social para tentar descobrir quais são os motivos de fuga que dizem respeito ao próprio adolescente”, afirma a coordenadora-geral Gilka Gattas.

Para o psicanalista Martin Aguirre, terapeuta familiar do Instituto A Casa, as fugas na classe média e alta, em geral, são motivadas por dois fatores: dificuldade de relacionamento familiar e vontade de conquistar a independência. “O adolescente que foge tenta atingir um grau de liberdade que só é conquistado com a maturidade, pois esperar a hora certa significa ter de se submeter a diversas regras familiares e sociais.”

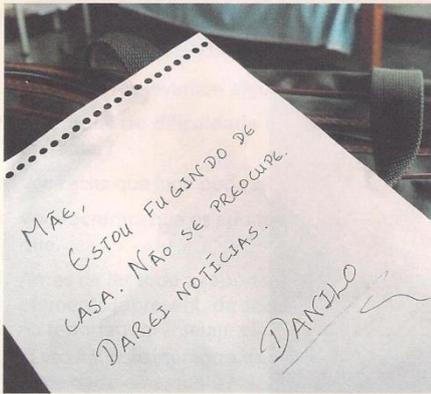


Imagem do bilhete deixado por D. E., quando fugiu de casa aos 19 anos.

nsando
m casa,
que to-
onheci-
m casa,
Depois,
ta que
r: "Por

sas que
ajudar a
esapare-
cológi-
criado
ta, uma
Diências
de Me-
cretaria
umanos
amento
o à Pes-
o, cerca
blescen-
a cada
i as fu-

m estu-
os fami-
arecidos
do mes-
tal para
são os
sem res-
scente",
ra-geral

Martin
liar do
ugas na
n geral,
fatores:
amento
onquis-
O ado-
atingir
que só é
uridade,
signifi-
diversas
as."

Para a psicóloga Leila Cury Tardivo, professora de psicologia clínica da USP, o problema é que essa vontade normalmente vem acompanhada da falta de consciência das obrigações que a vida adulta acarreta.

"Essa sensação de não pertencimento à família é muito comum. Mas, quando há uma fuga, isso revela uma impossibilidade de buscar o afastamento de forma mais saudável. Muitas vezes eles se expõem a perigos sem o menor preparo", diz ela.



BRUNO STUCKERT/FOLHAPRESS

G. S. que fugiu aos 15 anos e, aos 19, se arrependeu e voltou para casa.

KORMANN, Alessandra. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2803200511.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2012. © Folhapress.

Glossário

Epidemiológico: que tem caráter de epidemia; que atinge, simultaneamente, uma grande quantidade de pessoas.

Projeto Caminho de Volta: uma parceria entre a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos e o Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa, auxilia famílias de crianças ou adolescentes desaparecidos por meio de três etapas: criação de um banco de dados e um banco de DNA; apoio psicológico à família, para que ela possa compreender as causas do desaparecimento e enfrentar a espera do retorno; capacitação de profissionais para desenvolver a metodologia do Projeto em todo o estado de São Paulo. Veja mais informações no site do Projeto: <<http://caminhodevolta.fm.usp.br>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

Sugerimos que esta seção seja realizada oralmente, em coletivo, para se caracterizar como uma situação de leitura compartilhada.

✓ Primeiras impressões



1. Quais os motivos das fugas, segundo os estudos da equipe do Instituto A Casa?
2. Os motivos apontados pelos adolescentes e jovens, que têm seus depoimentos na reportagem, coincidem com os apontados pelos estudos do Instituto A Casa? Explique.
3. Releia o trecho a seguir, observando o verbo destacado.

"Segundo o projeto, cerca de 30 mil crianças e adolescentes **desaparecem** de casa a cada ano (número que inclui as fugas)."

- O uso do verbo **desaparecer** e o comentário entre parênteses podem nos levar a pensar que nem todas as 30 mil crianças e adolescentes fugiram de casa. Quais poderiam ser as outras razões de não estarem mais com suas famílias?

Leitura e produção

- Em seu depoimento, Gilda fala sobre a experiência de ter saído para uma festa sem o conhecimento dos pais. Quais podem ser os riscos de os pais não saberem onde os filhos estão?
- A que perigos você acredita que a psicóloga Leila Cury se refere quando declara: "Muitas vezes eles [os adolescentes] se expõem a perigos sem o menor preparo"?
- Em outro trecho, a mesma psicóloga diz:

"Essa sensação de não pertencimento à família é muito comum. Mas, quando há uma fuga, isso revela uma impossibilidade de buscar o afastamento de forma mais saudável."

- De acordo com esse trecho, como a psicóloga entende a fuga do adolescente?

- Observe um trecho da letra de canção "Pais e filhos", da Legião Urbana, que, assim como a reportagem, explora o conflito entre pais e filhos:

"Você me diz que seus pais não entendem,
Mas você não entende seus pais.

Você culpa seus pais por tudo
E isso é absurdo
São crianças como você

O que você vai ser quando você crescer?"

Dado Villa-Lobos, Renato Russo e Marcelo Bonfá. Pais e filhos. In: *As quatro estações*. EMI Music (1989). Disponível em: <<http://www.legiaourbana.com.br/discografia>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

- Qual sua opinião sobre o que o eu lírico (a voz que fala no texto) diz? Você concorda ou discorda dele? Explique o seu ponto de vista.
- Outra letra de canção fala, de forma bem-humorada, sobre um jovem que, assim como D. E., tem uma boa relação com seus pais. Leia a letra (e se possível, ouça a interpretação da banda Ultraje a Rigor) e depois discuta com os colegas.

Rebelde sem causa

Meus dois pais me tratam muito bem
(O que é que você tem que não fala com ninguém?)
Meus dois pais me dão muito carinho
(Então por que você se sente sempre tão sozinho?)
Meus dois pais me compreendem totalmente
(Como é que cê se sente, desabafa aqui com a gente!)

Clípe



Banda Legião Urbana, Rio de Janeiro, 1993.

Legião Urbana

Banda de *rock* que surgiu em Brasília, em 1982, e terminou em 1996, após a morte do líder e vocalista Renato Russo. Vinda de uma geração influenciada pelo movimento *punk*, é uma das bandas brasileiras mais respeitadas pelo público e crítica e já vendeu mais de 20 milhões de discos.

Com letras contundentes, que criticam a política e a sociedade, ou mais líricas, que falam poeticamente sobre o amor e a solidão, as canções da Legião, como "Eduardo e Mônica" e "Pais e filhos", são tocadas até hoje nas rádios de todo o país.

Clípe

Ultraje a Rigor

A banda é um marco no cenário do *rock* brasileiro. Criada no início dos anos 1980, em São Paulo, e liderada pelo vocalista e guitarrista Roger Moreira, consagrou-se nacionalmente com o álbum *Nós vamos invadir sua praia*, que trouxe *hits* bem-humorados como "Inútil", "Mim quer tocar" e "Rebelde sem causa", cujo trecho você leu ao lado.



TASSO MARCELO/AGÊNCIA ESTADO

Rio de

ma
que surgiu
e termi-
a morte
Renato
a geração
movimen-
s bandas
speitadas
tica e já
milhões
ndentes,
ca e a so-
nicas, que
e sobre o
s canções
duardo e
lhos", são
as rádios

or
marco no
brasileiro.
dos anos
e lidera-
guitarrista
sagrou-se
o álbum
ua praia,
humora-
lim quer
m causa",
ao lado.

Reprodução autorizada por: UOL. O Código de Barras do UOL é uma marca registrada do UOL. Disponível em: <http://roxm0.sites.uol.com.br/musicas/rebelde.html>. Acesso em: 26 jan. 2012.

Meus dois pais me dão apoio moral
(Não dá pra ser legal, só pode ficar mal!)

MAMA MAMA MAMA MAMA
(PAPA PAPA PAPA PAPA)

Minha mãe até me deu essa guitarra
Ela acha bom que o filho caia na farrá
E o meu carro foi meu pai que me deu
Filho homem tem que ter um carro seu
Fazem questão que eu só ande produzido
Se orgulham de ver o filhinho tão bonito
Me dão dinheiro pra eu gastar com a mulherada
Eu realmente não preciso mais de nada

Meus pais não querem
Que eu fique legal
Meus pais não querem
Que eu seja um cara normal

Não vai dar, assim não vai dar
Como é que eu vou crescer sem ter com quem me revoltar
Não vai dar, assim não vai dar
Pra eu amadurecer sem ter com quem me rebelar

MOREIRA, Roger Rocha. Rebelde sem causa.

In: ULTRAJE A RIGOR. *Nós vamos invadir sua praia*. Warner Music Brasil, 1985.

Disponível em: <<http://roxm0.sites.uol.com.br/musicas/rebelde.html>>.

Acesso em: 26 jan. 2012.



EUGÊNIA NOBATI

- O que há em comum entre o "eu" da letra desta canção e o jovem D. E., citado na reportagem?
- E qual é a diferença entre esse "eu" e as outras jovens citadas na reportagem?
- Repare na primeira estrofe da letra e observe que vários versos aparecem entre parênteses. Esses versos também representam a voz do "eu" que fala no texto?
- Para o eu lírico, o que é ser "um cara normal"?
- Considere a última estrofe da letra.
 - De acordo com ela, o que o eu lírico entende como necessário para ele crescer, amadurecer?
 - Qual, então, seria o problema apontado pelo "eu lírico" da letra de canção?
 - Você concorda com ele? Defenda o seu ponto de vista.

Leitura e produção

- f) Com seu colega, leia, a seguir, trechos do artigo "Brigas entre pais e filhos adolescentes", da psicanalista Patrícia Yumi Nakagawa.

Os adolescentes trazem em seus relatos muito sofrimento diante das frequentes discussões que estabelecem com seus pais nesse período de vida. Eles se queixam da invasão de privacidade, da autoridade, do excesso de preocupação com as drogas, sexualidade e liberdade, outros reclamam da omissão de seus pais, que parecem ser permissivos, não se importando com eles.

Comentam sobre as mudanças na qualidade da relação que antes havia quando eram crianças, remetem-se ao sentimento de perda e a certo afastamento, seja afetivo ou físico.

Os pais, antes idealizados, passam a ser, aparentemente, figuras odiadas, desvalorizadas, com quem estabelecem os mais intensos confrontos. No entanto, esses sentimentos de raiva e ódio revelam a curiosa faceta da necessidade do adolescente de se diferenciar para adquirir sua própria identidade.

[...]

A adolescência é uma criação da cultura, diz de um período de vida em que o sujeito refaz e reedita suas crenças, seus valores e seus modelos. Para que isso aconteça, o adolescente busca novos paradigmas em outros grupos, que não o familiar.

[...]

Aos pais é importante saber que é um momento bastante delicado, mas extremamente necessário, para que o filho se torne um adulto com opiniões e pensamentos que lhe sejam próprios.

Para muitos pais é um período de intensa angústia, pois o adolescente pode ser bastante ativo no seu desejo de adquirir autonomia. Os questionamentos são frequentes, há um conflito dos pais que querem que o filho cresça, ao mesmo tempo que temem as consequências da autonomia. Muitos pais se sentem atacados e de fato desvalorizados e sofrem pelo sentimento de que não são mais os "heróis" e "heroínas" de sua prole. [...]

Disponível em: <<http://www.palavraescuta.com.br/perguntas/brigas-entre-pais-e-filhos-adolescentes>>. Acesso em: 26 jan. 2012 (Fragmento).

- I. Levando em conta a leitura desses trechos do artigo, explique o sentido do título da letra de canção "Rebelde sem causa". Lembre-se de retomar informações dos fragmentos.
- II. Considerando tudo o que você leu e discutiu com seus colegas até aqui, você acha que a relação entre os adolescentes e os pais ou familiares mais velhos será sempre de conflito? Explique seu ponto de vista.
- III. Você já tinha pensado antes sobre o que esta fase de sua vida pode representar para os seus pais? Comente sua resposta.



estúdio somati

✔ O texto em construção

1. Leia a reportagem “Fuga ao redor do quarteirão”, procurando observar a organização de seu conteúdo.
 - a) Que estratégia a repórter usou para introduzir o assunto?
 - b) Considerando que a reportagem foi escrita em 2005 e destinada ao público jovem – uma vez que circulou no caderno *Folhateen* –, você acredita que a estratégia usada pela repórter foi interessante? Explique.
 - c) Para abordar o assunto, que fontes de informação a repórter usou na composição das vozes que aparecem no texto?
 - d) As informações de que fontes apareceram primeiro?
 - e) Informações de que outras fontes aparecem depois dessas primeiras? E que tipo de informação elas apresentam ao leitor?
 - f) Considerando as respostas anteriores, descreva o modo como a repórter organizou as informações coletadas para construir seu texto.
 - g) Se a repórter optasse por organizar seu texto invertendo a ordem de apresentação dos dois tipos de informação, você acredita que o texto atrairia mais ou menos o leitor? Por quê?
2. Copie em seu caderno a alternativa que indica os tempos verbais que predominam no texto.
 - Pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo.
 - Pretérito imperfeito e mais-que-perfeito do indicativo.
 - Pretérito imperfeito do subjuntivo e pretérito imperfeito do indicativo.
 - Pretérito perfeito e imperfeito do indicativo.
3. Identifique os tempos verbais usados por cada uma das diferentes vozes que aparecem na reportagem e explique por que foram usados.
4. Leia um dos parágrafos do texto.

“Para entender as causas que **levam** os jovens a fugir, ajudar a solucionar os casos de desaparecimento e dar suporte psicológico para essas famílias foi criado o projeto Caminho de Volta, uma parceria do Centro de Ciências Forenses da Faculdade de Medicina da USP com a Secretaria Especial dos Direitos Humanos e com o DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa). Segundo o projeto, cerca de 30 mil crianças e adolescentes **desaparecem** de casa a cada ano (número que inclui as fugas). Destes, 80% **voltam**.”

- a) Em que tempo e em que modo estão conjugados os verbos destacados?

Vamos lembrar

A **reportagem** é um gênero do jornalismo que envolve uma **investigação** maior sobre o fato noticiado ou sobre um assunto que, num certo momento, seja de interesse para grande parte do público.

Em uma reportagem há a presença de **diferentes vozes**, que possibilitam a abordagem do assunto de perspectivas ou pontos de vista diferentes, fornecendo ao leitor um conteúdo mais aprofundado.

Vamos lembrar

O pretérito

Expressa um fato ocorrido antes do momento da fala. No **indicativo**:

- o **pretérito perfeito** indica ação pontual e marcada no tempo: **Fomos** ao cinema.
- o **pretérito imperfeito** dá a ideia de ação que se estende no tempo ou costumava acontecer: Os jovens **brincavam** todo dia.
- o **pretérito mais-que-perfeito** expressa ação ocorrida antes de outra também no passado: O ladrão **fugira** antes que a polícia chegasse.

No **subjuntivo**:

- o **pretérito imperfeito** expressa um fato passado, posterior a outro já ocorrido: Eu esperava que ele **viesse**. Também pode expressar ideia de condição ou desejo: Se ele **viesse** eu ficaria.

◀ Caso necessite, você poderá consultar os esquemas sobre os **verbos**, na Retomada de conceitos, no Caderno de Estudos de língua e linguagem.

Leitura e produção

- b) Identifique, nos parágrafos seguintes a esse, três outros verbos usados nesse mesmo tempo verbal.
 - c) Por que, a partir desse parágrafo, o tempo dos verbos que predomina é esse?
5. Observe a seguir um fac-símile da reportagem – ou seja, a reprodução da reportagem exatamente como foi publicada –, e responda às questões abaixo

- a) Explique a escolha do título e a forma como ele é disposto na página. Para responder a esta questão, considere também as imagens.
- b) Leia novamente o olho da reportagem.
 - “Fugir de casa é uma ideia que passa pela cabeça de muitos adolescentes quando as obrigações familiares pesam; conheça a experiência de alguns jovens que quebraram a cara na aventura”
 - I. Nem todo o conteúdo apresentado no “olho” (ou subtítulo) da reportagem é desenvolvido no texto. Explique essa afirmação.
 - II. Apresente uma nova formulação para substituir o texto do “olho”, que seja mais coerente com o conteúdo da reportagem.
- c) Por que há trechos de falas dos jovens entrevistados em destaque, nos boxes?
- d) Repare no conteúdo dessas falas destacadas e relacione-as ao título e ao modo como ele foi disposto. Há a intenção de produzir algum efeito de sentido com essa composição? Explique.
- e) Por que não foram destacadas as falas das outras vozes que aparecem na reportagem?

6. Em várias passagens do texto podemos encontrar o uso de uma linguagem mais informal e mais próxima da usada pelos jovens.
- Localize ao menos quatro passagens em que a repórter recorreu a termos informais e usuais na linguagem dos jovens.
 - Você, como leitor, acha que a repórter conseguiu fazer uso satisfatório desta linguagem ou poderia ter recorrido mais a ela ao longo do texto? Explique sua posição.
7. Considerando o título, as escolhas linguísticas da repórter e os depoimentos selecionados, o texto assume alguma posição em relação à fuga dos adolescentes? Explique sua resposta.

Texto 2

O texto a seguir mostra um panorama diferente sobre a relação entre adolescentes e familiares mais velhos.

Converse com a turma

Antes de ler toda a reportagem, observe os fac-símiles das páginas da reportagem. Concentre-se nas informações destacadas — sejam elas verbais ou não verbais — e discuta: qual será o enfoque dado ao assunto, considerando os destaques feitos?



"Eles jogam bocha e golfe, ouvem bossa nova e jazz e adoram vestir as roupas herdadas da vovó"

"Teens deixam de lado futebol, rock e marcas famosas para adotar hábitos legais de tiozinhos"



Fora de época

>>> Conheça uma galera que aprecia as coisas bacanas de gente que tem até mais de cinco vezes a sua idade

Jogo de bocha, partidas de golfe, discos de jazz em vinil, roupas que estavam na moda há mais de 50 anos são elementos do mundo de pessoas que têm pelo menos três vezes a sua idade, não? Na maioria dos casos, sim. Mas só se você não for da turma dos neovelinhos, que prefere ouvir as vozes da experiência.

Muitos deles nem completaram 20 anos de idade, mas vivem cercados de pessoas de mais de 60 na hora de praticar esportes, por exemplo.



T. M. joga bocha desde os três anos e acredita que muitos garotos da idade dele não apreciem esse esporte por ele exigir paciência.

Estudante da oitava série, T. M. S., 14, divide suas atividades esportivas entre o futebol e a bocha, um esporte quase sempre praticado por pessoas mais velhas. O objetivo desse jogo é atirar bolas de madeira, tentando aproximá-las o máximo possível de outra, pequena, denominada bolim.

Influenciado pelo pai, T. joga bocha desde os três anos. “A maioria dos jogadores tem de 60 para cima. É todo mundo bem velho. Acho que é porque não tem tanta emoção e porque tem de ter paciência. O jovem hoje não tem paciência”, explica T. “As pessoas querem coisas mais emocionantes, com adrenalina, tipo futebol, que eu também jogo.”



FOLHAPRESS



TUCA VIEIRA/FOLHAPRESS

Reprodução: Imagem, Art. 184 do Código Penal de Lei nº 10.741 de 10 de novembro de 2003.

Reprodução: Imagem, Art. 184 do Código Penal de Lei nº 10.741 de 10 de novembro de 2003.

T. joga nos. "A de 60 bo bem que não ue tem m hoje a T. "As as emo- a, tipo go."

T. acha que, praticando bocha, ajuda a manter o esporte vivo. "Acho que a bocha está ficando mais popular, mas corre o risco de acabar, porque tem pouco moleque e muito velho jogando. O futuro da bocha é a gente, os mais novos, porque, senão, acaba. Eu até prefiro futebol, mas jogo os dois."

A. N., 15, que pratica a bocha desde os dois anos, também sob influência familiar, gosta da convivência com pessoas mais velhas. "Comecei a vir com meu pai e hoje jogo com gente de até 79 anos", conta o estudante do primeiro ano do ensino médio.

Apesar de a bocha ser praticamente o único assunto que A. conversa com seus parceiros mais velhos, ele acha que o convívio o fez amadurecer. "Eles têm experiência de vida."

Golfe

No campo do golfe está K. P., 15, que joga esse esporte associado a tiosinhos de tênis engraçados desde os 5.

Ela não acha que conviver com gente das antigas só traga amadurecimento. De vez em quando, ela fica irritada com o tratamento que recebe dos anciões: "Alguns me tratam feito criança e eu não gosto", explica a pequena golfista.

"A gente já amadureceu, mas eles tratam a gente como criança; assim a gente não amadurece", completa a estudante do primeiro ano do ensino médio, que relaciona a falta de paciência ao baixo interesse dos jovens na prática de golfe.

"É um esporte difícil. Tem gente que pensa que é só jogar para a frente, mas não é. É um jogo de quem erra menos, e não de quem acerta mais", explica.

O assunto dela com os jogadores velhinhos é um só: "Falamos de golfe; não tenho nada em comum com eles", conta. "Mas é divertido. Eles adoram jogar com a gente. E eu quero jogar quando tiver a idade deles; eles são saudáveis."

Paciência de quem poderia ter muitos anos de idade é o que não falta em K., que suporta numa boa acompanhar as quatro horas que geralmente duram as partidas de golfe. "Assisto a jogos na TV. É meio cansativo, mas você nem vê o tempo passar."

Enquanto muitos adolescentes buscam na internet as últimas novidades do rock e do pop mundiais, o estudante P. N., 17, prefere curtir os discos de vinil de jazz e de bossa nova comprados em sebos.

Se recorre à internet, é para pesquisar raridades de free jazz.



BRUNO MIRANDINI/FOLHAPRESS

K. P., que joga golfe desde os 5 anos, também acredita, como T. M. em relação à bocha, que o fato de a prática desse esporte exigir paciência pode ser a explicação para o baixo interesse que esse esporte desperta nos jovens.

Rock? Só o som de dinossauros como Pink Floyd, Yes, Cream e Frank Zappa.

Mesmo assim, ele confessa que deixou o gênero de lado quando descobriu o jazz e a bossa nova. "São músicas mais sofisticadas e elaboradas", diz o estudante, que, depois de cinco anos tendo aulas de guitarra, resolveu aprender trompete.



RICARDO MORAES/FOLHAPRESS

P. N. é adepto da valorização dos discos de vinil e de ritmos como o jazz e a bossa nova.

Em vez de MP3 e foto digital, vinil, tricô e câmera manual

Entre seus artistas preferidos, ele cita os “bossa-novistas” Dick Farnley (1921-1987) e Sylvia Telles (1934-1966).

Para ele, o *jazz* não é popular entre os jovens por ser um gênero mais difícil, complexo, que exige uma certa pesquisa dos ouvintes. Mas nem por isso deve ser considerado música velha. “O *jazz* está sempre se renovando”, defende o estudante, que tem amigos de 20 anos com o mesmo gosto.

Tricô e crochê

Já a estudante L. C., 21, que adora fazer tricô e crochê, conta que nos grupos de costura que frequenta só encontra pessoas mais velhas. “Na minha cidade, só conheço pessoas com mais de 50 anos que curtem”, diz.

Ela aprendeu tricô com a avó e crochê com a avó do namorado, há um ano, quando se recuperava de um problema de saúde em casa. “Quando se tem muito tempo livre, é uma beleza. Ocupa a cabeça”, diz L., que agora voltou

a estudar e não consegue mais se dedicar às agulhas como antes.

C. B., 16, adora roupas e objetos antigos. Além de comprar peças em brechó, ela usa calças da mãe, colares da avó, bolsas e chapéus da bisavó. “Eles têm um significado especial, uma história”, diz.

Em vez das modernas máquinas fotográficas digitais, ela prefere usar uma câmera manual do início dos anos 80, que ganhou do pai. “Uma foto assim é mais especial”, conta. Isso é que é uma boa revelação!



ROGÉRIO CASSIMIRO/FOLHAPRESS

FORTINO, Leandro; CASTRO, Letícia de. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm0910200601.htm>> e <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/inde09102006.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2012. © Folhapress.

Glossário

Jazz: música que surgiu no início do século XX, em Nova Orleans, EUA, sob a influência da cultura das comunidades negras da região. É caracterizada pelo improviso e pelas sonoridades e ritmos sincopados.

Vinil: disco de material plástico desenvolvido no início da década de 1950, normalmente de cor preta, utilizado para reprodução musical em um toca-discos.

Anciões: pessoas de idade avançada.

Sebos: local onde se compram e vendem livros usados e discos de vinil.

Brechó: local onde se compram e vendem roupas e objetos usados.

✓ Primeiras impressões



Sugerimos que esta seção seja realizada oralmente, em coletivo, para se caracterizar como uma situação de leitura compartilhada.

1. O que você achou da reportagem? Ela trata o assunto como você imaginou ao observar os destaques, antes da leitura?
2. Na capa do suplemento, como chamada para a reportagem, os jornalistas usam o termo “neovelinhos”. Explique o seu sentido.
3. Quais foram as atividades e os produtos culturais citados no texto que não são muito comuns às gerações mais jovens?
4. Você conhece alguma dessas atividades ou algum desses produtos culturais? O que pensa sobre eles?

... no iní-
Nova Or-
ência da
ides ne-
cterizada
s sonori-
ados.
plástico
da década
de cor
produção
iscos.
ade avan-
compram
s e discos
compram e
os usados.

- 5. O que você acha dessa interação dos jovens com elementos culturais mais ao gosto de gerações mais velhas?
- 6. E o movimento contrário – os mais velhos se interessarem pelos elementos culturais mais ao gosto dos jovens –, você acha que é possível de acontecer?
- 7. Você tem algum gosto em comum com a geração dos seus pais ou avós? Explique sua resposta.
- 8. Leia, a seguir, um trecho do livro de uma psicóloga americana, direcionado aos pais de adolescentes, que fala sobre essa fase do desenvolvimento humano.

“Durante a adolescência, o jovem começa a rejeitar alguns valores de seus pais, suas ideias e seus controles e passa a estabelecer seus próprios limites. Em certo sentido, esse é um processo positivo, é o estabelecimento de sua própria individualidade, seus princípios éticos, seus valores, suas ideias e suas crenças. Para alguns jovens, esse processo ocorre nos primeiros anos da adolescência; em compensação, para outros, chega mais tarde. Para alguns, é uma transição difícil; mas, para outros, é bastante fácil. Os pais com filhos que manifestam um pequeno grau de rebeldia se surpreendem quando escutam histórias de outros pais que fracassaram no relacionamento com seus filhos, experimentando muita angústia, dissabores e desafios diretos.

[...]

A rebeldia normal levará o adolescente a uma vida adulta madura. Esse período construtivo o ajudará a se libertar de seus traços infantis e a desenvolver sua própria independência. Nessa fase, pode ser difícil manter os canais de comunicação abertos. Mas, especialmente nos períodos de dificuldade, tanto os pais como o adolescente devem manter a comunicação e explorar os problemas persistentes. Lembre-se de que o adolescente não pode controlar suas emoções sozinho e de forma racional, tampouco está equipado para enfrentar as intensas emoções de seus pais.”

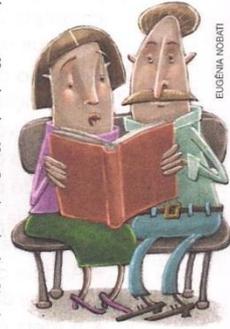
PELT, Nancy Van. *Como formar filhos vencedores: desenvolvendo o caráter e a personalidade*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2006. (Fragmento).

- De acordo com esse trecho e com os textos 1 e 2, como pode ser a relação dos adolescentes com outras gerações?

O texto em construção Avalie a pertinência de propor duplas de trabalho para a realização destes exercícios. Outra opção seria propô-los como lição de casa.

- 1. Releia o primeiro parágrafo da reportagem “Fora de época”.

“Jogo de bocha, partidas de golfe, discos de jazz em vinil, roupas que estavam na moda há mais de 50 anos são elementos do mundo de pessoas que têm pelo menos três vezes a sua idade, não? Na maioria dos casos, sim. Mas só se você não for da turma dos neovelhinhos, que prefere ouvir as vozes da experiência.”



EUGENIA NOBILI

... realizada
e caracterizar
compartilhada.

Leitura e produção

a) Você já viu que as **conjunções** estabelecem relação entre ideias. Leia a explicação no boxe Vamos lembrar e responda:

- I. Que ideias estão sendo conectadas pela conjunção **mas**?
- II. Que tipo de relação a conjunção **mas** estabelece entre essas ideias?

b) Observe novamente este trecho.

“... **se** você não for da turma dos neovelhinhos, que prefere ouvir as vozes da experiência.”

I. Essa frase, isolada do parágrafo, apresenta uma ideia completa que você pode entender fora do contexto? Explique sua resposta.

II. Copie no caderno a alternativa que indica o sentido que a conjunção **se** ajuda a construir na frase em que aparece:

- Sentido de algo que é incerto, só uma possibilidade.
- Sentido de algo sobre o qual não há dúvida.
- Sentido de algo que certamente ocorrerá no futuro.

III. Que ideia essas duas conjunções ajudam a introduzir nesse parágrafo?

- A ideia de que todos os jovens de hoje apreciam os gostos da geração mais velha.
- A ideia de que, ao contrário do que se pensa, há jovens que apreciam as mesmas coisas que as gerações mais velhas.
- A ideia de que, no futuro, muitos outros jovens também vão apreciar os mesmos gostos da geração mais velha.

c) A relação que essas conjunções estabeleceram com as ideias das frases anteriores é importante para a apresentação do assunto da reportagem? Por quê?

d) No segundo parágrafo da reportagem há outro uso da conjunção **mas**. Ela foi empregada com a mesma finalidade que você identificou nas questões anteriores? Explique.

“Muitos deles **nem** completaram 20 anos de idade, **mas** vivem cercados de pessoas de mais de 60 na hora de praticar esportes, por exemplo.”

e) Consulte uma gramática ou um dicionário e apresente outra conjunção que poderia substituir o uso do **mas**.

2. Releia o olho da reportagem.

“Conheça uma galera que aprecia as coisas bacanas de gente que tem até mais de cinco vezes a sua idade”

a) Há nesse trecho um momento em que os jornalistas demonstram a sua posição sobre o que estão falando. Qual?

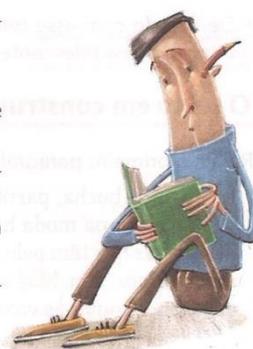
b) O que a frase indica sobre a posição dos jornalistas em relação ao assunto da reportagem?

c) Que modificação poderia ser feita na frase para que a posição dos jornalistas não ficasse tão evidente?

Vamos lembrar

Conjunções que ligam ideias

As **conjunções** fazem parte das palavras que chamamos de **conectivos** porque nos ajudam a apresentar as nossas ideias e ligá-las, **conectá-las** de modo coerente, ao construirmos nossos textos. Exemplos de conjunções: *mas, porém, entretanto, porque, por isso, portanto, se, ou, enquanto, etc.*



EUGÊNIA NOBATI

3. Observe as fotos que compõem a reportagem.
- Elas dão alguma informação sobre o perfil econômico, social ou cultural das pessoas que são assunto da reportagem? Explique.
 - As atividades e os produtos culturais que são citados no texto como os que as pessoas de gerações mais velhas apreciam dão alguma indicação sobre a classe econômica, social ou cultural a que pertencem? Explique.
 - A reportagem foi publicada em um suplemento para jovens. Você acha que qualquer jovem leitor tem acesso às atividades e produtos culturais mencionados no texto?
 - Considerando as respostas dadas aos itens anteriores, você acredita que esse texto foi destinado a qualquer jovem leitor brasileiro?
4. Tanto os repórteres quanto um dos adolescentes entrevistados usam o termo *velhinhos*. O uso do diminutivo, nesse caso, produz algum efeito de sentido importante para a reportagem? Explique.
5. Como já foi dito, a reportagem é destinada ao público jovem. Copie em seu caderno as estratégias ou recursos indicados abaixo que foram usados pelos repórteres para se aproximarem desse público.
- Embora a reportagem apresente uma linguagem que segue as normas da gramática normativa, recorre ao uso de expressões próprias da linguagem do jovem.
 - Os repórteres apresentam um texto em que predomina o uso da linguagem mais informal e com gírias, própria dos jovens.
 - Há muito destaque para as imagens que trazem conteúdo com o qual o leitor a que se destina o texto possa se identificar.
 - Os jornalistas trazem para o texto a voz dos jovens para que os leitores se identifiquem, apresentando suas falas para torná-lo mais dinâmico.
 - Trazem para o texto a voz de especialistas no assunto para dar-lhe mais profundidade e torná-lo mais confiável.
6. Justifique suas escolhas na questão anterior, exemplificando as estratégias e recursos usados pelos jornalistas. Se necessário, recorra a trechos, palavras ou expressões do texto.

Produção: crônica



Ver, no Manual do Professor, orientações a respeito desta seção.

A vida é **crônica!** E a **crônica** uma prosa à toa...
 Sabe aquele mico que um dia você pagou por causa dos seus pais? Ou aquela briga de namorados que você presenciou no pátio da escola ou na lanchonete? Ou, ainda, aquela experiência "irada" ou hilária que você viveu com alguém? Fique esperto! Saiba que tudo o que acontece em sua vida pode acabar em **crônica!**
 Certamente você já leu várias crônicas em sua vida de leitor, mesmo sem saber que eram crônicas.
 Agora chegou o momento de conhecer mais de perto esse gênero para você se preparar e produzir a sua própria crônica, no final desta unidade.

Capítulo
3

Operadores argumentativos

Glossário

Mazelas:
problemas.

Como é que é?

- Quais são as palavras que nos ajudam a articular as ideias em um texto argumentativo?
- Como são usadas?

▼ Leia o texto a seguir.

[...]

Com a molecada em casa mais cedo, diminui o risco de contato da galera com drogas, bebidas alcoólicas e pessoas de índole criminoso. Além disso, aumenta o convívio familiar, o que é saudável tanto para o desenvolvimento dos jovens quanto para os pais, que assumem maior responsabilidade pelos filhos.

Com o toque de recolher, evita-se que quem estuda à noite mate aula para ficar zanzando pelas ruas. Para os que estudam de manhã, a medida também tem efeito positivo, já que eles voltam para casa e dormem mais cedo, acordando mais dispostos no dia seguinte. [...]

SIM

DEVE HAVER TOQUE DE RECOLHER PARA OS JOVENS?

A galera sempre teve hora de voltar para casa, só que, agora, quem manda não são os pais, mas a polícia. Mais de 20 cidades brasileiras, em dez estados, adaptaram o toque de recolher para os jovens, e outras tantas estudam adotá-lo. Em geral é assim: menores de 18 anos flagrados nas ruas após as 23 horas são levados para casa ou detidos até que os pais os busquem. A lei visa reduzir a criminalidade entre jovens. Será esse o caminho?



Essa é uma solução frouxa, que só mascara as mazelas reais. É óbvio que, com menos pessoas nas ruas, o índice de criminalidade cai. Mas o problema da insegurança continua, e medidas como melhoras no policiamento e políticas sociais são evitadas. Em vez de tirar os jovens das ruas, devia-se torná-las mais seguras.

[...]

Com essa lei, os jovens crescem numa espécie de "bolha social", sem contato com a realidade à sua volta. Além disso, impede-se um aspecto essencial da vida, a socialização. Por exemplo, como um cara vai conhecer uma menina numa festa, se é obrigado a estar em casa vendo TV? [...]

NÃO

Fontes: Conselho Nacional de Justiça (CNJ); Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda); Conselho Tutelar das Cidades de Fernandópolis (SP), Mozarlândia (GO) e Patos de Minas (MG).

Mundo Estranho, São Paulo, out. 2009, p. 10. (Fragmento).

Cad. Prof. p. 113 a 115 OPERAÇÕES ARGUMENTATIVAS

Converse com a turma

- 1. Explique o que é o "toque de recolher para jovens". *Eles não podem ficar nas ruas após esse horário*
- 2. Observe as fontes mencionadas no fim do texto. O que elas teriam fornecido aos jornalistas que prepararam a matéria? *for dessas fontes que vieram os argumentos a...*
- 3. Como os jornalistas organizaram, na matéria, os argumentos favoráveis e contrários ao toque de recolher? *Eles colocaram de um lado os argumentos favoráveis e do outro os contrários sem identificar a quem eles pertencem.*
- 4. Qual dos grupos de argumentos lhe parece mais convincente? Por quê?

- 1. Na Unidade 1 do Caderno de Leitura e produção você aprendeu a diferenciar **opinião, argumento e contra-argumento**.
 - a) Qual a diferença entre **opinião** e **argumento**? *Op. expressão do que pensamos a respeito de algo ou alguém. AR. justificativas ou exemplificações que usamos para defender essa opinião*
 - b) Qual a diferença entre **argumento** e **contra-argumento**? *arg são fatos, exemplos ou citações que usamos para justificar uma opinião. C.A são arg que usamos para refutar as ideias de outros.*
- 2. Leia este trecho do texto e responda no caderno às questões a seguir.

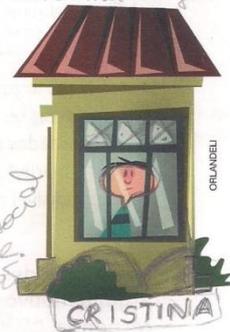
Essa é uma solução frouxa, que só mascara as mazelas reais. É óbvio que, com menos pessoas nas ruas, o índice de criminalidade cai. Mas o problema da insegurança continua, e medidas como melhoras no policiamento e políticas sociais são evitadas. Em vez de tirar os jovens das ruas, devia-se torná-las mais seguras.

- a) No início do trecho, qual argumento é usado para justificar a opinião de que o toque de recolher apenas "mascara as mazelas reais"? *o de que com menos pessoas nas ruas o índice de criminalidade decai (isso mascara os problemas reais).*
- b) Esse argumento também poderia ser utilizado por alguém que pensasse diferente do enunciador, ou seja, por alguém que defendesse o toque de recolher? Explique. *Sim, porque a pessoa a favor do toque poderia argumentar que o índice de criminalidade realmente cai com essa medida.*
- c) Podemos dizer, portanto, que a frase "Mas o problema da insegurança continua, e medidas como melhoras no policiamento e políticas sociais são evitadas" introduz um contra-argumento? Por quê? *Sim, podemos dizer que ela introduz um contra-argumento, porque o enunciador a utiliza para refutar*
- d) Qual foi a palavra ou expressão usada para introduzir essa frase? Ela parece adequada à situação? Por quê?

- 3. No trecho a seguir há dois argumentos.

Com essa lei, os jovens crescem numa espécie de "bolha social", sem contato com a realidade à sua volta. Além disso, impede-se um aspecto essencial da vida, a socialização. Por exemplo, como um cara vai conhecer uma menina numa festa, se é obrigado a estar em casa vendo TV?

- a) Qual é o primeiro argumento? *eles crescem numa bolha social sem contato e/ou a realidade.*
- b) Qual é o segundo argumento? *impede-se a socialização*
- c) Os dois argumentos defendem a mesma opinião ou cada um defende uma opinião contrária à outra? *defendem a mesma opinião*
- d) Qual foi a palavra ou expressão usada para acrescentar um novo argumento a outro? *A expressão além disso*
- e) Que estratégia o autor utilizou para reforçar o último argumento? *ele apresentou um exemplo*
- f) Que palavra ou expressão foi usada para introduzir esse reforço? *A expressão por exemplo*



Estudos de língua e linguagem

4. A seguir, apresentamos uma versão de um trecho do texto. Leia o trecho original e a versão e responda às questões no caderno.

- I. Com a molecada em casa mais cedo, diminui o risco de contato da galera com drogas, bebidas alcoólicas e pessoas de índole criminosa. Além disso, aumenta o convívio familiar [...].
- II. Com a molecada em casa mais cedo, diminui o risco de contato da galera com drogas, bebidas alcoólicas e pessoas de índole criminosa. Mas aumenta o convívio familiar [...].



- a) Você deve ter reparado que I e II expressam sentidos diferentes. O que gerou essa diferença? *O emprego da locução conjuntiva além disso, em I e da conj. mas, em II.*
- b) Você diria que o segundo trecho teria sentido se considerarmos o contexto da discussão? *Não, considerando que, por princípio, o convívio familiar seja algo positivo, o segundo enunciado não tem lógica. Ao usar a conj. mas, as duas ideias foram*

5. Leia outro trecho e, a seguir, uma versão dele.

- I. Para os que estudam de manhã, a medida também tem efeito positivo, já que eles voltam para casa e dormem mais cedo, acordando mais dispostos no dia seguinte.
- II. Para os que estudam de manhã, a medida também tem efeito positivo, porém eles voltam para casa e dormem mais cedo, acordando mais dispostos no dia seguinte.

- a) Segundo o trecho I, por que o toque de recolher tem efeito positivo para quem estuda de manhã? *porque os alunos voltam para casa, dispostos para o dia seguinte e dormem mais cedo e acordam*
- b) Que expressão foi usada, no texto, para introduzir a explicação dada na resposta da questão anterior? *Já que*
- c) A relação entre as ideias proposta no trecho I faz sentido? Explique. *Sim. Todas sabem que dormir cedo e acordar sem dispostos é algo positivo.*
- d) E a relação proposta entre as ideias no trecho II? Ela também faz sentido? Explique. *Não. O trecho contrapõe o efeito positivo do toque de recolher ao fato de os alunos voltarem para casa mais cedo e ficarem mais dispostos. Se não fosse assim, não poderia ser considerado algo negativo.*
- e) Que palavras ou expressões geraram a diferença de sentido entre I e II? *A conjunção porém e a locução conjuntiva já que.*

Operadores argumentativos
 As palavras ou expressões que ajudam a articular argumentos num texto são chamadas de **operadores argumentativos**.
 O uso inadequado desses operadores pode deixar o texto incoerente, incompreensível ou sem sentido.

6. Nas atividades anteriores, você analisou a função dos operadores argumentativos *mas, além disso, já que e por exemplo*. Leia-as e responda.

- a) Para que o operador *mas* foi usado no trecho analisado? *O operador mas foi usado para introduzir uma ideia que contraria a anterior (no caso era um contra-argumento da primeira ideia).*
- b) Qual é a função do operador *além disso* no trecho analisado? *acrescentar um argumento a outros.*
- c) Qual é a função do operador *por exemplo* no trecho analisado? *reforçar um argumento*
- d) Qual é a função do operador *já que* no trecho analisado? *introduzir uma explicação*

Existem outros operadores com a mesma função daqueles vistos nas atividades anteriores. Confira.

Têm a mesma função de além disso	Têm a mesma função de mas	Têm a mesma função de já que	Têm a mesma função de por exemplo
e, também, ainda, não só... mas também, tanto... como, bem como, assim como, além de, além do mais, ademais, ainda por cima, para completar	porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto embora, ainda que, mesmo que, apesar de que	porque, que, pois	como, assim, desse modo, dessa maneira

Outros tipos de operadores argumentativos

1. Leia este enunciado.

O toque de recolher diminui o risco de contato da galera com drogas e bebidas alcoólicas, aumenta o convívio familiar, evita que quem estuda à noite mate aula para ficar zanzando pelas ruas, ou pelo menos faz com que os jovens vão para a cama mais cedo.

O toque de recolher diminui o risco de contato da galera com drogas e bebidas alcoólicas.

- a) Qual é o argumento mais forte, isto é, aquele que tem mais chances de convencer o interlocutor?
- b) Qual é o menos importante? fazer os jovens irem cedo pra cama
- c) Qual é a palavra ou expressão que introduz o argumento menos importante? Ou pelo menos

2. Leia agora este outro enunciado.

O toque de recolher não tira os bandidos da rua e isso faz com que os políticos demorem para pôr em prática medidas como melhoras no policiamento; logo, a ação não contribui para diminuir de fato a violência.

No trecho acima, há dois argumentos e uma conclusão.

- a) Quais são os argumentos? O toque de recolher não tira os bandidos da rua e as medidas como melhoras no policiamento.
- b) Qual é a conclusão? não contribui para diminuir de fato a violência.
- c) Qual é a palavra ou expressão que articula argumento e conclusão? Logo

Além dos que já estudamos, existem outros tipos de operadores argumentativos. Confira.

Marcam uma gradação numa série de argumentos (do mais forte para o mais fraco ou vice-versa)	Marcam uma relação de conclusão
até, mesmo, até mesmo, inclusive, ao menos, pelo menos, no mínimo, no máximo, quando muito	portanto, logo, por conseguinte, pois

- contrapor argumentos (mas, porém, no entanto, todavia, embora, ainda que)
- explicar (já que, mesmo que, apesar de que)

Estudos de língua e linguagem

- marcar uma graduação (at least, inclusive, no máximo)
- introduzir uma conclusão (portanto, por conseguinte, pois, logo)

Então ficamos assim...

Chegou a hora de retornarmos às perguntas feitas no início deste capítulo.

- Quais são as palavras que nos ajudam a articular as ideias em um texto argumentativo?
- Como são usadas?

Junte-se a um colega, escrevam uma síntese sobre o que discutiram neste capítulo e pensem em exemplos para cada caso.

- reforçar argumentos (por exemplo, como, assim, desse modo, dessa maneira)

As palavras que nos ajudam a articular ideias em uma argumentação são os operadores argumentativos.

Os operadores argumentativos são usados para:

- acrescentar um argumento a outro (além disso, e, também, ainda, não só... mas também, tanto... como, além de, além do mais, ademais)

Atividades

1. A seguir, você lerá algumas das chamadas para matérias disponíveis no site da revista *Atrevidinha*.

☆ **Colar ou não colar?** — Passar a perna no professor pode parecer esperteza, mas, acredite, a maior prejudicada é você. Ser esperta mesmo é ser independente.

.....

☆ **Ctrl C + Ctrl V** — Dar dois cliques no mouse parece ser uma maneira muito eficiente para resolver, sem estresse, um trabalho complicado. Mas copiar material de internet, além de não ajudar nadinha no seu aprendizado, pode colocá-la numa grande confusão.

.....

☆ **SOS volta às aulas** — O primeiro dia de aula é o máximo. Por mais que a gente adore as férias, não podemos negar que sempre ficamos empolgadas em rever os amigos, contar todas as novidades e rever aquele gatinho. [...]

.....

Operadores revelam intenções

Nenhum texto é neutro, ou seja, sempre traz marcas da opinião do autor sobre o que está escrito. Até para escrever um texto expositivo o autor escolhe o tema e as palavras que mais lhe agradam e, por isso, sua posição sobre o assunto fica de alguma forma lá marcada. Assim, os operadores argumentativos também podem aparecer em textos de diversos tipos, revelando as intenções discursivas do autor. Por isso, estar atento ao emprego desses operadores é importante tanto na hora de escrever quanto na hora de ler um texto.

Glossário

- **Ctrl C + Ctrl V:** referência aos comandos que, no computador, são usados para copiar e colar algo, como um texto, uma imagem ou um arquivo.
- **Novis:** gíria para novidades.

Disponível em: <www.atrevidinha.uol.com.br>. Acesso em: 27 fev. 2012. (Fragmento adaptado).

- No caderno, reescreva os períodos em que aparecem as palavras e expressões destacadas, substituindo-as por outros operadores argumentativos de sentido equivalente. Atenção: em alguns casos será necessário fazer adaptações no texto.

2. Leia um texto extraído de outra publicação voltada aos jovens: a revista *Mundo Estranho*.